

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E
AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ANA PAULA DE MESQUITA AZEVEDO

TROCAS COMUNICATIVAS SOBRE A VIOLÊNCIA:
Experiências intersubjetivas do Movimento pela Vida

BELÉM- PARÁ
2018

ANA PAULA DE MESQUITA AZEVEDO

**TROCAS COMUNICATIVAS SOBRE A VIOLÊNCIA:
Experiências intersubjetivas do Movimento pela Vida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Alda Cristina Silva da Costa

BELÉM-PARÁ
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AZEVEDO, ANA PAULA DE MESQUITA

TROCAS COMUNICATIVAS SOBRE A VIOLÊNCIA: : experiências intersubjetivas do Movimento Pela Vida / ANA PAULA DE MESQUITA AZEVEDO. — 2018

149 f. : il. color

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM), Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

Orientação: Profa. Dra. ALDA CRISTINA SILVA COSTA

1. COMUNICAÇÃO. 2. INTERSUBJETIVIDADE. 3. MOVIDA. 4. VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA . I. COSTA, ALDA CRISTINA SILVA , *orient.* II. Título

CDD 302

ANA PAULA DE MESQUITA AZEVEDO

TROCAS COMUNICATIVAS SOBRE A VIOLÊNCIA:
Experiências intersubjetivas do Movimento pela Vida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal
do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Ciências da Comunicação.

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data:

Prof.^a Dr.^a Alda Cristina Silva da Costa - Orientadora (PPGCom/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Célia Regina Trindade Chagas Amorim (PPGCom/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Katia Marly Leite Mendonça (PPGSA/UFPA)

BELÉM-PARÁ
2018

*Para Salomé, minha mãe, e Victor, marido, que
são minha força, sustentação e parte integrante
das minhas experiências no mundo da vida.*

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho só foi possível porque, durante as minhas vivências, encontrei pessoas para realizar as trocas de experiências de afeto, ajuda, amor, bem-querer, amizade e energias do bem. Pessoas que sempre estarão próximas a mim, mesmo que nas lembranças e no coração, fazendo parte do meu mundo da vida. Assim, agradeço à minha mãe, Salomé, que me ensinou generosidade e a ser forte; em todo esse tempo que juntas estamos, vem sendo exemplo de amor, doação, humor e honestidade.

Ao marido, Victor, pelo companheirismo, por sempre estarmos junto na luta e pela compreensão quando estive ausente.

À professora e orientadora, Alda Costa, que me acompanhou desde a graduação. Por sempre ter paciência e generosidade para me ensinar a ser pesquisadora. Pessoa de grande sensibilidade e de um olhar crítico, mas afetuoso sobre as orientandas. É uma mãezona que, se necessário, dá alguns puxões de orelha. Obrigada por chamar de atenção, porque sei que é para o meu crescimento.

Ao PPGCom e a todos professores que ministraram aulas, pois foram fontes de provocações e inquietações; tantas inquietações que, de uma das aulas, surgiu o autor principal desta pesquisa. Agradeço à Juliana, a servidora do PPGCom que sempre está preparada a nos atender e responder a todas as nossas dúvidas com paciência.

Às professoras Célia Trindade e Kátia Mendonça, por acompanharem essa jornada do mestrado participando nas bancas de qualificação. As contribuições foram muito importantes para a construção desta pesquisa. Obrigada pelas críticas, generosidade e por aceitarem participar do desenvolvimento desta pesquisa.

A toda a turma do projeto Mídia e Violência, pela dedicação, comprometimento e responsabilidade com a pesquisa e com a causa no combate à violência na mídia.

Às integrantes do Movimento pela Vida, minha admiração e respeito por todas vocês, pois fazem ver que, ainda diante da dor, é possível ter uma vida de esperança e alegria, mesmo quando aperta a saudade. Há sempre momentos para renovar-se e nunca perder a fé. Obrigada por me permitir entrar no cotidiano do Movida.

Por fim, àquele que é o maior, Deus, obrigada pela força para não esmorecer, pela fé em acreditar que o melhor sempre está por vir, por me fornecer calma nos momentos em que teria tudo para me desesperar, pela luz nos tempos em que ideias poderiam me faltar e por me permitir ter acesso a essa troca de experiências, que me trouxe não só o conhecimento científico, mas sabedoria para uma vida toda.

*[...] Covardes, as autoridades
Zombam da situação
Político esperto explora o medo
E qualquer sentimento da população
A violência estúpida afeta todo mundo
Menos esses vagabundos lá da cúpula
Corrupta, hipócrita e nojenta
Que alimenta essa guerra
E, da guerra, há muito tempo se alimenta
Se morre mais um assaltante ou assaltado, tanto faz
Pra eles, nós somos todos iguais
Operários, empresários e presidiários e policiais:
Nós somos os otários ideais
Será que alguém duvida
Que a fortuna da corrupção bem investida
Teria salvo dezenas, centenas, milhares, milhões de vidas?
Desde que eu me conheço por gente
E até muito antes, quantas mortes de inocente
Valem cada anel de brilhante?
Governantes dão mal exemplo
E os valores são invertidos
Se o desonesto é malandro
O menor também quer ser bandido
Alguns, né, a minoria
Mas não o bom Jeremias, que cresceu lá na Maré
Com fé e sabedoria
Lendo livros, jogando uma bola
Estudando violão e bateria
A mãe desmaiou no enterro
Você não desmaiaria?
Que força você teria pra enterrar o seu garoto?
Que forças ainda temos
Pra nos amar, uns aos outros?
E nos armar de indignação por justiça e educação
Pra que essas e outras crianças
Não tenham morrido em vão*

(Trecho da música de Gabriel O Pensador em homenagem às crianças vítimas de violência no Rio divulgada no programa Fantástico dia 11 de fevereiro de 2018).

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender a experiência comunicativa ou trocas de experiências estabelecidas, no cotidiano, pelas pessoas afetadas pela violência, a partir de integrantes do Movimento pela Vida e suas narrativas da dor. Partimos da reflexão sobre o mundo da vida cotidiana em Schtuz (2012), em que a realidade é construída socialmente através do conhecimento e das diferentes atribuições de sentidos dadas pelos indivíduos em determinados contextos. Nesta perspectiva, a intersubjetividade se constitui em elemento essencial na construção social dos sentidos. Na pesquisa, tomo as narrativas da dor das integrantes do Movimento pela Vida (Movida), entidade criada, informalmente em 2005, com a finalidade de acolher vítimas de violência em busca de justiça. Observo, assim, que essa relação das integrantes do Movida ocorre pelas narrativas da dor e por recursos comunicacionais que esse movimento social utiliza para as suas trocas de experiências intersubjetivas. Esses recursos ou estratégias comunicacionais utilizadas pelo grupo são mediadores das subjetividades, tendo papel central na construção da realidade, ao evidenciar alguns acontecimentos do mundo da vida. Para compor esta compreensão de sobre essa troca de experiência, buscamos em Simmel (2006) o conceito de sociação, no qual os indivíduos se aproximam uns dos outros na busca de um mesmo fim. E na compreensão da narrativa do testemunho, para entender a necessidade da divulgação da dor narrada pelo grupo. Na escuta de cinco participantes do Movida, trabalhamos com a pesquisa qualitativa, que tem como objetivo a compreensão como princípio do conhecimento e a interpretação da construção da realidade, considerando aspectos da fenomenologia, conjugando métodos da pesquisa de observação participante e entrevista em profundidade. Dessa forma, percebemos nas entrevistas que as integrantes consideram o Movida como um lugar onde elas podem compartilhar a dor e encontrar pessoas que entendam a situação em que elas se encontram. No grupo, elas localizam indivíduos semelhantes, com quem as trocas de experiências são realizadas a cada encontro do Movida.

Palavras-chave: Comunicação. Intersubjetividade. Movida. Vítimas de violência.

ABSTRACT

The present research seeks to understand the communicative experience or exchanges of experiences established, in the daily life, by the people affected by the violence, from members of the Movement for Life and their narratives of pain. We start from the reflection on the world of everyday life in Schtuz (2012), in which reality is socially constructed through knowledge and the different attributions of meanings given by individuals in certain contexts. In this perspective, intersubjectivity is an essential element in the social construction of the senses. As a research object, I take the pain narratives of the Movement for Life (Movida), an entity created informally in 2005, with the purpose of hosting victims of violence in search of justice. I observe, therefore, that this relation of the members of Movida occurs through narratives of pain and communication resources that this social movement uses for its interchanges of intersubjective experiences. These resources or communication strategies used by the group are mediators of subjectivities, playing a central role in the construction of reality, by highlighting some events in the world of life. To compose this understanding of this exchange of experience, we seek in Simmel (2006) the concept of sociation, in which individuals approach each other in the search for the same end and in the understanding of the narrative of the testimony, in order to understand the necessity of the disclosure of the pain narrated by the group. In listening to five participants of Movida, we work with qualitative research, which aims to understand as a principle of knowledge and interpretation of reality construction, considering aspects of phenomenology, combining methods of participant observation research and in-depth interview. In this way, we perceive in the interviews that the members consider Movida as a place where they can share the pain and find people who understand the situation in which they find themselves. In the group, they locate similar individuals, with whom the exchanges of experiences are carried out at every encounter of Movida.

keywords: Communication. Intersubjectivity. Movida. Victims of violence.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Reunião na Praça da República em 11 maio 2017	27
Quadro 1 - Perfil dos integrantes do Movida	28
Figura 2 - Grupo Movida na Praça da República	46
Figura 3 - Caminhada pelo dia estadual do Movimento Pela Vida e Pela Paz	49
Figura 4 - Movida – Praça da República - 26/06/16	50
Quadro 1 - Perfil dos integrantes do Movida	28
Quadro 2 - Perfil das entrevistadas	88
Figura 5 - Cartaz da Caminhada pela Vida e pela Paz de 2018	94
Figura 6 - Caminhada pela Vida e pela Paz em 10 jan. 2017.....	95
Figura 7 - Banners na concentração da Caminhada Pela Vida e Paz	96
Figura 8 - Manifestação durante a Caminhada pela Vida e pela Paz	97
Figura 9 - Praça da República – 30/10/2016	99

APRESENTAÇÃO

Desenvolver um trabalho sobre violência é difícil. É difícil porque é um problema que assusta a todos. E envolve emoções. Emoções essas para o bem e para o mal. Para o bem com o desenvolvimento ou o aflorar da solidariedade, do sentimento de compaixão e empatia. Para o mal, com a raiva, o ódio travestido em sentimento de justiça e o medo que paralisa.

Esta pesquisa foi um encontro de emoções e sentimentos. Do respeito e do amor. Estar em contato com mães que perderam seus filhos para a violência foi um aprendizado. Assim, aos poucos, fui descobrindo cada mulher, cada mãe integrante do Movimento Pela Vida (Movida). Fui, com muito respeito, penetrando no seu “Eu”, nos seus sentimentos, suas dores e saudades. E aos poucos já estava envolvida por todo aquele amor que fortifica aquelas mulheres.

A cada visita que fazia ao grupo na praça da República era um momento em que trocava experiências. E com essas experiências nos conhecíamos cada vez mais. Foi muito difícil lidar com as dores e saudades de cada uma delas. A cada contato que tinha com sua dor, eu me envolvia na emoção. Era difícil de controlar e segurar o choro. Pude, assim, constatar as experiências delas sobre a violência, porque com as nossas trocas, elas me permitiram entrar na sua intimidade, no seu sofrimento. E isso para mim foi grande. Sublime.

Foi uma pesquisa em que aprendi a ser mais humana e a tentar entender sobre o que é ser mãe. Sobre essa grandeza de ser mãe. Do amor de mãe, que para mim ainda é angustiante compreender. Olhar a violência por esse viés, pelo viés de mulheres que perderam seus entes queridos para a violência, só me trouxe como pesquisadora, não somente a riqueza da ciência, da pesquisa, mas a riqueza do ser humano. Do quanto ele pode ser sublime, generoso e grande quando se permite.

Assim, esta pesquisa, é do afeto e da compreensão do problema da violência numa perspectiva da experiência intersubjetiva, que permite entrever por meio da dor e da saudade dessas mães e mulheres, o sentimento de solidariedade e empatia que permeia as relações do grupo. É olhar para a violência sem que seja impune e que a justiça prevaleça. Que este trabalho seja inquietações para muitos outros.

Ana Paula Mesquita
Belém, março de 2018

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	133
1.1	Diálogos com Schutz	144
1.1.1	A intersubjetividade no mundo da vida	155
1.2	O Tema	155
1.2.1	Problema de pesquisa	177
1.2.2	Objetivos.....	188
1.3	Mundo da vida cotidiana.....	199
1.4	Comunicação e intersubjetividade	199
1.5	Narrativas midiáticas	211
1.6	Panorama dos capítulos	244
1.7	Procedimentos metodológicos.....	266
2	COMUNICAÇÃO E O MUNDO DA VIDA	300
2.1	O mundo dos sentidos.....	300
2.2	O indivíduo em grupo e a sua força social.....	389
2.3	A midiáticação nas relações sociais	444
2.3.1	A sociabilidade midiaticada do Movimento pela Vida (Movida)	456
2.3.2	O Movida midiaticado	488
2.4	A empatia.....	50
2.5	As interações comunicativas no mundo da vida	533
2.5.1	A relação diante do outro.....	555
3	VIOLÊNCIA E DOR: UMA EXPERIÊNCIA NARRATIVA	599
3.1	Experiência da dor.....	599
3.2	As experiências quotidianas.....	622
3.3	O testemunho	677
3.4	As narrativas	788
4	EXPERIÊNCIAS COMUNICACIONAIS DAS PESSOAS AFETADAS PELA VIOLÊNCIA	833
4.1	Percurso metodológico	833
4.1.1	A estratégia metodológica na pesquisa-ação	855
4.1.2	Pesquisa de observação.....	866
4.1.3	Entrevistas.....	877
4.2	As mulheres e mães do Movimento pela Vida.....	911
4.2.1	Caminhada pela Vida e Paz	933

4.2.2	Movida na Praça da República	977
4.3	Uma troca de experiência.....	10101
4.3.1	D. ^a Iranilde	10101
4.3.1.1	Narrativas de D. ^a . Iranilde	1022
4.3.2	Narrativas de D. ^a . Andreлина	1099
4.3.2.1	Trocando experiências com D. ^a . Andreлина	1100
4.3.2.2	D. ^a . Andreлина e o Movidá.....	1133
4.3.2.3	D. ^a . Andreлина e a mídia	1155
4.3.3	Narrativas de Edjane.....	1166
4.3.3.1	Experiências com a dor de Edjane.....	1188
4.3.3.2	A relação de Edjane e o Movidá.....	12020
4.3.3.3	Edjane e sua experiência com a mídia	1222
4.3.4	Narrativas de Nazaré.....	1233
4.3.4.1	A experiência de Nazaré com a dor	1244
4.3.4.2	Nazaré e a relação com o Movidá.....	1266
4.3.4.3	A experiência de Nazaré com a mídia	1288
4.3.5	Narrativas de D. ^a . Ana	1300
4.3.5.1	A experiência da dor de D. ^a . Ana.....	1311
4.3.5.2	D. ^a . Ana e o Movidá.....	1344
4.3.5.3	A experiência com a mídia	1355
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	1400
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	1444
	APÊNDICE A - APROVAÇÃO DA PESQUISA NO SISTEMA NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA	1477
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	1488

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasce da inquietação com relação às narrativas midiáticas de violência. O ponto de partida para a criação do projeto, que culminou hoje nesta pesquisa, deu-se em 2011, quando estávamos pensando no tema da monografia da graduação. O tema mídia e violência surgiu na observação do dia a dia, pois durante estágio na Delegacia Geral da Polícia Civil do Pará, observava o interesse dos funcionários em ler o caderno Polícia do jornal *Diário do Pará*. Observava também que, nas ruas, os cobradores de ônibus compravam o jornal e procuravam ler imediatamente o caderno Polícia. Essa experiência que tive na Delegacia Geral da Polícia Civil me estimulou a pesquisar sobre violência e comunicação. Observar o interesse das pessoas pelo jornalismo policial me inquietava.

A experiência na Agência Unama de Comunicação pelos Direitos da Criança e do Adolescente também contribuiu para esse processo de escolha do tema. O olhar crítico sobre as matérias dos jornais paraenses ficou ainda mais apurado, tornando-se intensa a ânsia de fazer um jornalismo diferenciado e voltado ao social.

Com a decisão quanto ao tema, as primeiras referências sobre mídia e violência foram a dissertação de mestrado de Costa (2004) e o livro de Ramos Paiva (2007) que aborda a cobertura policial. Tais referências foram fundamentais para a realização do meu trabalho de conclusão de curso, intitulado *Jornalismo policial contemporâneo: construção do discurso no caderno de polícia*. Nesse trabalho, realizei análise de discurso do caderno Polícia do jornal *Diário do Pará*, com o intuito de entender o jornalismo policial construído nessa publicação diária.

No mesmo momento em que a pesquisa era construída para a monografia, surgiu a indagação sobre a relação entre os cadernos policiais impressos e o indivíduo. A intenção era continuar pesquisando o tema comunicação e violência. Agora a partir de uma outra abordagem, a das relações dos indivíduos com o mundo, com a sociedade, com o cotidiano e tudo o que permeia esse mundo social e dos sentidos.

A esse respeito, Capalbo (1998) explica que o mundo intersubjetivo na vida cotidiana é um mundo composto por seres humanos dotados de inteligência e sentimentos, que são capazes de agir e conhecer. Porém, as interpretações dos indivíduos são diferenciadas entre si, pois cada um deles elabora uma compreensão de acordo com a sua situação no mundo e suas vivências. Cada indivíduo tem seu mundo dos sentidos. “Assim o mundo me parece sob um certo prisma, sob uma certa ótica, sob uma perspectiva determinada, e eu o organizo num sistema de coordenadas cujo o centro sou eu” (CAPALBO, 1998, p. 52).

Esse indivíduo, segundo Capalbo (1998), tem um sistema de coordenadas sobre o mundo a partir do ponto de vista de onde ele vive e se encontra, sendo diferente do sistema de outros. Cada indivíduo tem sua interpretação da vida e de tudo que a cerca. Para a autora, em diálogo com Schutz, a organização social do mundo está sob um sistema básico, com duas coordenadas: “aqui (onde eu estou) – lá (onde meu semelhante está). Jamais podemos estar no mesmo lugar e ter a mesma posição, estar os dois aqui e lá” (CAPALBO, 1998, p. 52).

Compreendemos que cada um tem sua interpretação sobre as coisas no mundo da vida. Cada indivíduo, de acordo com suas vivências e contextos, interpreta o mundo de maneira diferente de seu semelhante, considerando suas experiências, que são diferentes entre si. Cada um vai entender a violência no mundo da vida à sua maneira, com bagagens culturais adquiridas durante toda a vida.

A proposta desta pesquisa surgiu nos encontros do projeto Mídia e Violência, coordenado pela pesquisadora Alda Cristina Costa, com reflexões e análises sobre a cobertura da violência nos veículos de comunicação da Amazônia paraense, assim como sobre a construção narrativa dos acontecimentos e a interação com os indivíduos em sociedade. Portanto, ousou dizer que a proposta surgiu de um trabalho no qual se engajaram muitas mentes e corações inquietos com a abordagem sobre a violência na mídia.

Neste sentido, a pesquisa do mestrado em Ciências da Comunicação busca refletir sobre a relação entre as pessoas que tiveram experiências com a violência e o mundo da vida. Entendemos essa relação no mundo da vida como trocas de experiências, nas quais observamos também a relação com a mídia, sobretudo, entre as integrantes do grupo estudado e a sociedade. Assim, buscamos compreender a intersubjetividade entre as integrantes do Movidá e a violência no mundo da vida.

1.1 Diálogos com Schutz

Na compreensão dessa intersubjetividade, recorreremos ao sociólogo Alfred Schutz, para quem sempre estamos nos relacionados uns com outros; seja na família, seja no trabalho, seja na escola, seja entre amigos, a todo instante estamos interagindo com o outro e com o mundo. Essa reciprocidade não se dá apenas em relações humanas, mas também com objetos, que assim como os indivíduos, carregam um universo simbólico de representações e valores. A intersubjetividade é a capacidade de o homem se relacionar com o seu semelhante e assim manter um processo de interação com o outro. Estar em interação com esse outro, implica estar

em negociação com ele, bem como permitir que o mundo do outro, unindo-se ao nosso, interfira na ação social. A intersubjetividade é a dimensão mental da vida social, conforme interpretação de Castro (2012, p. 54) sobre o pensamento schutziano, “em última instância, a proposição colocada por Schutz é de que experiência e ação são atos correlatos que não resultam de uma mente produtora de sentidos, mas da conexão de diversas mentes”.

1.1.1 A intersubjetividade no mundo da vida

Alfred Schutz (2012) se preocupou em investigar o que ele chama de “mundo da vida cotidiana”, incentivando os estudos dos sistemas, das instituições e os estudos das relações face a face. Suas principais referências na sociologia foram Husserl e Weber, pesquisadores relevantes para o escopo das pesquisas de Schutz e para a formação da teoria da Fenomenologia Social. “Pode-se dizer que a obra de Schutz surge da confluência entre fenomenologia husserliana e a sociologia compreensiva weberiana. Weber foi a influência consolidadora de Schutz. A princípio por suas teorias dos tipos ideais [...]” (CASTRO, 2012, p. 53).

Ao longo de seus estudos sobre a fenomenologia social, Schutz elencou algumas questões que são conceitos-chave em sua arquitetura teórico-metodológica, entre elas: reserva de experiência, tipificações e sociabilidade. “Schutz é um dos teóricos que [...] compreendeu melhor a formulação de entendimentos e os sucessivos processos de aprendizagem graças ao qual construímos uma compreensão mútua em que se baseia a percepção de entendimento de uma realidade social” (SICA, 2013, p. 2).

1.2 O tema (sujeitos) pesquisado

O Movidá é uma organização não governamental, que tem por objetivo acompanhar os casos de violência registrados na justiça por integrantes do movimento. A ONG iniciou sua história pela dor. Teve início com a luta de D^a. Iranilde, que perdeu seu filho, Gustavo, no dia 10 de janeiro de 2005, quando ele foi assassinado por policiais durante uma perseguição a um assaltante, na qual Gustavo teve seu carro roubado e foi feito refém. À época, o Movidá ainda se encontrava em uma fase embrionária. Em 2007, o grupo passou a ser formado por seis famílias, cujos entes foram vitimados pela violência. Cada família se solidariza com a dor das outras. Juntas aprenderam a defender o direito à vida diante das instituições, ao mesmo tempo em que demonstram não ser inimigas delas.

Em 2010, foi criado legalmente o Instituto Movida, embora já tivesse várias famílias como integrantes. O movimento nasce não apenas para acompanhar os processos nas instituições, mas também para apoiar as famílias, tanto a partir de orientações sobre os trâmites judiciais e administrativos quanto de mobilizações e passeatas em audiências ou no espaço público.

Os integrantes do Movida têm encontro marcado uma vez por mês, na Praça da República, em Belém/PA, com a finalidade de interagir, mesmo que silenciosamente, com a sociedade. Reúnem-se em círculo, estendendo em volta os banners com as narrativas sobre as vítimas de violência. Esse encontro se configura como importante espaço de reforço de luta, com o objetivo de ‘lembrar’ as perdas e cobrar ações mais efetivas contra a violência.

Nesse momento, os integrantes discutem uma agenda das ações que serão adotadas, pelos membros do Movida, nas audiências de julgamento, assim como refletem sobre outros casos de violência divulgados nos jornais impressos e nos programas televisivos. Em outros momentos, discutem o dia a dia da vida de cada um.

Ressaltamos que, desde minha escolha pelo Movida como corpus de pesquisa, tenho acompanhado as atividades desenvolvidas pelo movimento. Durante os encontros na praça da República e nas audiências, observei que o Movida pode ser caracterizado pelo gênero feminino, pois quem participa das agendas do movimento são mães e esposas que perderam filhos, maridos, sobrinhos. A presença de homens é quase inexistente. O sentimento que une essas mulheres é a dor.

Observamos que muitas das mães, após a perda do ente querido, ficam fragilizadas, às vezes com sérios problemas de saúde. Em alguns casos, algumas são ameaçadas de morte pelos responsáveis pelos assassinatos. Tentam impedi-las de continuar com os processos ou com a busca de informações. Muitas mulheres procuram obter mais dados e comprovações sobre as pessoas envolvidas na morte dos entes. A partir dessas intervenções informais, as mulheres conseguem informações que são incorporadas aos processos.

Alguns dos acusados passam a cumprir a pena em liberdade, mas muitas vezes elas recorrem e conseguem fazer com que o acusado volte a cumprir a pena em regime fechado. O movimento, portanto, atribui para si a função de cobrar o cumprimento das instituições que trabalham com segurança e direitos. Ao mesmo tempo em que isso acarreta alguns dissabores, o Movida se configura como um espaço que dá voz a essas mulheres que clamam e lutam por justiça, pela não violência e pelo cumprimento da lei.

1.2.1 Problema de pesquisa

Observamos que o mundo da vida do Movimento pela Vida é vivenciado a partir de situações de violência, considerando que seus integrantes chegam ao Movida motivados por uma experiência com a violência. A sociabilidade, entre eles, dá-se pela identificação e experiência de dor. Trocas são feitas no momento em que elas se reúnem na Praça da República ou em outros eventos e contextos.

Na intersubjetividade entre os indivíduos do Movida, refletimos sobre as reservas de experiências ou estoque de conhecimento que eles têm sobre a violência, considerando a vivência direta de situações de confronto com esse problema social. Segundo Schutz (2012), as reservas de experiências dizem respeito àquelas experiências vividas pelo indivíduo no decorrer do tempo, não sendo homogêneas e tendo caráter de superficialidade. Assim, mesmo considerando a vivência dos integrantes do Movida com situações de violência, supomos que suas experiências não sejam suficientes para que tenham uma compreensão consistente sobre a violência.

A intersubjetividade é um elemento essencial na construção social dos sentidos. Nessa relação, Schutz (2012) vai trabalhar com a comunicação, a intersubjetividade e a sociabilidade. A sociabilidade do mundo da vida cotidiana implica que

O mundo da vida cotidiana significará o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. Ele se dá agora à nossa experiência e interpretação. Toda interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de conhecimento à mão funcionam como um código de referência (SCHUTZ, 2012, p. 72).

Neste sentido, buscamos refletir sobre a intersubjetividade no campo da Comunicação, com objetivo de compreender como essa relação entre integrantes do Movida e o mundo da vida se desenvolve na construção da experiência comunicativa.

Percebemos que os indivíduos podem ter uma concepção de violência que muitas vezes vem do senso comum, de experiências outras que não as nossas, ou daquilo que os meios de comunicação constroem para a sociedade. Algo que pode ser apreendido da opinião que comumente escutamos e/ou observamos em conversas com amigos, familiares, nas ruas com pessoas estranhas ou em diálogos paralelos nos ônibus da cidade.

As tipificações, segundo Alfred Schutz, são constituídas de generalizações que são utilizadas na vida cotidiana do indivíduo. As tipificações são reservas de experiências do

indivíduo e do estabelecimento do indivíduo em interação social. Toda tipificação tem a finalidade de garantir a vivência e a interpretação do mundo.

É preciso enfatizar que a interpretação do mundo em termos de tipos, tal como entendida aqui, não é um resultado de um processo de racionalização, de uma conceituação científica e isolada. O mundo tanto físico, quanto sociocultural, é experimentado desde o princípio em termos de tipos: [...] Portanto, no nível do senso comum – em contraposição as distinções feitas pelo cientista, em particular pelo cientista social, as tipificações emergem na experiência cotidiana do mundo como algo evidente, sem qualquer formulação de juízo ou de proposições claras, com sujeitos e predicados lógicos (SCHUTZ, 2012, p. 133).

A tipificação ocorre no senso comum, nas experiências do indivíduo em relação com o outro ou em sociedade, no cotidiano. Não se aplica a uma interpretação racionalizada, científica, pois – dando-se nesse senso comum, no mundo da vida – ela é um conceito que está no plano banal, do dia a dia.

Assim, pode-se perceber a importância dos sistemas das tipificações para os estudos em Comunicação, pois “é através do contato intersubjetivo que ocorre a ligação dos indivíduos com a realidade já construída. Pode-se dizer, ainda, que a linguagem e comunicação são elementos fundamentais e essenciais da sociabilidade” (SICA, 2013, p. 6).

Portanto, é nessa perspectiva de relação que fazemos a seguinte indagação: **como são construídas as experiências comunicativas das pessoas afetadas pela violência, integrantes da organização não governamental Movimento pela Vida, na Amazônia Paraense, sobre a violência no mundo da vida?**

A partir da referida questão-problema, desenvolvemos os seguintes objetivos da pesquisa.

1.2.2 Objetivos

O objetivo geral consiste em analisar as experiências comunicativas das pessoas que integram o Movimento pela Vida sobre a violência no mundo da vida.

Já os específicos, em:

- a) analisar o que é violência para as pessoas do Movimento pela Vida;
- b) avaliar a experiência comunicativa entre as integrantes do Movimento pela Vida;
- c) analisar as trocas de experiências comunicativas sobre a violência entre integrantes do Movimento e sociedade;
- d) identificar a mediação do Movimento pela Vida.

1.3 Mundo da vida cotidiana

Copalbo (1998) interpreta Schutz (2012) explicando como é o mundo social e como o indivíduo está inserido nesse contexto social. Para ele, o homem já nasce em um mundo existente, cheio de formas e organizações. “O mundo me parece sob uma perspectiva determinada e eu organizo em um sistema de coordenadas da qual eu sou o centro. O mesmo ocorre com o meu semelhante” (COPALBO, 1998, p. 33). Assim, Copalbo (1998) defende que o mundo social se organiza em coordenadas e sistemas, onde cada um ocupa seu lugar específico e seu ponto de vista.

[...] dá-se desta forma, a organização do mundo em sistema de coordenadas, cujo o centro é o aqui ou o lá, que podem estar, entretanto situados, em um mesmo meio ambiente circundante. Por outro lado, pode haver intercâmbios entre os sistemas de coordenadas, de tal sorte que o meu aqui torna-se o seu aqui. É o que Schutz chama de idealização de pontos de vistas (COPALBO, 1998, p. 33).

A sociabilidade ocorre em uma negociação entre os indivíduos por meio dos processos comunicativos, permitindo, assim, ao sujeito entrar em contato com o pensamento e/ou vivência do outro, porém, não de forma completa. “Portanto, a comunicação, frequentemente, também produz estranhezas e incertezas, o que é bastante reconhecido e tão importante quanto o campo do entendimento na produção de significados” (SICA, 2013, p. 4). Ou seja,

Ao mesmo tempo que a comunicação entre os indivíduos torna possível a transferência de um amplo universo de significados comuns e a coesão da ideia de realidade e sociabilidade, ela também oportuniza o questionamento, dúvidas e o tensionamento do que é tido como comum ou natural na vida cotidiana. Também é possível analisar que a comunicação nunca é completa, [...] pois cada indivíduo tem uma experiência, um mundo de vida diferente, o que deve ser levado sempre em consideração (SICA, 2013, p. 4).

Entendemos que a comunicação é constituída por diversos significados, o que permite que sejamos compreendidos devido a um processo de reciprocidade entre os indivíduos, compartilhando ideias construídas no cotidiano uns com os outros.

1.4 Comunicação e intersubjetividade

Na relação entre comunicação e o mundo da vida, recorreremos a João Carlos Correia (2004), que entende a comunicação como um tipo de ação com intencionalidade. “A

intencionalidade na transmissão dos significados surge como o elemento essencial e característico dos processos comunicativos. Neste sentido, o comunicador espera através da sua pessoa a quem se dirige a tomar um certo tipo de posição” (CORREIA, 2004, p. 159).

Ao tratar da relevância, em diálogo com o pensamento de Schutz, o pesquisador dirá que constitui um sistema no qual se elege o que é importante para um grupo ou sistema social. Da mesma forma, Correia direciona esse conceito ao âmbito da comunicação e do jornalismo, questionando de que forma essa relevância reflete numa notícia.

Nesse sentido, urge perguntar: até que ponto os jornalistas usam o sistema de relevâncias do seu próprio mundo da vida enquanto comunidade interpretativa para decidirem o que deve merecer dignidade de notícia? Será que os valores-notícia – isto é os critérios pelos quais um determinado evento é considerado digno de ser elevado a notícia não são sócio historicamente determinados? Nesse caso é o seu sistema de relevâncias que determina a escolha ou é o sistema de relevâncias que se tornou dominante na comunidade em que escreve e para a qual escreve? Mais ainda será que as rotinas do grupo social a que pertence não acabam por determinar um sistema de relevâncias que reflecte as interações sociais desenvolvidas nessa comunidade interpretativa que dá pelo nome de redacção ou até de tribo jornalística? (CORREIA, 2004, p. 207).

O mundo da vida é entendido por Alfred Schutz como um conhecimento do senso comum com a intersubjetividade. “O mundo da vida é intersubjetivo porque nele vivem sujeitos entre sujeitos, com valores comuns e processos de interpretação conjunta” (GARCÍA, 2010, p. 228). Para Schutz (2012), é também um mundo cultural, pois se constitui como um universo de significações para o sujeito. Como se fosse uma “textura de sentidos” (GARCÍA, 2010, p. 228), na qual os indivíduos interpretam e são orientados e conduzidos a partir dessa interpretação. “Por isso, o mundo da vida não é um mundo privado, mas intersubjetivo e socializado desde o princípio: é um conhecimento de senso comum” (GARCÍA, 2010, p. 228).

Voltando à relevância defendida por Correia (2004), pensamos: de que forma pode interferir no fazer jornalístico acabando por refletir nas interações sociais? Os estudos sobre a relevância levantados por Schutz (2012), na Sociologia, são trazidos para o âmbito do jornalismo e das relações cotidianas das pessoas. Toda relação reverbera nas ações dos interlocutores e no ambiente jornalístico, a ponto de refletir a ambiência simbólica de quem emite para o que a recebe. Assim acontece com o conceito de tipificação destacado por Schutz (2012). Para o sociólogo, o conceito é o modo como o ator, na vida cotidiana, observa os objetos no mundo social, construindo generalizações, a que ele chama de *tipos*, a partir da experiência vivida.

Para a realização dessas tipificações na comunicação, o jornalista tem uma função importante, pois ele é quem cria o universo de tipificações para se aproximar do ponto de vista do homem. O jornalista enquanto observador de agentes, afirma Correia (2004), diante dos acontecimentos do mundo da vida, assume esse papel na rotina jornalística. É o jornalista que se incumbe de retratar e aplicar os sistemas de relevância nos sujeitos. O jornalista emite a informação, o conhecimento, e quem o recebe não tem a necessidade de se tornar um especialista no assunto que foi emitido. A ideia é causar um conformismo, tal como se percebe nas tipificações e relevâncias em Schutz.

A comunicação, na visão de Schutz (2012), surge como uma atividade orientada para a construção social. Em outras palavras, para formar o sujeito e fazê-lo acreditar na representação do mundo social. “Segundo este paradigma, o processo de construção da realidade trata-se de um processo de objectivação regido por práticas institucionais (tipificação, rotinas) em que intervém o sistema de relevâncias do próprio observador” (CORREIA, 2004, p. 213-214).

1.5 Narrativas midiáticas

Observando as narrativas da mídia impressa, identificamos as estratégias comunicacionais que prendem atenção do público a partir do estudo da intersubjetividade, em que a relação entre as integrantes e a mídia ocorre desde o processo de produção das notícias. Podemos, assim, dizer que as tipificações, defendidas por Schutz, são rotinas nas editorias de polícia. A violência não é discutida, porém é relevante para a empresa de comunicação porque tem um grande público leitor interessado no assunto. Entretanto, a violência que é emitida pela mídia impressa ganha uma representatividade no mundo social, a ponto de instalar nas pessoas o terror, o medo, a revolta. O resultado do que faz o jornalista compreender o que é relevante para ser noticiado, é resultado das interações que ele mantém com outros sistemas de relevância e das rotinas organizacionais.

A verdade é que se Schutz considera que a comunicação, e inclusivamente a comunicação à distância, é determinante para a percepção da intersubjetividade do mundo da vida, então a construção do grupo – a construção social da sua realidade e a formação da sua concepção relativamente natural – é também um processo eminentemente simbólico e num universo mediatizado isto tornar-se-á ainda mais visível. Os seres humanos agem cada vez mais em relação à realidade com base no significado que lhe atribuem. A partilha desse significado provém em primeira instância de mediação simbólica. Tais processos permitem a ultrapassagem das diversas subjectividades individuais e orientam os actores sociais ao nível de uma

dimensão cognitiva - sustentam as representações sociais da realidade social e natural - e de uma dimensão prescritiva - indicam os objectivos e as normas de acordo com as quais os indivíduos e as colectividades devem comportar-se. De acordo com esta visão, de certa forma, a comunicação desempenha um papel fundamental na constituição da experiência que temos do mundo (CORREIA, 2004, p. 215).

Desse modo, acredita-se que a mídia pauta o que vai ser noticiado. Ela decide o que é interessante ou não. É o chamado efeito do agendamento. A ela está designado o poder de decisão das notícias. Ainda existe um fator que determina esse jornalismo e que é possível perceber nos conceitos de tipificação de Schutz. As linguagens jornalísticas se apropriam da tipificação para tornar familiar o que for noticiável.

Na verdade, o mundo social só pode ser percebido e experienciado como típico (cfr. Schutz, 1978: 115). Graças à operação intelectual que é a tipificação ‘aquilo que é vivido como novo já é conhecido, no sentido de que lembra coisas parecidas ou iguais anteriormente percebidas. Mas o que já foi captado uma vez em sua tipicidade, traz consigo, um horizonte de experiências possíveis, com as referências correspondentes à familiaridade, isto é, uma série de características típicas ainda não realmente vividas, mas que se pensam que possam ser vividas’ (SCHUTZ, 1978, p. 115 apud CORREIA, 2004, p. 218).

Observamos que as linguagens jornalísticas são carregadas de estereótipos, advindo de uma rotina padronizada, de trabalhos cheios de arquétipos e convenções. Isso contribui para que a sociedade crie imagens negativas ou positivas sobre acontecimentos. Em Schutz (2012), essas tipificações acabam se naturalizando. Uma não reflexão do que foi emitido ou do que está sendo emitido. Assim, muitos elementos e informações são omitidos, não permitindo que os indivíduos questionem o assunto transmitido. “Os agentes sociais não questionam o que veem, nem a presença de outros, nem a presença dos objectos nem a finalidade prática com que estes foram construídos” (CORREIA, 2004, p. 221).

Essa tipificação na linguagem jornalística que causa uma naturalidade, conformismo, ao modo que diz Schutz (2012), é constatada no dia a dia dos jornalistas a ponto de se refletir nas narrativas jornalísticas. Essas narrativas comunicativas são fundamentais para relação social. Muitas pessoas se baseiam no que está sendo dito nos meios de comunicação. No caso da editoria policial de jornais impressos, eles passam a ser referência em assuntos como violência ou segurança pública para os indivíduos. Isso é a confirmação da legitimação do meio de comunicação em relação ao indivíduo.

Do mesmo modo, podem se constituir em construtores de tipificações da violência na sociedade. As matérias publicadas representam apenas uma superficialidade da violência, simplificando as soluções e obscurecendo a possibilidade de debates, pois as construções narrativas são pautadas nos fatos e nos acontecimentos apresentados (COSTA, 2005, 2010, 2011). Os jornais não dão margem a reflexões e questionamentos das pessoas.

De fato, se para haver medo é preciso que os crimes sejam apreendidos como incidência, os meios de comunicação de massa são uma fonte necessária para os indivíduos se pensarem como vítimas [...]. Pelo seu modo de funcionamento, por selecionar os acontecimentos que podem interessar a muitos, por articular um acontecimento à vida de cada membro de sua audiência, a mídia necessariamente generaliza os incidentes e cria um nexo entre o sofrimento de estranhos e a rotina de cada indivíduo (VAZ; RONY, 2008, p. 1).

É como se houvesse nas notícias, sobre violência e em suas narrativas, o reconhecimento do indivíduo. A violência que está sendo apresentada nos veículos de comunicação para esse indivíduo, envolve construções em que os fatos se assemelham ao cotidiano vivido. Esse círculo de relações entre as pessoas e os jornais policiais impressos nos faz questionar quem são os responsáveis por essa disseminação do medo, do terror nas mídias impressas.

A violência abordada pelos cadernos policiais é construída, conforme Costa (2011), levando em consideração elementos do entretenimento e do espetáculo, em que os indivíduos narrados são motivos de ironia e preconceitos, em detrimento de uma narrativa que promova questionamentos com relação as políticas de segurança pública. Lembremos, assim, da indústria cultural em Adorno e Horkheimer (1985), que constata essa indústria no campo da produção cultural e do entretenimento, na qual o “poderio social que os espectadores adoram é mais eficazmente afirmado na onipresença dos estereótipos imposta pela técnica do que nas ideologias rançosas pelas quais os conceitos efêmeros devem responder” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 112).

A violência enquanto entretenimento se naturaliza no nosso dia a dia, podendo induzir o indivíduo a fazer questionamentos sobre a problemática. O conceito de indústria cultural nos dá suporte para o entendimento da violência na mídia impressa. “Todavia, a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por ser destruída, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão [...]” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 112).

A forma como a violência é construída nas narrativas midiáticas generaliza o entendimento sobre violência, do mesmo modo que segmenta a compreensão quando correlaciona esse problema social à pobreza e à periferia. Essa generalização passa a ser dimensionada pelos indivíduos nas relações no mundo da vida.

Dessa forma, a relevância desta investigação está em compreender como essas interpretações ou trocas de experiências cotidianas são percebidas pelas pessoas em suas relações com outro. Justificamos a escolha do Movida por seus integrantes terem vivenciado situações de violência, considerando que isso pode contribuir para um olhar diferenciado deles sobre a violência no mundo da vida.

1.6 Panorama dos capítulos

Esta pesquisa foi elaborada em três capítulos, abordando as experiências comunicativas sobre a violência. Assim, o estudo nos permitirá uma reflexão sobre a violência – ou o conceito de violência estabelecido nas relações sociais, em intersubjetividade. Diante disso, o primeiro capítulo inicia a discussão sobre o mundo da vida a partir do ponto de vista de Alfred Schutz, de modo que elaboramos discussões sobre a compreensão de como esses sentidos são construídos nas relações no mundo da vida.

Para tanto, Schutz (2012) destaca: as reservas de experiências dos indivíduos; o conceito de tipificações, que são interpretadas pelos indivíduos a partir de sua intersubjetividade com o outro; e o que esse indivíduo considera relevante depois dessa troca com o outro no mundo da vida.

Ainda nesse capítulo, a discussão sobre o indivíduo em grupo é importante para traçar a linha de pensamento desta pesquisa. Para esta compreensão, buscamos aporte teórico em Simmel (2006) para nos nortear a partir de sua análise do indivíduo sozinho e o indivíduo em grupo no seio social. Nesse sentido, os conceitos de sociação e sociabilidade nos sustentam para a discussão sobre esse indivíduo em grupo e a força que ele gera quando se une ao outro para a conquista de seus interesses.

Essa relação com o outro também pode se desenvolver pela mediatização. O Movida, além de estabelecer e fortalecer sua relação com os integrantes pela sociação, reforça essa presença social através da mediatização.

Do mesmo modo, abordamos discussões sobre a interação comunicativa em Vera França (1998). Entendendo que a interação comunicativa se processa com a presença do outro,

ou seja, numa Relação-do-Nós¹. É um conceito abordado por Schutz (2012), que fala como o “Eu” se comporta diante do outro. O comportamento do “Eu” que se dá sob a projeção do outro.

No segundo capítulo, nossas discussões se aportam na compreensão de experiência da dor. Buscamos entender o que seria essa dor para as mães do Movida, pensando como essa dor, a dor da saudade, da lembrança, etc., influenciam no dia a dia delas e em suas relações. Buscamos em Adriano Rodrigues Duarte (1994) o conceito de experiência, a fim de refletir como ela se realiza no campo da comunicação. Dessa forma, na teoria de Duarte, o estudo das experiências quotidianas nos permite compreender as relações comunicativas no mundo da vida e suas complexidades. É com essas experiências que formamos conceitos no nosso consciente e agimos no mundo da vida.

A partir da experiência da dor, abordamos o conceito de testemunho em Paul Ricoeur (2008). O autor problematiza a questão do testemunho e diz que o testemunho é uma questão de significado. Significado esse que não apenas se refere ao relato do que viu, mas a intenções, ideias e experiências que são emitidas no testemunho, de modo que, para compreendê-lo, seria necessária uma consciência crítica do si. Ainda em Ricoeur (2007), encontramos um sentido do testemunho ligado a memórias, histórias e lembranças, pois, no testemunho, arquivos e documentos são registrados para que não caiam no esquecimento. Esses documentos servem de testemunho do fato ocorrido. O testemunho emerge aqui no sentido da lembrança, do registro.

No terceiro capítulo, discutimos como a metodologia foi aplicada quanto às técnicas escolhidas durante a pesquisa. Dessa forma, conceituamos o método qualitativo, fundamentado no tema pesquisado, e analisamos as técnicas da pesquisa em observação e as entrevistas em profundidade aplicadas na pesquisa.

Para tanto, buscamos suporte teórico nas teorias defendidas por Haguette (1987), em sua obra na qual defende que, na pesquisa empírica, é preciso respeitar a natureza do objeto. Em razão disso, os dados da pesquisa em observação e das entrevistas foram coletados e analisados com a finalidade de constatar as trocas de experiências realizadas pelo grupo Movida.

Assim, descrevemos as observações do Movimento pela Vida na Praça da República e na Caminhada Pela Paz, pois compreendemos que descrever as ações do Movida nos situará nas identificações das experiências vividas pelo grupo. Com as entrevistas, pudemos observar as experiências vividas por cada integrante, de um modo individual. Pudemos, nesse momento, ter mais contato com cada uma delas e diferenciar sua ação em grupo e individualmente.

¹ Termo utilizado por Alfred Schutz (2012) e está escrito *ipsis litteris* ao da obra do autor.

1.7 Procedimentos metodológicos

Na construção dos procedimentos metodológicos, trabalhamos com a pesquisa qualitativa, compreendendo que ela representa o princípio do conhecimento e a interpretação da construção da realidade. Consideramos aspectos da fenomenologia, conjugando métodos da pesquisa de observação participante e entrevista em profundidade.

As impressões que tivemos nas observações não são as mesmas que das entrevistas em profundidade. Ter essas duas visões do grupo Moviada nos fornece um olhar ampliado do ambiente investigado. Possibilita-nos uma visão extensa e mais crítica sobre o objeto.

A pesquisa de observação participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente de ocorrência do fenômeno e a da interação com a situação que está sendo investigada. Dessa forma, Peruzzo (2006) caracteriza as técnicas de pesquisa de observação do seguinte modo:

A pesquisa participante implica: a presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa ‘ver as coisas de dentro; o compartilhamento, pelo investigador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado – ou seja, ele se envolve nas atividades, além de co-vivenciar “interesses e fatos”; a necessidade, segundo autores como Mead e Kluckhohn, de o pesquisador assumir o papel do outro’ para poder atingir o sentidos de suas ações (PERUZZO, 2006, p. 126).

Esse procedimento foi um dos primeiros procedimentos iniciados na pesquisa. A necessidade de observar o grupo Movimento pela Vida é importante para termos um olhar e envolvimento com a luta daquelas mulheres. Participar, de fato, do movimento nos permite ter um olhar e reflexão sensíveis e críticos sobre o que está sendo pesquisado. Viver a experiência junto com as integrantes é se aproximar da dor e da luta que as motivam a continuar. Vivenciar a experiência do outro nos ajudou a compreendê-los melhor. Nossa observação participante teve início em maio de 2016 e terminou em setembro de 2017. O primeiro contato que tivemos com as integrantes em grupo foi na Praça da República. Foi um momento de adaptação ao ambiente e a elas se adaptarem com a nossa presença. Algumas, menos tímidas, aproximavam-se e conversavam conosco, outras apenas nos observavam. Tudo foi feito com respeito em relação ao tempo e à natureza do objeto.

Observamos tudo. A forma como elas se posicionavam na praça. As roupas que elas usavam no encontro, sempre com camisetas brancas e a foto do ente querido. As conversas e os assuntos levantados por elas no grupo. Observamos ainda como os outros, que não faziam parte do grupo, observavam a exposição do Moviada na praça. Algumas pessoas paravam para

ver o que estava acontecendo, outras passavam e não davam atenção. Com o tempo, a nossa presença deixou de ser estranha para aquele grupo.

Figura 1 – Reunião na Praça da República em 11 maio 2017



Fonte: Ana Paula de Mesquita Azevedo, acervo pessoal

Além de observarmos, participamos dos eventos junto com as integrantes do Movida (Figura 1). Com o procedimento metodológico da observação, além de experienciarmos o que é ser integrante do Movida, observamos as interações e comportamentos entre os próprios integrantes e do grupo para com a sociedade. Peruzzo (2006) define a postura do pesquisador participante dizendo que esse pesquisador interage com o grupo pesquisado. Assim como o grupo pesquisado conhece os propósitos e as intenções do pesquisador, normalmente concordando com a realização da pesquisa. Como resposta a esse contrato, o pesquisador deve se comprometer a devolver resultados da pesquisa para o grupo.

O segundo momento da pesquisa foi a entrevista em profundidade com cinco integrantes do Movida. As entrevistas em profundidade em uma pesquisa podem ser abertas ou semiabertas. A escolhida para esta pesquisa foram as entrevistas semiabertas. Temos um roteiro que nos dá cobertura ao interesse da pesquisa (Apêndice B). Partimos de questionamentos básicos que são apoiados em teoria e hipótese que, no decorrer da entrevista e respostas dos entrevistados, oferecem amplo campo de questões. Por entrevistas em profundidade entendemos uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções, experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2006, p. 62).

Escolhemos como critérios para definir as integrantes a serem entrevistadas os seguintes aspectos: assiduidade nas atividades desenvolvidas pelo Movida, aceite em participar das entrevistas e a existência de relação de confiança entre nós pesquisadores e elas, as integrantes. De dez entrevistas que realizamos, escolhemos cinco integrantes para compor nossa pesquisa. Assim, uma parte das entrevistas foi realizada nas casas das integrantes, e outra, nas salas

cedidas pela Universidade da Amazônia (Unama). Deixávamos elas escolher o local das entrevistas.

Assim, durante nossas entrevistas, nós tínhamos um roteiro de perguntas, mas deixávamos aberturas para outros questionamentos. Algumas delas chegavam com timidez aos nossos encontros. Para deixá-las mais à vontade, conversávamos, lanchávamos e depois iniciávamos as perguntas. Nas perguntas, abordávamos as relações delas com mídia, com o grupo Movidá e com a violência. Ao mesmo tempo, assuntos como medo, saudade e revolta vinham à tona durante as entrevistas.

Com as entrevistas, obtivemos informações detalhadas do grupo que não pudemos perceber durante a pesquisa de observação. Quando cada uma fala da sua experiência com o grupo e com a violência, adentramos em um universo um pouco mais subjetivo dessas mulheres. Nas falas de cada uma delas, pudemos perceber um pouco mais da sua dor. Tal é a importância das entrevistas em profundidade nesta pesquisa, pois nos permitem conhecer nossos personagens um pouco mais em detalhes

Quadro 1 - Perfil dos integrantes do Movidá

Integrantes	Caso	Profissão	Data da entrevista
Iranilde (presidente do Movidá)	Mãe de Gustavo, assassinado em uma perseguição policial	Bancária aposentada	22.03.2017
Andrelina Vice-presidente do Movidá	Mãe de Bruno, assassinado na porta de casa	Professora de química aposentada	11.05.2017
Nazaré	Mãe de Leandro, assassinado por adolescentes em conflito com a lei	Enfermeira aposentada	08.05.2017
Ana	Esposa de Adenilson, assassinado por assaltantes no trabalho	Trabalha em escola de ensino médio acompanhando cadeirante	05.07.2017
Edjane	Mãe de Samuel, assassinado enquanto andava na rua por um desconhecido em carro prata.	Desempregada	06.07.2017

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Com as entrevistas em profundidade, podemos identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever o que está sendo investigado. Nessa técnica metodológica, os dados não são apenas colhidos, mas são resultados de interpretação e reconstrução pelos pesquisadores. Esse recurso nos permite explorar o assunto, analisando, compreendendo, descrevendo,

identificando problemas, entre outras possibilidades que as entrevistas enquanto método podem nos proporcionar durante a pesquisa.

Conhecendo os integrantes do Movida durante a conversa nas entrevistas, conhecemos também o grupo e, a partir dos integrantes e seus relatos, compreender as lutas e causas que incentivam o movimento a continuar na batalha contra a violência. Saber quais são as histórias e o interesse que motivam cada integrante do Movida nos inquieta a compreendê-lo como grupo.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para a descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. [...] no objetivo de buscar informações pessoais e diretas por meio de uma conversação orientada, no cuidado, rigor e objetivo da compreensão [...] e na noção de que há, explicitamente, um participante interessado em apreender o que o outro tem para oferecer sobre o assunto. (DUARTE, 2006, p. 64).

Com as técnicas metodológicas da pesquisa de observação e das entrevistas em profundidade, pudemos fazer a análise crítica das relações intersubjetivas realizadas pelo grupo Movimento pela Vida. Capalbo (1998, p. 51) explica o que seria essa intersubjetividade a partir do ponto de vista de Alfred Schutz: “é um *clatum* do mundo da vida; esta é a categoria fundamental da existência humana no mundo [...] Da mesma forma o mundo da vida é experimentado pelo homem em sua atitude natural”. Pudemos, assim, analisar os pontos de vista de cada integrante do Movida sobre a perspectiva da violência, da sua relação com outro e com a própria dor.

2 COMUNICAÇÃO E O MUNDO DA VIDA

Neste capítulo, elaboramos uma reflexão sobre a intersubjetividade a partir do ponto de vista de Alfred Schütz. Com esse referencial teórico-conceitual, buscamos entender as relações ou interações que o Movimento pela Vida (Movida) exerce no mundo da vida.

Dessa forma, trata-se de uma reflexão sobre os integrantes do Movida, em relação às suas experiências com a violência, tendo por base o conceito de intersubjetividade. Entende-se que o mundo da vida é “o cenário e também o objeto de nossas interações” (SCHÜTZ, 2012, p. 84). Diante dele, buscamos refletir sobre a violência nessas relações e como essa experiência é compreendida por cada indivíduo, ainda que esse indivíduo não tenha tido uma experiência com a violência. Assim, teremos uma visão de como os indivíduos interagem com os outros integrantes do Movimento pela Vida e de como os integrantes interagem uns com os outros no grupo.

Junto ao aporte teórico de Schütz (2012), recorreremos à perspectiva de Simmel (2006) para compreensão desse indivíduo afetado pela violência no mundo da vida, atuando sozinho e em grupo; também a fim de entender os recursos comunicacionais que são utilizados pelo Movimento pela Vida, como forma de legitimação e divulgação do movimento e da dor dessas mães e mulheres do grupo.

Buscamos refletir a partir do olhar da sociologia compreensiva sobre como essas relações são complexas. Cada indivíduo é uma subjetividade. Por conta disso, às vezes, não é possível compreender esse outro. Tanto quanto conceitos são tipificados e meramente superficialidades, ganhando uma proporção enorme e preocupante no mundo da vida, já que afetam relações, comportamentos e ações de cada indivíduo.

2.1 O mundo dos sentidos

O mundo dos sentidos se realiza nas relações da vida cotidiana com os nossos semelhantes. Cada um de nós carrega as suas visões de mundo, experiências e culturas. Quando interagimos com as pessoas, novos conceitos e visões de mundo podem ser “modificados”. Essa relação que se processa diariamente no trabalho, na família, na escola, na sociedade, possibilita-nos construir e formar nossos conceitos sobre a vida.

O mundo da vida cotidiana é o cenário e também o objeto de nossas ações e interações. Nós temos que dominá-los e transformá-los de modo a ser possível concretizar os propósitos que buscamos realizar nele, entre nossos

semelhantes. Portanto, nós não agimos apenas no mundo, mas também sobre o mundo. Nossos movimentos corporais – cinéticos, locomotivos e operativos – afetam o mundo, modificam ou transformam seus objetos e suas relações mutuas [...] O mundo, assim concebido, é algo que temos que modificar com nossas ações ou que as modifica (SCHUTZ, 2012, p. 85).

Destacamos que mudamos a forma de pensar na medida em que interagimos com o outro – ou fazemos o outro mudar seu pensamento ou comportamento sobre determinada questão. O mundo dos sentidos se faz ou se realiza nas relações cotidianas. Exerce uma função importante nessas relações e na construção da sociedade.

Ao compreender o mundo dos sentidos, refletimos sobre as contradições e ações humanas na vida cotidiana. Para Schutz (2012, p. 87), o conhecimento do homem que age e pensa no mundo cotidiano não é homogêneo – ele é incoerente, parcialmente claro e de modo algum livre de contradições. O sociólogo destaca que o homem é incoerente porque “os interesses que os indivíduos determinam como relevância dos objetos selecionados, não são integrados em um sistema coerente”. Ora, como pode haver coerências se esses interesses e personalidades sofrem continuamente modificações? O homem muda suas opiniões e pensamentos a todo o momento. Ainda há pouco, falamos que a interação na vida cotidiana dos indivíduos permite modificações de visões de mundo. A intersubjetividade ou interação entre as pessoas acarretará mudanças na forma de agir e pensar do indivíduo.

Essa contradição, segundo item apontado por Schutz (2012), não torna o homem claro. “Ele costuma satisfazer-se com o fato de que há um serviço telefônico que funciona a seu dispor, e não se pergunta como todo esse aparato funciona em detalhe e quais leis da física tornam o seu funcionamento possível” (SCHUTZ, 2012, p. 88).

Entendemos que essa ausência de clareza advém da falta de conhecimento profundo do homem. Seus “conhecimentos” são fragmentados sobre os assuntos e acontecimentos cotidianos. Nesse momento, questionamos o conhecimento dos indivíduos sobre a violência – problema ou assunto diariamente discutido –, que foi a motivação de criação do Movida ao tornar-se um movimento que luta contra violência e pela justiça. Por conta disto, no terceiro item apontado por Schutz (2012) sobre o conhecimento, não andam separadas a incoerência e a falta de clareza.

Enquanto pai, cidadão, empregado e como membro de sua igreja, ele pode possuir as mais diferentes e menos correntes opiniões a respeito de questões morais, econômicas ou políticas. Essa inconsistência não origina necessariamente uma falácia lógica (SCHUTZ, 2012, p. 88).

O conhecimento do homem, para Schutz (2012), não é consistente. Esse homem deixa de ser crítico sobre os acontecimentos do dia a dia. Esse mundo dos sentidos que faz parte das relações do homem no cotidiano o transforma em um indivíduo sem reflexões profundas sobre sua realidade. Essas reflexões de Schutz (2012) nos levam a pensar também sobre como os indivíduos se relacionam ou compreendem a violência em suas relações no mundo da vida. Observamos que esses conhecimentos sobre a violência são adquiridos nas suas relações e nas relações com as outras pessoas que também foram afetadas pela violência. Essa relação com outro pode não ser consistente, não surgindo, portanto, um conhecimento consistente sobre a violência.

Em Schutz (2012, p. 88), as relevâncias do homem estão em vários níveis e ele não tem consciência das modificações que deveria fazer ao passar de um nível para outro. Nas relações cotidianas, o assunto violência pode ser bastante relevante para um, mas não para outro. Compreendemos que essa mudança de relevância, abordada pelo autor, faz com que as discussões e o entendimento sobre a violência não se tornem profundas e densas, pois nem todo mundo vai considerá-la relevante.

Para as integrantes do Movida, o assunto violência é relevante. A violência é parte da vida dela, mesmo que de forma não intencional, considerando que foram ‘atravessadas’ pela violência. Discuti-la é combatê-la. Por isso se torna relevante para elas. Porém, quando mudam os níveis de relevância sobre o assunto violência no Movida, também podemos pensar na reflexão de Schutz (2012), segundo a qual o conhecimento não é consistente. Quem foi vítima de violência tem um olhar diferenciado daquele que não foi. Ao mesmo tempo, esse olhar sobre a problemática pode ser fragmentado ou superficial.

A falta de consistência do conhecimento do homem sobre sua realidade nos direciona a pensar sobre a violência diária que é vivida, experimentada e observada pelos indivíduos. Seja na rua seja mediada pela mídia, a violência na sociedade não é, aparentemente, objeto de reflexão crítica.

Assim, o Movida é tomado como um importante recorte de pessoas afetadas direta e indiretamente pela violência na Região Metropolitana de Belém (RMB). Trata-se de indivíduos que perderam pessoas para a violência urbana e que, a partir dessa experiência, podem ter um conceito próprio, singular, sobre esse problema social. Em algum momento, esses conceitos “próprios” serão transmitidos aos outros e serão reconfigurados de acordo com a bagagem cognitiva de cada um. Observamos que, no caso desse movimento, a troca acontece entre os integrantes quando eles se encontram no espaço público, em lugares como a praça da República,

onde se reúnem no último domingo de cada mês, mutuamente ou com outras pessoas que sofreram ou não violência.

Para tanto, no escopo da reflexão das trocas de experiências no mundo da vida, Schutz (2012) explica como é o mundo social e como o indivíduo está inserido nesse contexto social. Segundo ele, o homem já nasce em um mundo existente, cheio de formas e organizações. Um “mundo que não é apenas físico, mas sociocultural”. É nesse mundo da vida cotidiana que é possível investigar a intersubjetividade. Contudo, certas características são comuns a todos os mundos sociais porque estão enraizadas na condição humana. “[...] Em todo lugar há objetos culturais, tais como ferramentas necessárias à dominação do mundo exterior [...], objetos que servem como símbolo para adoração”, (SCHUTZ, 2012, p. 91-92).

Dessa forma, o mundo social ou o mundo da vida no qual o homem vive, é experienciado pelo indivíduo em uma rede de relações sociais com um sistema de símbolos e signos em uma particularidade de significados que são institucionalizados. Esse processo não é percebido pelo homem, o que leva ao indivíduo no mundo social a pensar no cotidiano com uma naturalidade sobre os acontecimentos. “Eles são naturalizados porque foram testados ao longo do tempo e, sendo socialmente aprovados, dispensam explicações ou justificações” (SCHUTZ, 2012, p. 92).

Assim acontece com a violência. As experiências que cada um carrega consigo sobre a violência – que foram em algum momento adquiridas durante toda a vida nas relações e trocas – com o tempo serão naturalizadas para o indivíduo, sem que precise haver questionamentos sobre o assunto discutido. Da forma como ela é discutida no mundo da vida pelas pessoas, pensando com Schutz (2012), a violência está quase naturalizada na sociedade, no sentido de que não impulsiona no indivíduo o questionamento ou inquietação pelo número de pessoas que são mortas diariamente pela violência. Números considerados de guerra, pois somente em 2015 foram quase 60 mil pessoas, segundo dados do Fórum Nacional de Segurança Pública (2016).

O mundo da vida dos integrantes do Movida é construído em torno da violência. A vida dessas pessoas, após a violência sofrida, passa a se constituir em busca de um sentido que gira em torno desse problema. Seja por terem perdido algum parente, seja porque convivem com pessoas que passaram pela mesma situação, seja pelos dissabores que encontram no decorrer da luta pelos direitos. Os valores culturais dos indivíduos do Movida, conforme observamos nos encontros mantidos com as integrantes do movimento, são aproximados por viverem semelhantes dores de perda. Assim, o conceito sobre a violência já está tipificado no grupo. A intersubjetividade entre elas se dá pela identificação e proximidade da mesma dor. Trocas são

feitas no momento em que elas se reúnem na praça da República ou em outros momentos. Opiniões são construídas e discutidas, assim como valores sobre violência são refeitos.

Essa intersubjetividade entre integrantes do Movida e o outro ou seus semelhantes, como diz Schutz (2012), dá-se porque cada um deles carrega consigo suas reservas de experiências ou estoque de conhecimento. As reservas de experiências, de acordo com o filósofo, significam que cada indivíduo possui experiências que foram vivenciadas no decorrer do tempo e que não são homogêneas, o que acarreta superficialidade. Trazendo essa perspectiva para a realidade dos indivíduos do movimento, todos eles têm uma experiência de vida, sobretudo, uma experiência com a violência. Porém, essa experiência com a violência não é o suficiente para compreender esse problema de fato. Nesse caso, a interação dos integrantes com o outro se apoia na solidariedade, faz com que eles entendam a violência percebida ou interpretada por cada um. O que não significa ser suficiente para compreender a violência enquanto problema social. Compreendem-na como algo que não precisa ser questionado e sobre o qual não é necessário refletir, porque já se tem uma experiência prévia sobre o assunto.

Observamos que as opiniões são refeitas no momento da interação entre os integrantes do Movida sobre a violência, considerando que cada um tem o que Schutz (2012) chama de estoque de conhecimentos. Esses estoques de conhecimento estão inseridos em experiências de cada indivíduo. Experiências passadas e presentes. Esses estoques de conhecimentos, em Schutz (2012, p. 86), são vivenciadas e guardados em nossas consciências durante toda a nossa vida. Em algum momento, em interação com o outro, esse conhecimento adquirido com o tempo virá à tona.

Em Schutz (2012), esses estoques de conhecimento em interação com o outro fazem a violência ser representada, simbolizada e conceituada a partir de inúmeras visões e interpretações no mundo da vida. O conceito particular sobre violência para os integrantes do Movida está enraizado no consciente desses integrantes. Isto é, os integrantes poderiam ter um conhecimento sobre a violência que foi adquirido durante toda a vida, porém, uma outra experiência, também, foi adquirida por eles: a de vivenciar a violência enquanto vítimas. Esses estoques de conhecimento sobre a violência foram vivenciados de duas formas, tanto como herança social quanto como pela própria experiência, com a potencialidade de serem transmitidos na interação com os seus semelhantes.

Assim, a violência passa a ser assunto relevante para os integrantes do Movida. Schutz (2012) conceitua a relevância como algo importante ou de interesse para um grupo ou sistema social. No caso do Movida o interesse, a relevância atribuída pelo grupo seria a de combate à

violência, representada no sentimento de justiça, de aplicação das leis e da luta contra a impunidade.

Essa relevância acontece nas relações diárias. As pessoas interagem e se aproximam por interesses comuns. Os integrantes da organização não governamental se aproximaram uns dos outros por um objetivo e interesse: a justiça e a punição dos culpados. Ou melhor, conforme nos indicam Costa, Corradi e Amorim (2017, p. 4341):

Na matriz do seu próprio nome (Movimento pela Vida) está a negação da cultura da morte. Combater a cultura da morte e reivindicar ao grau máximo a vida é a missão deste movimento que surge em 2010 em meio ao vertiginoso aumento da violência na cena urbana de Belém do Pará.

A ideia de relevância é compreendida por Schutz (2012, p. 126 - 127) sob três aspectos ou momentos. Um é a relevância como “interesse imediato”, que é conduzida pelos interesses do indivíduo e a importância que esse indivíduo dá a um fato ou situação. Outro são as zonas e regiões de relevâncias, que permitem inúmeras configurações infinitamente diversificadas, que “são misturados e apresentam as mais variadas interpenetrações e cruzamentos, estendendo suas margens até as províncias vizinhas, criando, assim, zonas pouco nítidas de transições matizadas” (SCHUTZ, 2012, p. 126). O último é dividido por Schutz (2012) em dois sistemas: sistema de relevância intrínseca e sistema de relevância imposta.

O sistema de relevância intrínseca é resultado dos interesses que escolhemos e é estabelecido a partir de nossas decisões e escolhas com a finalidade de alcançar um objetivo; logo, essa relevância, terá para nós uma finalidade ou uma meta, pois o grau de importância é seu atrelamento a um objetivo. O sistema de relevância imposta é formado por situações e eventos impostos a nós como relevantes. Somos “obrigados” a acreditar que são relevantes. Schutz (2012, p. 127) afirma ser esse um sistema de relevância que não está conectado aos nossos interesses, escolhidos por nós. Restando, assim, que tenhamos de aceitá-los.

Sica (2013) interpreta com clareza e simplicidade os três tipos de relevância defendidos por Schutz (2012): A relevância motivacional, que é conduzida pelos interesses do indivíduo e a importância que esse indivíduo dá ao um fato; a relevância volitiva, que trata da importância que o indivíduo confere a algum fato ou pessoa; e a relevância interpretacional, na qual há uma interpretação de relevância motivacional. As variações de sistemas relevâncias têm importantes efeitos para a Teoria da Comunicação, pois o mundo que é observado pelas pessoas, é um mundo intersubjetivo, de relações e uma das formas de tipificação é a linguagem.

O entendimento sobre as relevâncias abordadas por Schutz (2012) nos ajuda a compreender as relações no Movida enquanto grupo, agindo em interação no tecido social. O

grupo tem um objetivo, metas e interesses diversificados. Os assuntos são elencados como relevantes para a atuação deles, enquanto integrantes de um movimento que luta pela ação da justiça.

Observamos que a relevância estabelecida pelo Movida é ter acesso ao poder Judiciário, para que possam acompanhar o andamento dos processos. Ao mesmo tempo, acesso à sociedade na divulgação de seus vitimados, das histórias de cada uma das pessoas que integra a entidade. Portanto, tornar-se visível, possibilitando ao movimento ganhar força social em sua luta e, conseqüentemente, também o respeito e o acesso às instituições.

Para entendermos o que é relevante no mundo social entre as relações intersubjetivas, destacamos aspectos da experiência e da tipificação abordados por Schutz (2012). O autor aponta que todas as formas de conhecimento são baseadas em conhecimentos generalizados, isto é, cada experiência é única; uma experiência não se repete. Assim, cada experiência é vivenciada de forma e em contextos diferentes. Desse modo, entendemos, que as tipificações são construídas a partir dessas experiências vividas e adquiridas. As tipificações são constituídas de generalizações utilizadas na vida cotidiana do indivíduo. Ou seja, são reservas de experiências do indivíduo e do estabelecimento do indivíduo em interação social. Toda essa tipificação tem a finalidade de garantir a vivência e a interpretação do mundo.

O conceito de tipificação ocorre no senso comum, nas experiências do indivíduo em relação com o outro ou em sociedade. Não se aplica a uma interpretação racionalizada, científica. Ela se dá no senso comum, no mundo da vida. É um conceito que está no plano banal, do dia a dia. “Cada experiência é única, e mesmo uma mesma experiência que se repete não é a mesma, pois se trata de uma recorrência. É uma identidade recorrente, e como tal é vivenciada em um contexto diferente e com colorações diferentes” (SCHUTZ, 2012, p. 132). Cada indivíduo tem sua forma de interpretar e tipificar algo; sobretudo, de acordo com suas vivências.

Esse banal, senso comum, é um dos questionamentos levantados pelo sociólogo. O autor defende que o tipo ideal deve estar pautado no dia a dia das pessoas. Sica (2013) esclarece o que seria o tipo ideal para Schutz (2012), “são constituídos por uma síntese científica e uma padronização que coloca em ordem os estudos dos fenômenos sociais. Traz o pensamento de que existe um tratamento objetivo de realidades com significados subjetivos” (SICA, 2013, p. 5).

Ainda sobre as tipificações, observamos o que as integrantes do Movida tipificam quando perguntamos sobre o que elas entendem por direitos humanos. Nas nossas análises, o conhecimento delas sobre esse assunto não é profundo. A maioria das respostas dadas diz que

direitos humanos são “só para defender os bandidos”. Assertiva essa constatada na fala da presidente do Movida, D^a. Iranilde, respondendo aos pesquisadores sobre o que ela pensa dos direitos humanos:

Não é para todos. É só para os bandidos. Porque os bandidos para eles são vítimas da sociedade e eles não podem tratar assim. Eu já dei uma entrevista para um jornalista de Pernambuco e eu disse: ‘*Os Direitos Humanos têm muita coisa boa, mas quando relaciona a vida humana existe discriminação porque com os bandidos, que cometem coisas erradas, eles vão. Cidadão de bem, eles não vão*’. Então os Direitos Humanos não são para todos. Aquele que trabalha é discriminado, quando é nesses casos são discriminados. Aquele que trabalha, que estuda que se esforçou e morreu na esquina, ele não merece nem uma visita dos Direitos Humanos. Eu digo isso porque eu tenho experiência. Eu vou em todos os casos que eu sei que um cidadão trabalhador, desde o mingauzeiro, o rapaz que carrega as compras lá do Líder que morreu um tempo desse no Tapanã. Ele morava numa casinha de madeira, um cidadão de bem. Não era para os Direitos Humanos estar lá? (informação verbal) ²

Os direitos humanos estão tipificados como uma pessoa defensora dos acusados. Para as integrantes do Movida, os direitos humanos não defendem e nem apoiam as famílias das vítimas. Os beneficiados são os que cometem a violência. Percebemos que essa tipificação sobre os direitos humanos está naturalizada nas pessoas que integram o movimento. Entendemos, portanto, que essas tipificações foram adquiridas durante as experiências vividas pelas integrantes, tomando a forma desse entendimento. Certamente, essa concepção sobre direitos humanos será repassada a outras pessoas e assim por diante.

Desse modo, “[...] a comunicação entre os indivíduos da sociedade se dá neste mundo da vida e o processo de criação de significados tem como base fundamental a memória das experiências vividas do indivíduo”, conforme nos indica Sica (2013, p. 6), ao refletir o pensamento de Schutz. Essa relação ou cruzamento entre pensamentos permite ir além do mundo do conhecimento, permite que o indivíduo desfrute de novos significados que para ele poderiam ser desconhecidos.

Segundo Sica (2013), em diálogo com Schutz (2012), a comunicação plena não é possível, pois cada indivíduo mantém uma vida privada que vai além das experiências possíveis. Para tanto, Schutz (2012) destaca as várias funções importantes dos sistemas de relevância e tipificações que são: a) determinar os fatos que devem ser tratados como homogêneos; b) transformar ações individuais em papéis sociais; c) servir como um código de

² RUSSO, Iranilde. Entrevista concedida às pesquisadoras (Alda Cristina Costa, Ana Paula Azevedo e Denise Corrêa). Belém: 22 mar. 2017.

interpretação de significados e orientação de um indivíduo em um grupo específico no qual ele interage e atua; d) garantir a perpetuação no sistema através de meios de controle social; e) dar origem aos sistemas de tipificações e relevância individuais, colocando os problemas particulares no contexto dos problemas de grupo.

Portanto, o mundo que conhecemos é um mundo tipificado. Ganhou ‘forma’ a partir de nossas relações com os nossos semelhantes, que também devem ter seus estoques de conhecimentos e interpretações tipificadas. Assim, dialogamos com Castro (2011, p. 98), quando afirma que o “mundo da vida é um mundo de proximidades”. Proximidades essas que, com as nossas relações, formam o que o autor chama de “província de sentido”, onde se caracterizam as tipificações. “De tipificação em tipificação, atravessamos as *províncias de sentido* que facilitam nosso estar no mundo e que perfazem nossas múltiplas *situações biográficas*, acabamos formando *estoque de conhecimentos*” (CASTRO, 2011, p. 98, grifo do autor).

Assim, nós interagimos com o outro ou interpretamos o outro a partir de nossa bagagem cultural e de conhecimento. Sejam esses conhecimentos profundos sejam superficiais, é com eles que nos aproximamos do outro. Com esse outro, podemos reformar ou reformular nossos conceitos. Dialogando com a temática da nossa pesquisa, essas tipificações sobre a violência são construídas e reconstruídas a todo momento, uma vez que esse problema social transforma as sociabilidades dos indivíduos e suas emoções. As interpretações construídas sobre a violência no mundo da vida devem ser questionadas, considerando as formas como são produzidas, reproduzidas e interpretadas em sociedade. Com essa reflexão, podemos compreender e analisar como as relações grupais, que são importantes para interação no mundo da vida, formam-se e ganham força na sociedade.

2.2 O indivíduo em grupo e a sua força social

Esse olhar para a formação, ou o processo grupal, nos permite a reflexão sobre a formação de grupos que pretendem se legitimar no seio social. O Movimento pela Vida é um grupo que tem a pretensão de se fixar no mundo da vida e defender sua causa. Como bem defende Lane (2004, p. 79), um grupo tem a função de definir papéis, registrar a identidade social dos indivíduos e conseqüentemente garantir essa produtividade social. As realizações dos grupos são as necessidades de os indivíduos se firmarem ou ganharem força.

O sociólogo Simmel (2006) já afirmava que o indivíduo sozinho não tem tanta força quanto em grupo. Então, os interesses aproximam os indivíduos para um determinado grupo.

No caso do Movida, o que une ou aproxima as pessoas são a dor da perda e o sentimento de justiça.

Ganhando a força social que busca, o grupo pode reproduzir suas ideologias e interferir nos “processos de formação de hábitos” (LANE, 2004, p. 83). Sua inserção na sociedade se institucionaliza e pode gerar nos indivíduos uma legitimidade do movimento, tornando-o assim uma referência de luta na sociedade. Lane nos lembra de que toda análise sobre o indivíduo não pode ser feita separada ou isoladamente, porque ele vai estar vinculado a um grupo, ou seja, ao grupo a que ele pertence.

Precisamos também compreender as necessidades dos indivíduos e sobre esse indivíduo em sociedade. Em Simmel (2006, p. 40), o indivíduo em sociedade “é pressionado por todos os lados, por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios. De modo algum ele saberia decidir com segurança interna suas diversas possibilidades de comportamento”. Aqui, entendemos, portanto, que o indivíduo em grupo se fortalece e passa a ter decisões mais firmes em busca de suas necessidades. Ele sozinho hesita em seus impulsos, mas quando encontra o outro com as mesmas intenções, ele deixa de hesitar. Assim, o indivíduo une-se ao outro para a conquista de uma força que não é física, mas social, conforme escreve Simmel (2006):

À proporção que o indivíduo, em seus propósitos mais primitivos, não apresenta hesitações nem se equivoca, podemos pensar que a mesma medida vale para o grupo social. O asseguramento da existência, a aquisição de novas propriedades, o desejo de afirmar e expandir a própria esfera de poder, defesa de posses conquistadas – este são impulsos fundamentais para os indivíduos, impulsos a partir dos quais ele pode se associar de modo conveniente a muitos outros indivíduos, a seu gosto (SIMMEL, 2006, p. 41).

Segundo Simmel, o desejo do poder e de ser firmado socialmente é uma vontade de cada indivíduo. É o que ele chama de impulso primitivo. Ao se associar com o outro, as buscas desses impulsos tornam-se convenientes. Mas o sociólogo afirma que o relacionamento em grupo precisa obedecer a normas, pois, sem elas, o indivíduo pode não hesitar em momentos delicados, que precisam de um certo discernimento ou sentimento de discernimento, já que ele está em grupo e realiza ações egoístas. Simmel (2006, p. 42) acrescenta que o indivíduo tem uma condição de existência enquanto ser social a partir do momento em que ele se limita a essas normas.

A análise de Simmel sobre os indivíduos é extensa. Tão extensa que o fez estudar o significado sociológico da semelhança e diferença dos indivíduos. Para ele, o ser humano é determinado pela semelhança e diferença. “A semelhança e diferença são, de múltiplas

maneiras, os grandes princípios de todo desenvolvimento externo e interno” (SIMMEL, 2006, p. 45).

Para o sociólogo, as diferenças no âmbito das relações do indivíduo são muito importantes, pois são um incentivo para relações e as nossas ações em sociedade. É o que dá dinamismo às relações. “[...] é o que nos garante vantagem e desvantagem perante os demais indivíduos, e não aquele aspecto pelos quais coincidimos com eles” (SIMMEL, 2006, p. 46). As diferenças com o outro são importantes, porque a partir delas o indivíduo sente seu próprio significado. Essas contraposições podem ser um estímulo, incentivo à solidariedade e respeito ao outro. Entendemos como um espaço para a pluralidade. Viver com o diferente é um desafio do dia a dia.

Quando um indivíduo tem a pretensão de ser notado diante do outro, sozinho ele pode conseguir essa expressividade. Porém, em grupo, essa força é muito mais intensa e necessária para atender às necessidades desse sujeito. Simmel (2006, p. 52) define essa força a partir de Carl Maria Von Weber³: “O indivíduo é a voz do asno, e o todo é a voz de Deus”. Com essa frase, além de firmar a força do indivíduo em grupos, Simmel dirá que o músico queria clamar pelo sentimento das massas.

Essa sedução ou envolvimento das massas mostra como os grupos se firmam na sociedade e como esse indivíduo atua diante ou inserido nessa massa. Dessa forma, sentimentos são aflorados, o que faz parte das estratégias de quem pretende agir sobre as massas, assim como a própria massa que busca arrastar consigo os indivíduos.

Por esse motivo, qualquer pessoa que tenha pretendido agir sobre as massas sempre consegue fazer isso apelando para o sentimento [...] Aqui há algo que se poderia chamar de nervosismo coletivo: uma sensibilidade, uma paixão, uma excentricidade frequentemente próprias das grandes massas, raramente demonstrada em qualquer um de seus integrantes considerado isoladamente (SIMMEL, 2006, p. 52).

A emotividade das massas acontece em conjunto. Esse sentimento, sensibilidade, realiza-se em coletividade. O indivíduo se envolve por essa carga de emoção. Talvez ele nem sinta isso sozinho. Aqui é possível observar o poder da massa em muitos grupos, movimentos sociais e que também pode envolver o indivíduo sem que ele tenha qualquer resistência. “Esse fenômeno se deve provavelmente à influência mútua, ocorrida por intermédio das emanções

³ Considerado um dos primeiros compositores alemães, dando início ao chamado romantismo musical na Alemanha, disseminado, posteriormente por todos os países da Europa. Carl Weber foi inspiração para muitos músicos da época. Informações retiradas do Portal de Pesquisa da Música Clássica: www.concertino.com.br

de sentimentos difíceis de se detectar” (SIMMEL, 2006, p. 52). Não é só indivíduo que é arrebatado. Ele pode vir a assumir a posição de arrebatador desses sentimentos, podendo ser direcionado a um sentimento que Simmel diz (2006, p. 54) ser eticamente valioso, pois coloca o sujeito para além do valor individual.

A sociabilidade se constitui em importante categoria de análise neste projeto de pesquisa, uma vez que compreendemos as relações do Movida, ou seja, a união de grupos em interação com o outro, a fim de entender o processo de interação comunicativa entre Movimento pela Vida e seus integrantes, assim como a mediação das ações do grupo.

Dessa forma, é o pensamento de Simmel que nos conduz a entender a sociedade como a própria interação entre os indivíduos. “Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses objetivos [...], objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, [...]” (SIMMEL, 2006, p. 60). É como se essa interação formasse a sociedade. Ao mesmo tempo em que se está com um, pode-se estar contra o outro. Assim se faz a sociedade, em uma relação de convivência no contexto de conflito e complexidade.

Desse modo, a consciência da sociedade é que faz dela sociedade (Waizbord, 2000); é um referencial de consciência produzido pelos atores/sujeitos; é um processo de associação que liga e produz interações espirituais entre os indivíduos, interações essas conscientes, que produzem “unidades” que sofrem e influenciam ordens sociais, ligações sociais como fios que se tecem, se enredam, se atraem e se repelem (TEDESCO, 2007, p. 58).

Para Tedesco (2007), Simmel pensa a interação como fenômeno e ideias se relacionando, movendo-se, interiorizando-se como redes de relações antagônicas e afins. Assim, a sociedade é o conjunto das ações recíprocas, que variam em grau de intensidade conforme o conteúdo ou matéria da sociação. Sociação, portanto, é “tudo o que existe no indivíduo e nos lugares concretos de toda a realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos” (SIMMEL, 2006, p. 60). Esses sentimentos, impulsos ou motivações que os indivíduos sentem cotidianamente na sociedade, não são, segundo Simmel (2006), apenas sociais, mas uma forma de sociação, de estar com o outro, de pertencer aos mesmos ideais e interesses do outro. Vale ressaltar que esses interesses que Simmel (2006) tanto destaca, nada têm a ver com o sentido egoísta, individualista do termo, mas sim com o sentido de motivar, despertar, movimentar o que dá sentido à vida.

A sociabilidade, em Simmel (2006), ‘reúne’ o conteúdo específico (os interesses materiais), a partir das formas de sociação (interação dos elementos para construir unidade), acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar junto. Deixa de ser uma rigorosa e/ou pura interação, para ter um ar de valor e felicidade. Assim se faz a sociabilidade (*Geselligkeit*).

A sociabilidade se poupa dos atritos por meio de uma relação meramente formal com ela. Todavia, quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade, também para os homens de nível inferior, um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado que o racionalismo superficial busca somente nos conteúdos concretos. Por isso, como não os encontra ali, esse racionalismo sabe apenas desmerecer a sociabilidade como se ele fosse um conjunto vazio (SIMMEL, 2006, p. 65).

Ao adquirir um papel simbólico de sociabilidade com os sujeitos, observamos uma maneira estratégica para fortalecer os laços entre os indivíduos e a sociedade. As tensões existem na sociabilidade. Cada indivíduo tem sua personalidade, sua visão e experiência de/do mundo. Porém, as suas especificidades e singularidades podem não ter lugar na sociabilidade. O refreamento do indivíduo é dado em comunhão com os outros. Por essa razão, diz Simmel (2006, p. 66), “o sentido do tato tem um grande significado na sociedade. Pois ele leva à autorregulação do indivíduo em sua relação com os outros”. Para ele, essa autorregulação pode ser positiva em um grupo, para não permitir a falta de limites de impulsos individuais e da legitimidade do outro.

No entanto, a democracia na sociabilidade é “um jogo de cena”. É um mundo sociologicamente criado, ou seja, uma sociabilidade artificialmente imaginada na coletividade. Simmel tem um olhar sensível sobre essa artificialidade na sociabilidade. Ele explica que é um erro imaginar que o ser humano entra na sociabilidade demonstrando puramente o que ele é. Isso não é possível, pois as atribuições, os excessos, as dificuldades diárias de cada indivíduo são algo que “deforma a pureza da nossa imagem” (SIMMEL, 2006, p. 70). Esquece-se de que o homem que é sociável tem suas individualidades, seu aspecto pessoal. Existe uma tensão na sociabilidade, mas ela se faz necessária para a busca dos fins coletivos. Faz parte do jogo⁴. “Cada qual só pode obter para si os valores de sociabilidade se os outros com quem interage

⁴ Entende-se por jogo o que Simmel (2006, p. 72) conceitua como “jogos sociais” ou “jogos da sociedade”. Ou seja, todas as formas de interação e sociação entre os seres humanos, como “o desejo de superar o outro, a troca, a formação de partidos, [...] a mudança entre oposição e cooperação, o engodo e a revanche – tudo isso, na seriedade da realidade, está imbuído de conteúdos intencionais”.

também os obtenham. É o jogo do ‘faz de conta’, faz-de-conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, faz-de-conta que cada um é especialmente honrado” (SIMMEL, 2006, p. 71).

Todo esse “jogo de cena” e “faz de conta” compreende os recursos da sociabilidade para manter a unicidade de um grupo e um determinado poder. Pode ser uma forma de organização e controle dos indivíduos do grupo. Para tanto, “condicionar” o comportamento dos indivíduos trará ao grupo uma ideia de boa convivência e respeito. É fundamental na sociabilidade manter essa relação de tato e sutileza, ainda que haja discordâncias.

Assim, os indivíduos se unem aos outros por uma necessidade e com o objetivo de alcançar essa necessidade. Para tanto, na concepção de Simmel (2006), os indivíduos se fortalecem em grupo e em interação com o outro. Unidos em grupo, ficam mais fortes para lutar pelas causas ou ideais que almejam. Essa imagem de grupo dá aos indivíduos integrantes uma força social diante da sociedade. O que não deixa de ser uma forma de mediação dessa imagem e força em grupo. Pode-se dizer que o velho ditado popular em que “a união faz a força” cabe na teoria de Simmel (2006). É relevante lembrar, entretanto, que os indivíduos em grupo possuem individualidades, por isso, também podem ocorrer algumas tensões. Nesse sentido, a sociabilidade expressa por Simmel (2006) requer o tato ou a ética da boa convivência para que essa sociabilidade se firme no grupo. Não há sociabilidade sem o sentimento e efeitos mútuos.

As reflexões de Simmel (2006) ajudam a compreender a sociabilidade existente entre as pessoas no Movimento pela Vida e como essas relações acontecem no mundo da vida e no próprio grupo. O autor centra-se nas relações grupais, sobre as quais diz que os indivíduos se unem por um objetivo, associam-se com um fim. Isso ocorre no Movidá, pois cada indivíduo se associou pela dor e pelo sentimento de justiça. O grupo se fortaleceu com a união dessas pessoas. No movimento existe a sociabilidade, primeiro pelo interesse em comum, representado pela dor e sentimento de justiça que estão presentes nas relações em grupo.

Em um dado momento, Simmel (2006) reflete sobre as questões das tensões e do jogo em grupo. Isso foi observado durante a pesquisa de campo. Por ser um grupo composto de pessoas de formação diferenciadas, assim como pensamentos, opiniões e educação diversos, as tensões existem, principalmente quando essas pessoas se encontram na presença umas das outras. As tensões modificam o comportamento diante do outro. Ocorre uma autorregulação e posturas são adotadas no grupo, o que é importante para a visibilidade do Movidá diante do outro e da sociedade.

É nessa relação grupal que ocorrem as trocas de experiências sobre a violência, pois as integrantes conversam entre si e, quando se encontram em grupo, identificam-se umas com as outras e se sentem fortalecidas para dar continuidade à luta. Para aquelas pessoas que não se identificam com a causa defendidas por elas, as experiências serão realizadas e um novo conhecimento será apreendido por essas pessoas. De uma experiência não vivida. Sendo reconfigurada nesse momento a visão de violência.

2.3 A midiáticação nas relações sociais

Outro importante conceito e discussão que ajuda a pensar a relação dos indivíduos em sociedade é a midiáticação, com a finalidade de compreender as relações de sociabilidade no mundo da vida. Assim, entendemos como o Movidá atua em suas sociabilidades, com a finalidade de tornar-se visível no tecido social, isto é, quais os recursos comunicacionais que são utilizados para que haja uma relação entre os indivíduos. Por midiáticação compreendemos, segundo Sgorla (2009, p. 62), “os múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação tradicionais e sociedade”. Ou seja, a midiáticação presente em diversos campos sociais, mas aqui nos interessa compreendê-la nas relações entre indivíduos e indivíduos.

A midiáticação e sua lógica na sociedade passa a “orquestrar” o curso da vida em sociedade, a partir de temporalidade, estética e ideologia próprias. A midiáticação pode influenciar o comportamento das pessoas, conduzir as maneiras como as pessoas vão pensar sobre algo. A partir do momento em que os indivíduos entram em interação com outro, conceitos vão se configurando e reconfigurando. A ideia é causar um efeito e/ou produzir um sentido, dando visibilidade. Quanto menor o tempo em que essa visibilidade for dada, melhor é o efeito ou mesmo se atinge o efeito esperado. Esse efeito tem de afetar uma amplitude, ou seja, nesse processo, como diz Sgorla (2009, p. 64) interpretando Fausto Neto, “tais afetações são relacionais e geram, conseqüentemente, retornos de processos de sentidos das construções feitas pelos outros campos”.

A midiáticação pode ser aplicada nas explicações dos efeitos e interpretações nas relações sociais sobre a mensagem que o Movimento pela Vida (Movidá) quer passar aos outros, quando seus integrantes se encontram na Praça da República com banners e cartazes sobre os casos violência, cuja maioria ocorreu em Belém, havendo alguns no interior do estado do Pará. O fato é que todos casos estão situados em regiões da Amazônia.

O pesquisador argentino Eliseo Verón (2014, p. 16) compreende a midiaticização não como um processo linear, mas um processo que produz efeitos radiais, em todas as direções, “afetando diferentes formas com diferentes intensidades”. A comunicação deixa de assumir um processo linear quando alguma mídia interfere para que essa mensagem atinja um grande alcance e quando essa comunicação é humana ou face a face. Para Verón (2014, p. 17), a comunicação “é completamente não linear, em todos os seus níveis de funcionamento, pois é um sistema auto-organizador distante do equilíbrio”. Segundo ele, essa não-linearidade na comunicação face a face é a ausência de fenômenos midiáticos, pois tudo ocorre no mesmo espaço e tempo. Mas ainda assim, a comunicação face a face, tanto quanto os fenômenos midiáticos, pode distorcer e produzir rupturas de espaço e tempo, implicando uma distorção imaginária.

Desse modo, a midiaticização ocorre nas relações humanas porque cada indivíduo carrega consigo suas impressões, interpretações, experiências do mundo da vida que, em contato ou na interação com o outro, ganham um novo sentido.

Se as midiaticizações como fenômenos midiáticos distorcem o espaço-tempo e descontextualizam os significados, os indivíduos têm a mesma ação quando entram em contato com o outro. Midiaticizam o evento a partir do relato, das ações e do comportamento.

Portanto, determinados campos e indivíduos podem se apropriar das lógicas midiáticas (ainda que não abram mão de características específicas) para produzir novas estratégias de sobrevivência, no que Verón (2014, p. 66) chama de “espaço midiático”, com um único fim: obter visibilidade e ganhar relevância no tecido social. Analisando a partir dessa perspectiva a ação do Movidá na Praça da República com os banners, observamos que o grupo busca essa legitimidade, essa relevância, no espaço midiático para fortalecer sua luta, assim como para visibilizar na sociedade o sentido negativo da violência, o sofrimento e a sua luta contra a impunidade.

2.3.1 A sociabilidade midiaticizada do Movimento pela Vida (Movidá)

Figura 2 - Grupo Movida na Praça da República



Fonte: Ana Paula de Mesquita Azevedo, acervo pessoal.

Os encontros no espaço público (Figura 2) representam, na nossa análise, uma relação de sociabilidade e midiaticização do Movimento pela Vida (Movida). São realizados a cada último domingo do mês. A Praça da República é um local de movimentação de pessoas de todas as classes sociais, religiosidades, entre outros aspectos. É um espaço de pluralidade, de arte e cultura. Percebemos um dinamismo nesse local. Observamos um pouco de tudo acontecer, desde economia a entretenimento. Portanto, com inúmeros atrativos para as pessoas, o Movida se insere nesse ambiente. Dessa forma, é relevante compreendermos o Movida nesse cenário e as relações de sociabilidade de seus integrantes.

O Movimento pela Vida é um grupo constituído há mais de dez anos e que foi desenvolvido a partir da dor de uma mãe que perdeu o filho, de 28 anos, assassinado durante uma perseguição entre policiais e assaltantes. Com essa perda e dor, D^a. Iranilde, mãe de Gustavo, que não entendia nada sobre julgamentos, investigações ou do mundo jurídico e policial, começou a se interessar em buscar a justiça e a lutar contra a impunidade. Foi dessa luta de D^a. Iranilde, essa luta de dor e pela paz, que o Movimento pela Vida nasceu.

Observamos que o Movida se configura em uma luta de mulheres, considerando a luta por justiça por filhos e companheiros. Dizemos mulheres porque a maioria dos integrantes que participa ativamente das ações do movimento são mulheres; existem homens, porém eles não atuam com a mesma frequência que elas, fazendo com que assumam um papel de coadjuvante.

Percebemos, ao longo das visitas realizadas, seja na sede de funcionamento do Movimento seja nas reuniões na praça ou no tribunal de júri, um sentimento mútuo de coletividade e solidariedade entre os integrantes. As decisões são tomadas em conjunto, isto é, compartilhadas entre os componentes do movimento, conforme nos informou D^a. Iranilde, em entrevista aos pesquisadores, no dia 22 de março de 2017. A dor e a perda são sentimentos

compartilhados mutuamente entre os integrantes. A dor de um é a dor de todos. Observamos uma forte solidariedade no grupo, inclusive em alguns momentos das visitas realizadas, marcadas por emoções.

Ao analisarmos os sentimentos dessas mães e a ação do Movidá, lembramos da crônica “Companheiras”, de Eneida de Moraes, que trata do sofrimento e solidariedade das mulheres, em ‘cativeiro’, longe de seus familiares:

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham. Havia as tristes, silenciosas, metidas dentro de próprias; as vibráteis, sempre prontas ao riso, aproveitando todos os momentos para não se deixarem abater. Os filhos de Rosa eram nossos filhos. Sabíamos as graças e as manhas com que embalavam aquela mulher forte, arrogante, atrevida sempre mas tão doce, tão enlevada pelos "meninos". Quando Rosa falava nos "meninos" ficávamos todas em silêncio. Onde andariam eles? A polícia arrancara-os daquela mãe, negava-se a informar onde se encontravam, não admitia que Rosa soubesse notícias da família: o marido foragido, a irmã distante. E os "meninos"? No silêncio das noites, Rosa fazia com que assistíssemos aos nascimentos, aos primeiros passos, à primeira gracinha, ao primeiro sorriso, e depois o crescer rápido, a escola, os livros, idade avançada. Onde estariam eles? Problemas de uma, problemas de todas (MORAES, 1989, p. 62).

Esse sentimento de cumplicidade presente nas mulheres de “Companheiras” é semelhante ao sentimento das mulheres do Movidá. Do mesmo modo, percebemos o sentido de sociação de Simmel (2006), pois existe entre as mulheres (indivíduos) a vontade de estar com outro. De estar unido por um ideal ou por uma necessidade – que, no caso do Movidá, é o desejo de justiça; como na crônica “Companheiras” esse ideal é o desejo de liberdade. Em ambas as situações, a dor é compartilhada.

Outra questão observada, também com semelhanças entre a crônica de Eneida e o Movidá, são as diferentes mulheres. Ou seja, a pluralidade das pessoas no grupo. Simmel (2006) diz que no grupo pode haver algumas tensões. Como não haver tensões em um grupo plural? Por isso, Simmel (2006) fala sobre o sentido do tato. Esse sentido do tato tem um efeito de autorregulação do indivíduo, com a finalidade de manter a boa convivência com o outro. Simmel (2006) afirma que, na sociabilidade, não há espaço para atritos. O sentimento tem de ser coletivo e mútuo. Por isso tentar manter o “faz-de-conta”, mas com a finalidade de aceitar o outro e fortalecer o grupo.

Esse “faz de conta”, definido por Simmel (2006), aproxima-se do conceito de *ethos* de Sodré (2006), por gerar normas estruturadoras do princípio de realidade. Oferece a segurança esperada para se ter uma boa relação, porém restringe a liberdade individual. “O *ethos* de um indivíduo ou de um grupo é a maneira ou o jeito de agir, isto é, toda a ação rotineira ou costumeira, que implica contingência, quer dizer, a vida definida pelo jogo aleatório de carências e interesses, em oposição ao que se apresenta como necessário e como deve ser” (SODRÉ, 2006, p. 25).

A unidade dos grupos em interação com eles mesmos, integrantes do grupo, apenas os fortalecem diante da sociedade. O Movidá busca essa força social quando eles se apresentam em grupo na Praça da República com os banners. Assim, observamos que a sociabilidade no Movidá pode se configurar como uma forma de mediação. Se estar em grupo oferece maiores possibilidades de se alcançar as necessidades de cada indivíduo, a organização perante a sociedade e em interação na praça é a força fundamental para legitimar sua imagem enquanto movimento social. Simmel afirma que o indivíduo sozinho pode conseguir seus objetivos e alcançar suas necessidades, porém, é em grupo que esse indivíduo se fortalece.

2.3.2 O Movidá mediado

A força em grupo depende também da expressão e da força social. Tudo está interligado. A mediação para o Movidá é uma estratégia fundamental para a legitimação do Movimento junto à sociedade. O fazer-se ver objetiva dar sentido tanto às ações de quem faz quanto de quem observa, não apenas mostrar por mostrar. O observador tem de estar envolvido com o que está observando, para assim despertar o interesse e impacto. O Movidá faz isso com os banners e a presença dos seus integrantes na Praça da República, mas também em qualquer outro evento que o movimento promova ou participe. Os banners apresentados representam narrativas de vida das pessoas vitimadas, conforme pode ser observado na Figura 3. É uma presença da ausência.

Figura 3 - Caminhada pelo dia estadual do Movimento Pala Vida e Pela Paz



Fonte: Ana Paula de Mesquita Azevedo, acervo pessoal.

Nos banners, as narrativas são elaboradas considerando a história de vida das pessoas vitimadas, assim como com a finalidade de chamar a atenção das pessoas no entorno dos eventos em que são apresentados esses relatos. Segundo Simmel (2006, p. 52), “qualquer pessoa que tenha pretendido agir sobre as massas, sempre conseguiu fazer isso apelando para o sentimento”. A presença do grupo na Praça da República com os banners é uma forma de demarcar a ação do movimento em torno de uma cultura da paz e de direitos, contra a impunidade e injustiça.

O próprio grupo representa uma forma de divulgação. É comum encontrar uma roda de mulheres (ver Figura 4), com uma caixa de som tocando algumas músicas (geralmente religiosas e em tom baixo), conversando entre elas. Vestem camisetas brancas, contendo cada uma a história do ente que foi vítima de violência. Mulheres, vestidas com camisetas brancas, em círculo conversando, são algo que não deixa de chamar atenção de quem passeia pelas proximidades. A própria interação entre elas e a forma como elas se “apresentam” naquele espaço público não deixa de ser um processo de midiaticização. A ideia é que essas mulheres e suas dores e histórias, enquanto vítimas de violência, sejam percebidas pelo outro, pela sociedade e por outros campos sociais. Como Verón assevera, é ganhar relevância e notoriedade no tecido social.

Figura 4 - Movidá – Praça da República - 26/06/16



Fonte: Ana Paula de Mesquita Azevedo, acervo pessoal.

Além de estimular as emoções das pessoas com a divulgação dos banners e do próprio grupo na Praça da República, o Movidá pode produzir, naquele momento em que está interagindo na praça, o que Verón (2014) chama no processo de midiatização de “efeitos radiais” em todas as direções. “Afetando diferentes formas com diferentes intensidades” (VERÓN, 2014, p. 16).

“Midiatização implica, assim, uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo” (SODRÉ, 2006, p. 22). Portanto, como esse indivíduo se apresenta e interage no “tecido social”. Desse modo, o Movidá se mostra presente no mundo, utilizando como estratégias a emoção, a unicidade, a força em grupo, a memória e a lembrança. Essa busca da força social desses indivíduos fortalece a causa e o efeito que os integrantes do Movimento esperam perante à sociedade e às instituições, de serem vistos e reconhecidos. Seja pela dor seja pela luta a favor da justiça.

2.4 A empatia

Essa midiatização destaca não só a força social que o Movimento pela Vida busca, mas também a compreensão do outro diante da luta do movimento em grupo. As relações no mundo da vida acontecem não apenas para legitimar uma relação de dominação, entre dominado e dominador. O indivíduo também quer ser compreendido. De fato, a legitimidade é importante para o grupo, porém a visibilidade da dor e indignação que essas mães e mulheres sentem são midiatizadas por elas, talvez por não mais suportarem abafá-las.

Todo grupo tem uma história. A da criação do Movidá surgiu através da dor de uma mãe que perdeu seu filho. Dor que D.^a Iranilde transformou em sentimento de justiça e

indignação. Dor que uniu outros corações com o mesmo sentimento de dor e perda, formando o grupo Movimento pela Vida. Essa mesma dor, sentida por essas pessoas, precisa ser, pelo menos, ser percebida pelo outro. Ou melhor, compreendida pelo outro. A necessidade de ter o sentimento de solidariedade do outro, desse outro que não viveu a mesma história que essas pessoas viveram. Percebemos isso na fala de D.^a Iranilde, em entrevista no dia 22 de março de 2017, às 15h:

A sociedade é indiferente. Apesar de tudo isso que acontece, de todas as mortes. A sociedade ainda é indiferente. No nosso movimento, participam somente as pessoas que estão passando pela dor. E no dia da caminhada pela paz, eu ainda sinto a indiferença da sociedade. Esse era um momento das pessoas se unir. Pois estão vendo que ali são pessoas que perderam seus entes queridos. Seria um momento de todos se unirem. Se colocarem no lugar dessas pessoas que estavam ali na caminhada (informação verbal).⁵

O sentimento de empatia é importante para essas pessoas. Sensibilizar-se com a dor do outro, além de ser um gesto de solidariedade, pode dar importância e sentido à causa do movimento. O que fica claro na narrativa de D.^a Iranilde é que o sentimento empático é mais presente em quem vivenciou a mesma experiência com a dor e com a violência. “Isso significa que o outro é como eu, capaz de agir e de pensar; que o fluxo de seus pensamentos apresenta o mesmo modo de conexão que o meu [...]” (SCHUTZ, 2012, p. 183).

Por empatia, a partir de Schutz (2012), a tese geral do alter ego significa um outro eu. No qual o pensamento, que Schutz chama de presente vivido, é apreendido pelo eu e vice-versa. Ou seja, o outro vai ter esse contato com o alter ego do semelhante, mas só o que é vivido “Agora” e não “Agora Mesmo”⁶. Só apreendemos o que está no instante e não o depois do que foi vivido ou pensado pelo outro. O passado no pensamento do semelhante também é apreendido pelo outro como “Agora”, no presente vivido. “O *alter ego* é, portanto, aquele fluxo de consciência cujas atividades eu posso perceber no presente mediante minhas próprias atividades simultâneas” (SCHUTZ, 2012, p. 183). Esse fluxo de consciência do outro, que é vivido em simultaneidade, refletimos no sentido de pensar sobre com o fluxo de pensamento do outro. Para Schutz (2012), apresenta-se com a mesma estrutura fundamental que possui minha própria consciência, o que nos leva a pensar que o outro é como eu.

⁵ RUSSO, Iranilde. Entrevista concedida as pesquisadoras (Alda Costa, Ana Paula e Denise). Belém: 22, mar, 2017

⁶ Agora e Agora Mesmo são termos utilizado por Alfred Schutz (2012, p, 182), para explicar sobre a tese do Alter ego.

Mas o que isso tem a ver com a empatia? Ora, se esse outro tem o mesmo fluxo de pensamento que o meu e é semelhante a mim, faz-nos pensar sobre o conceito de empatia. A empatia está ligada ao sentimento de compaixão, simpatia, identificação, gostar ou não de alguém. Ela é a experiência pela qual eu colho o sentido do que se passa na consciência de outra pessoa. Quando Schutz se refere ao alter ego, lembramos que se trata de ser um outro eu – ou um fluxo de pensamento do outro e a mesma estrutura da própria consciência do eu. A empatia nos faz perceber o outro como semelhante a nós, com os mesmos pensamentos e necessidades. Assim, unimo-nos a quem nos é semelhante.

Constatamos que as vivências intersubjetivas no mundo da vida do Movimento pela Vida se deram entre os integrantes pelo sentimento de empatia, ou seja, de compreensão da dor do outro porque é semelhante à nossa. Os integrantes se uniram porque são semelhantes. Semelhantes na dor e nos interesses contra a impunidade e a violência. Os fluxos de consciência e pensamento entre os integrantes estariam em ‘sintonia’, interligados e estruturados quase da mesma forma. Dizemos em sintonia porque os indivíduos têm histórias de vida diferenciadas. Esses fluxos são experienciados no presente vivido no mundo da vida. Ainda que esse pensamento tenha ocorrido no passado, ele se conecta com o outro no presente.

Entendemos a empatia na esfera da compreensão. Schutz (2012) aponta que só podemos compreender o outro a partir das experiências que tenho desse outro. As impressões que vamos ter do outro serão subjetivas. Mas ainda assim, essas interpretações ou impressões terão um valor aproximado, isto é, não terão as impressões por completo do outro. “É de grande importância penetrar a fundo na estrutura dessa compreensão, para mostrar as experiências de outras pessoas em termos das próprias experiências que temos delas” (SCHUTZ, 2012, p. 186). As experiências que os indivíduos têm com o outro permitem conhecê-lo um pouco mais. Conhecê-lo com limitações, uma vez que cada um de nós já tem suas experiências vividas e individualmente guardadas; de modo que, quando vamos decifrar algo ou alguém, as interpretações já estão inundadas com as nossas próprias experiências vividas.

Com as observações feitas durante as pesquisas de campo e em diálogo com o pensamento de Schutz (2012), percebemos que as relações sociais do Movimento pela Vida, entre os próprios integrantes, dão-se na esfera da compreensão. Ainda que cada um tenha suas experiências particulares do mundo da vida, entendem a dor do outro, que é semelhante à “nossa”. Porém, quando essa compreensão ultrapassa o grupo e vai para o social, segundo o depoimento de D.^a Iranilde, essa empatia – ou mesmo solidariedade – não está presente no outro.

Por isso os recursos comunicacionais que são utilizados pelas integrantes do Movimento pela Vida – como os banners, as camisetas com as fotos e as participações nos eventos – são molas propulsoras para a divulgação do trabalho desenvolvido pelo grupo e da dor das mães e mulheres. Eis o processo comunicacional no mundo da vida, entre os integrantes do grupo e a sociedade. As experiências são compartilhadas. Às vezes sendo compreendidas, outras não.

Desse modo, as intersubjetividades que se situam no mundo da vida partem das experiências vividas, que foram guardadas e que em algum momento são expostas no seio social. Conceitos são firmados e/ou refeitos, assim como o conceito sobre a violência. Cada um tem uma opinião ou experiência sobre ela. Quando os indivíduos interagem uns com os outros, esses conceitos são reformulados.

As reflexões teóricas de Simmel (2006) são fundamentais neste contexto, para que se compreenda a interação entre os indivíduos do grupo e a forma como o grupo se estrutura para fixar ou legitimar suas ideias no tecido social. Recursos comunicacionais utilizados como divulgação (banners e camisetas) são formas para a midiaticização do Movimento pela Vida. Portanto, forma de interação com o outro que não vivenciou a mesma dor que as mães e mulheres do Movida.

Em razão disso, entendemos que o tecido social se efetiva nas relações. Constitui-se com essa interação de culturas e de símbolos, que ao longo do tempo são naturalizados. Assim, podemos observar que o entendimento da violência ganha proporção entre as pessoas. Podemos observar, ainda, o conceito de violência para as integrantes do Movimento pela Vida. Existe um conceito dado por elas, que surgiu da sua experiência com a violência e das trocas de experiência com quem vivenciou a mesma situação.

2.5 As interações comunicativas no mundo da vida

As interações sociais são processos comunicativos que incluem tanto as relações mediadas quanto as interações entre pessoas, podem se dar por meio da linguagem no cotidiano. França (1998) diz que viver em sociedade significa construir interações de todo tipo no dia a dia. É um trabalho diário de interpretações de sentido, pois o mundo da vida é carregado de símbolos e códigos que precisam ser interpretados nas relações do cotidiano. A autora entende que a comunicação é um sistema que possibilita trocas. Trocas essas que podem ser observadas no Movida em sua luta e defesa de ideais. O comportamento e a forma de atuação dos integrantes do Movida representam uma forma de estar em interação com outro. É uma

interação de relação de sentido. O Movida tem seu papel no seio social. As pessoas têm os delas diante desse grupo ou da violência existente na sociedade.

O comportamento interindividual pode ser traduzido como uma corrente comunicacional dotada de múltiplas balizas; e os atores sociais participam de um sistema no qual todo comportamento produz uma informação social pertinente. O indivíduo não é o autor da comunicação, ele participa desse processo permanente, tão vasto quanto a cultura (FRANÇA, 1998, p. 43).

O indivíduo não é a mola propulsora dessa relação. É apenas um dos complementos que faz essa comunicação acontecer no mundo da vida. Esse pensamento nos faz refletir sobre como a violência é interpretada pelas integrantes do Movida, enquanto pessoas que foram vítimas de violência, e por esse outro indivíduo que não sofreu a violência. Entendemos que as trocas sobre esse problema social serão feitas entre os que percebem a violência, tanto por quem passou por ela quanto por quem não passou. Ou seja, dimensões simbólicas (termo utilizado por França), que são construídas sobre a violência e são firmadas no mundo da vida como verdadeiras.

França (1998, p. 44) atenta-se para as interações comunicativas a partir da palavra, inferindo que é no “falar em conjunto, que reencontramos a morada da palavra do homem”. A palavra ganha sentido e força quando em interação, no social. Assim, refletimos sobre a importância da palavra para a comunicação e as relações entre os indivíduos. “A palavra é marca distintiva da comunicação, não é propriamente uma palavra fundadora, mas fundada – fundada nas relações com o outro, na co-presença dos interlocutores” (FRANÇA, 1998, p. 44). Isto é, ela só faz sentido como comunicação no âmbito das relações sociais. O Movimento pela Vida utiliza-se da relação comunicativa para criar vínculos com a sociedade. A forma de o grupo se expressar é por meio das palavras, o que podemos notar claramente nos banners, nos discursos ao microfone na Praça da República e nas camisetas de cada integrante, nas quais fica explícita a saudade do ente querido. A palavra para o Movida é o instrumento de expressão da sua luta e dor.

Para compreender esse homem como ser em interação e a intersubjetividade no mundo da vida, que se utiliza da linguagem e da palavra para se comunicar com outro, França (1998, p. 45) destaca o termo “*Homo communicans*”, para afirmar que ele é um ser que tem por objetivo e desejo atingir o outro nesse ambiente plural e diverso que é o mundo social, onde as relações se estabelecem pela vontade, segundo França, de “estar junto, de sua atração e suas diferenças com o outro, da emoção e sensualidade que marcam sua socialidade”. Portanto, esse homem que quer reunir e produzir é o ser de comunicação e produtor de discurso. A intenção desse homem comunicador é o outro.

A comunicação é um refinamento da possibilidade de estar com outro; ela inscreve a convergência e o conflito entre o interior e o exterior, a partilha e recolhimento, o eu e o outro. Ela conjuga distância e proximidade, diferença e identidade, conflito e cumplicidade (FRANÇA, 1998, p. 45).

A comunicação proporciona assim, ao indivíduo experiências diversas. Por isso, afirma França, as interações transbordam na pluralidade das relações. Tanto faz se a experiência for positiva ou negativa, se afasta ou aproxima do outro. Na medida em que a comunicação acontece porque ela está e se materializa nas relações, emergindo daí a necessidade de estar junto e o desejo de atingir o outro. Estar junto é uma das características do grupo Movidá e atingir o outro também. A comunicação se materializa no Movidá porque essas possibilidades de estar junto, apontadas pela autora, configuram-se no ambiente das relações dos integrantes do movimento. Há convergências e conflitos nessa interação e na experiência comunicativa do grupo Movidá com o outro.

A comunicação, segundo França (1998), não está distante ou separada da socialidade, do ser junto ou de se religar ao outro por algum motivo. A comunicação, para ela, estabelece-se nas interações sociais das ações recíprocas, independentemente da forma como essas relações aconteçam. O fato é que as interações sociais ocorrem em um ambiente complexo e carregado de dimensões simbólicas, o que nos faz pensar no tamanho da complexidade que é entender a comunicação. A começar pelos interlocutores, conforme os denomina França, por cada um deles ter uma ambiência simbólica.

Retomando Schutz (2012), podemos associar a reflexão acima às reservas de experiências definidas pelo autor, sendo o próprio seio social compreendido por essa ambiência. Dessa forma, as trocas comunicativas se materializam nesse contexto, entre poder histórico o social. A comunicação só pode ser compreendida na ideia de união, do viver junto, pois ela só se materializa na presença da socialidade. O outro é importante para a interação, já que atos e ações de indivíduos são pensados e realizados porque existe um outro para me ver ou interagir comigo.

2.5.1 A relação diante do outro

Na interação social, é importante a compreensão da relação com o outro, pois refletimos em nossa análise sobre esse viés de como o “Eu” se comporta diante desse outro. Portanto, interação e comunicação se materializam no mundo da vida.

Por não se ter acesso ao interior puro do outro, Schutz (2012) reforça a explicação sobre a relação-do-Nós, em que muitas vezes estamos diante do outro sem que ele nos perceba ou esteja prestando atenção em “mim”. Para que “Eu” perceba esse outro, o “Eu” precisa estar consciente desse outro. Nos relatos de D^a. Iranilde, lembramos de quando nos afirma que existem pessoas indiferentes à dor e à causa defendida pelo grupo na Praça da República ou em outros momentos de que o grupo participa. D^a. Iranilde afirma sentir das pessoas uma certa apatia com a luta do movimento.

Eu percebo a sociedade ainda indiferente. Apesar de tudo isso que acontece, de todas essas mortes, a sociedade é indiferente porque o nosso movimento participa realmente. As pessoas que estão passando pela dor e num dia como a caminhada pela paz, eu ainda sinto a indiferença da sociedade porque era um momento das pessoas, vendo que ali são famílias que perderam, também se unirem naquele momento e se colocarem no lugar dessas pessoas (informação verbal)⁷

O relato de D^a. Iranilde pode ser identificado com as reflexões sobre uma relação unilateral em Schutz (2012, p. 203). “Ela será unilateral se apenas um de nós perceber a presença do outro. Ela será recíproca se estivermos mutuamente conscientes um em relação ao outro”. Durante a pesquisa de observação e as entrevistas feitas com as integrantes do Movimento pela Vida, observamos que a relação-do-Nós apontada pelo sociólogo está presente das duas maneiras no grupo. A relação-do-Nós passa a ser unilateral quando os outros não percebem os integrantes do Movida e as causas defendidas. Não que deixem de existir pessoas que tenham consciência da existência e da função do Movida, mas na pesquisa de campo percebemos que a maioria dos indivíduos não conhece a causa e nem o grupo, não se importando também em o conhecer. Dizemos isso, também, porque conforme os relatos das integrantes durante as entrevistas que realizamos, elas reiteram essa falta de interesse dos indivíduos em relação ao trabalho do Movimento pela Vida. Ainda assim, a relação-do-Nós existe na reciprocidade entre as próprias integrantes.

Essa reciprocidade é forte entre os integrantes – inclusive, na pesquisa de observação, imaginei que existia um amparo psicológico no Movida. Porém, a presidente D^a. Iranilde deixou claro que o movimento não oferece apoio psicológico especializado. A função do Movida é lutar pela justiça e pela paz, sendo mais apoio de ordem jurídica. O psicológico fica por conta da amizade, solidariedade e sentimento de empatia que cada uma sente pela dor das outras. “A relação face a face na qual os parceiros estão conscientes um em relação ao outro e participam

⁷ RUSSO, Iranilde. Entrevista concedida às pesquisadoras Alda Costa e Ana Paula Mesquita. Belém:22.mar.2017

um da vida do outro, ainda que por um curto período tempo, pode ser chamada de ‘relação-do-Nós pura’” (SCHUTZ, 2012, p. 203).

Cada um dos indivíduos que vive uma mesma experiência em conjunto, vive a relação-de-Nós de forma diferente. Assim, o significado que cada um tem de suas experiências é subjetivo, não sendo possível ir a fundo no “Eu” do outro, mas havendo possibilidade de unir as experiências sem a pretensão de conhecer o conteúdo subjetivo.

Mas em uma conversa da relação-do-Nós é possível captar o significado subjetivo do outro que está diante do “Eu”. Na medida em que a conversa se desenrola na interação face a face, imagens são construídas e interpretadas no momento da fala. Dessa forma, os atos intencionais estão nas palavras escolhidas de quem fala. Nessas palavras escolhidas, é possível perceber o significado subjetivo do outro. “[...] a relação-do-Nós em si mesma. Isso porque eu apreendo o seu significado subjetivo tendo como ponto de partida as palavras que você falou, depois avaliando como você as utilizou” (SCHUTZ, 2012, p. 205). Isso acontece quando se assume uma relação-do-Nós real ou potencial. A experiência do outro ou sobre o outro só pode ocorrer na forma de relação-do-Nós real, ou seja, quando se tem um contato, um momento particular com o outro, permitindo que o “Eu” possa viver os contextos subjetivos e significativos do outro.

Faz parte das relações e da forma como o “si” se comporta diante do outro e como esse outro percebe o “si”. Em alguns momentos, não se adentram os contextos subjetivos do indivíduo; porém, quando em situação de ato de fala, em conversação, é possível experienciar esse outro em sua particularidade a partir das palavras que ele usa para se comunicar. Ao se relacionar com o outro em conversação, no seu ato de fala, o Movimento pela Vida manifesta uma intencionalidade que pode ser percebida por alguns. Em entrevistas com as integrantes do Movida, a intencionalidade intrínseca na fala delas sobre o movimento é que o Movida é um grupo que luta por justiça de forma incansável. Observamos que, no encontro na Praça da República, há uma certa intencionalidade ao estarem ali. Nesse momento, a interação se configura de várias formas (visão, audição), inclusive na conversação. Esse espaço público é um lugar onde estamos atentos a muitas situações. É um lugar rico e diverso, que proporciona inúmeras interações. O Movimento pela Vida estando ali, está em uma relação-do-Nós unilateral, recíproca, pura ou real. As interações sociais são motivos de descobertas do outro.

Nas relações face a face, os comportamentos são orientados pelo outro. Isto é, como afirma Schutz (2012), minhas ações são orientadas a partir dos contextos motivacionais do outro. O sociólogo aponta que essas interações face a face no seio social são testemunhos do

“eu” sobre o comportamento do outro diante de “mim” e de minhas ações. Para Schutz (2012), nas relações face a face temos sempre a intenção de representar algo para outro e agimos conforme a ação ou reação dele. Entendemos, no entanto, que essa relação se dá na pluralidade, na coletividade, no “nós”. Dessa forma, podemos experienciar o outro e, dependendo da situação, perceber os seus contextos subjetivos. Entendemos que quando conseguimos vivenciar esse outro em sua subjetividade, talvez o compreendamos mais.

Os integrantes do Movida talvez tenham entre si esse regime de perceber um ao outro, em que uns vivenciam as experiências dos outros. Essa relação-do-Nós, face a face, permite-lhes fortalecer sua luta enquanto grupo, porque cada um se percebe enquanto integrante do Movida, enquanto pessoas vítimas de violência e enquanto mulheres, mães, tias, que perderam seus entes querido para a violência. Uma percebe a outra e uma reage a partir da ação da outra, o que pode ser positivo na legitimidade e força do Movimento pela Vida.

Discutimos neste capítulo como ocorrem as relações do Movimento pela Vida. Fundamentamos essa discussão a partir dos conceitos defendidos por Schutz (2012) sobre intersubjetividade, explicando que indivíduo adquire seu mundo dos sentidos a partir de suas reservas de experiências vividas cotidianamente ao longo do tempo. Buscamos dialogar também com Simmel (2006) sobre a ação do indivíduo sozinho e em grupo, entendendo como esse universo grupal ocorre em suas relações entre os integrantes e a sociedade. Na mediação, buscamos compreender como a comunicação do Movimento pela Vida é pensada, já que o grupo se utiliza de recursos comunicativos para visibilizar seu trabalho e sua causa.

Em França (1998), buscamos entender como esses processos comunicativos ocorrem no mundo da vida, diante do qual a autora nos ajudou a visualizar a comunicação presente na atuação do Movimento pela Vida no seu dia a dia. Dessa forma, entendemos que nossas relações são sempre pensadas diante do outro. Estamos sempre agindo em relação a um outro. Foi fundamental, portanto, levantarmos essas discussões, a fim de entendermos como ocorrem as trocas comunicativas do Movimento pela Vida, quais os recursos utilizados pelo grupo e qual a intenção em que esse grupo se baseia no seu agir e comportar-se diante do outro.

3 VIOLÊNCIA E DOR: UMA EXPERIÊNCIA NARRATIVA

Neste capítulo, fazemos uma reflexão sobre o testemunho, pois entendemos que as narrativas presentes nos banners e nas falas das integrantes do Movimento pela Vida se configuram como uma forma de testemunho. Em Paul Ricoeur (2008), o que é chamado de testemunho na hermenêutica é uma questão de significado. São experiências vividas que produzem inspirações, intenções, ideias e que superam a experiência histórica. Não somente se referindo ao que viu, o testemunho para autor é uma questão do absoluto, do significado; o absoluto cria um significado na consciência.

Do mesmo modo, fazemos uma reflexão sobre o sentido da dor e as experiências por elas vividas durante o luto. Assim, compreendendo as situações em que a experiência da dor é vivenciada pelas mães e mulheres do Movida.

Essas discussões possibilitaram analisar as narrativas da dor, conforme denominamos na presente pesquisa, das integrantes do Movimento pela Vida, afetadas pelo problema da violência urbana. Como essa narrativa da experiência da dor “atinge” o outro, que porventura pode não ter tido a mesma experiência, o Movida expõe a dor para esses outros. É um movimento que faz da dor sua luta no seu cotidiano e na divulgação das suas ações e trabalhos. Buscamos compreender o conceito de experiência na comunicação, partindo do pensamento de Adriano Duarte Rodrigues (1994).

Com as narrativas do testemunho, buscamos compreender as experiências de vida dos integrantes do Movida e as interações entre o movimento e a sociedade. Entendemos o testemunho como uma forma de interação com outro. Narrar a dor para o outro é uma forma de troca de experiência.

3.1 Experiência da dor

A dor é o sentimento principal das pessoas que integram o Movimento pela Vida. Foi a dor da perda, da violência, que fez com essas pessoas se unissem para lutar por justiça social. Foi pela dor que elas decidiram não se acomodar, não se calar e lutar por justiça.

Por isso, fizemos a seguinte indagação: o que seria a dor? Para Denis (2011, p. 42), a dor física produz sensações e a dor moral ou espiritual produz sentimentos. O autor deixa claro que a experiência com a dor traz ao indivíduo a maturidade, a serenidade diante da vida. Segundo ele, muitas vezes é difícil para o homem compreender a dor como algo benéfico na

sua vida. É com a dor que esse homem alcançará sua ascensão espiritual e moral. “Cada qual gostaria de refazer e embelezar a vida do jeito que quisesse, enfeitá-la como todos os atrativos, sem pensar que não há bem sem-dor nem ascensão sem-esforços” (DENIS, 2011, p. 413).

Para Sarti (2001, p. 4), no entanto, a dor seria um processo de socialização entre indivíduo e sociedade. São experiências vividas ao longo do tempo. O entendimento sobre a dor é construído pelos indivíduos mediante suas referências coletivas e realidade social. Assim, a experiência da dor é regida por códigos culturais que são constituídos pela coletividade e determina as formas de manifestação dos sentimentos. Isto é, a dor se manifesta de acordo com essas experiências vividas coletivamente. Ela é constituída e manifestada pelo indivíduo a partir de sua interação com outro.

Em culturas estóicas, onde se valoriza o autocontrole, por exemplo, a dor será vivenciada e suportada distintamente de outras culturas sem estes valores. CECIL HELMAN (1994), ao distinguir a “dor privada” da “dor pública”, assinala que a dor é vivenciada nestes diferentes âmbitos sociais, de acordo com seu significado para o indivíduo e a cultura a que pertence. A forma de manifestação da dor precisa fazer sentido para o outro. Vivenciado e expresso mediante formas instituídas coletivamente, tal sentimento se torna inteligível para o grupo social. Os sentimentos constituem uma linguagem. As formas de expressão dos sentimentos não são naturalmente dadas, mas, segundo o trabalho clássico de MARCEL MAUSS [1921, p. 153], têm a obrigatoriedade dos fatos sociais: *“mais do que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica”* (SARTI, 2001, p. 6).

A autora diz que a manifestação das dores pelos indivíduos tem a necessidade de ser vista pelo outro, lembrando-nos da discussão de Schutz (2012), que defende que estamos sempre agindo para o outro. Nossas ações e comportamentos são pensados a partir da reação do outro. Assim acontece com a dor. Cada indivíduo que manifesta a sua dor ao outro, tem sua bagagem cultural e vivências que serão vistas e ditas durante sua manifestação de dor. Esses aspectos serão interpretados por um outro indivíduo que tem seu próprio mundo de sentidos. A dor, nesse sentido, passar a ter um valor social, participando da socialização, constituindo uma forma de interagir com outro, de fazer ver o sofrimento e de despertar no outro o sentimento de compaixão.

As integrantes do Movimento pela Vida expressam a sua dor com o desejo de interagir com outro. Sobretudo, com esse outro que não vivenciou essa dor com a violência. Por isso, mostrar o sofrimento ao outro é mostrar a violência e não permitir que a história do ente querido caia no esquecimento. A dor que uma mãe sente com a perda de um filho faz com ela queira

perpetuar a memória do filho. A mãe ou a pessoa que perdeu seu ente querido vive as dores do luto. Dores que, segundo Parkes (1998, p. 62), não são manifestadas em uma depressão profunda, mas em episódios agudos de dor, com ansiedade e dor psíquica. “Nessa ocasião, o enlutado sente muita saudade das pessoas que morreu, chora ou chama por ela” (PARKES, 1998, p. 62). Observamos essa dor da saudade na maioria das integrantes entrevistadas por nós, ficando evidentes os momentos em que elas relembram do ente querido. Choro, silêncio, pausa na hora de falar – tudo isso foi vivenciado por nós pesquisadoras durante nossas entrevistas. Relembrar do ente querido foi um momento muito triste para todas nós, as entrevistadas e as pesquisadoras.

A dor vivenciada pelas mães e/ou mulheres do Movimento pela Vida é o processo de luto. Segundo Freitas e Michel (2014, p. 274), o luto é vivenciado com a ruptura física entre o morto e o enlutado. Por conta dessa nova fase e momento da vida, o enlutado deverá ter uma nova significação no mundo da vida. “A vivência do luto impõe, por conseguinte, novas formas de ser no mundo, uma vez que aquelas anteriormente dadas não podem ser vividas novamente, e assim não haveriam uma exigência de ressignificação do luto, mas da relação com aquele que morreu” (FREITAS; MICHEL, 2014, p. 274).

A experiência que o enlutado irá vivenciar com o ente querido será reconfigurada. A relação dele com o ente querido que morreu se dará a partir do campo da coexistência do mundo vivido com a ausência presente do outro, como se esse ele ainda permanecesse na vida do enlutado. Andreлина, uma das nossas entrevistadas, relatou-nos que até hoje conversa com o filho, Bruno⁸. Ela nos disse que chama por ele, mantém uma relação como se ele estivesse vivo e próximo a ela. Esse relato de Andreлина sobre a dor acaba cativando uma relação e a atenção de quem a escuta. Relatar que ainda sente o filho próximo e vivo reforça esse pensamento. A esse respeito, Sarti (2001) diz que o relato da dor ganha o sentido de vivências coletivas – o que faz sentido quando nos envolvemos com a dor de Andreлина. Nesse momento, sua dor é socializada, passando a ser de todos nós, pois testemunhamos a sua história.

O desejo de perpetuação da memória do filho é um aspecto defendido por Freitas e Michel (2014), sobre o qual destacam que, no relato das mães que eles entrevistaram, o desejo de manter as memórias dos filhos é algo constituinte da vivência do luto. “O anseio de perpetuação da memória surge como uma tentativa de que o filho não seja esquecido pelos outros após a sua morte” (FREITAS; MICHEL, 2014, p. 280). Apropriando-nos do pensamento dos autores, nas observações que tivemos no Movida, pudemos identificar esse aspecto, já que

⁸ Filho de Andreлина Pereira assassinado na porta de casa.

as integrantes do movimento têm esse desejo forte de manter viva a memória dos filhos. A presença dos banners, das camisetas estampadas com as fotos dos filhos ou entes queridos faz parte da realidade do Movida. Em qualquer evento de que o grupo participe, existe algo que lembre os seus entes queridos.

Homenagens em cemitérios, locais públicos, fotos, relatos escritos e verbais da história do filho, manutenção do quarto do filho, entre outras tantas formas de perpetuar a sua memória, são manifestações ampla e complexas da relação que a mãe passa a ter com o filho morto (FREITAS; MICHEL, 2014, p. 280).

Esse desejo de manter a memória do filho, segundo os autores, é um processo de ressignificação da relação eu-tu. Para Freitas e Michel (2014), as mães querem manter um vínculo com o filho mesmo após a sua morte. Essa atitude lhes ajuda a lidar com a perda, sobretudo, por não permitir que o filho seja esquecido. Relacionando ao cotidiano do Movimento pela Vida, o aspecto de querer manter essa memória de alguém querido é perceptível entre as integrantes entrevistadas. Elas buscam perpetuar essa memória nas aparições em eventos e na Praça da República. Mantendo tais memórias, além de ressignificar a relação entre eu-tu, como defendem os autores, é possível que outras pessoas conheçam as histórias e os casos do Movida. Há muitas maneiras de a mãe ressignificar sua relação com o ente querido morto, por exemplo, participando de projetos ligados a ele, aproximando-se de pessoas que lhe recordem dele. Para os autores, todos esses aspectos são formas de o enlutado manter uma relação com o ente querido morto.

3.2 As experiências cotidianas

Diante dessa relação com o outro, que comumente ocorre nas experiências cotidianas, entendemos ser importante dialogar com o pensamento de Adriano Duarte Rodrigues. Além de podermos compreender, a partir do campo da Comunicação, como essas relações e interações presentes no Movimento pela Vida se estabelecem entre os indivíduos ouvidos.

Rodrigues (1994, p. 37) diz que a comunicação humana parte da resposta a uma ação que foi destinada ao indivíduo. O indivíduo reage mediante a essa ação. O autor denomina essa reação de *pulsão* (grifo do autor), que ele entende como uma “modalidade específica da maneira como apetrechamento instintivo se encontra no homem, a sua modalidade virtual que exige [...] a concretização cultural” (RODRIGUES, 1994, p. 37). Para o autor, o indivíduo ou o homem não se relaciona com o outro no mundo através das respostas comportamentais, mas sim de

signos culturais que o próprio indivíduo elabora. Segundo Rodrigues, esses signos elaborados e concebidos pelo indivíduo são particulares, interpretados com a sua visão de mundo e expostos no mundo da vida para as interações.

Assim, as integrantes do Movimento pela Vida reagiram às experiências vividas pela violência e pela dor com a criação do movimento. Dizemos que a pulsão das integrantes do Movida foi agir em favor da justiça. A dor e a violência vivenciadas por elas foram absorvidas e elaboradas pelo sentimento de justiça. É pelo prisma da justiça, dor e violência que elas se comunicam com os seus semelhantes. Esses foram os dispositivos culturais elaborados pelas integrantes do Movimento para se comunicar com o outro.

É no mundo da vida que podemos entender as experiências quotidianas vividas pelas integrantes, isto é, segundo Rodrigues (1994, p. 84), um saber constituído em conjunto de saberes contrários ao saber científico. Fazem parte das experiências do dia a dia.

Os saberes da experiência quotidiana se comunicam ou se traem, tanto pelo discurso, como pela observação dos comportamentos. São processor de observação e de uma empatia que permite averiguar, ao longo da convivência e da interação social, estes saberes da experiência traídos pelos comportamentos singulares dos actores sociais (RODRIGUES, 1994, p. 84-85).

Os saberes das experiências cotidianas não são certos, exatos, como o saber científico. Não há uma resposta pronta para os saberes das experiências cotidianas, pois emergem de um tempo de observação e podem ter mais de um resultado. O estudo da experiência cotidiana nos permite compreender as relações no mundo da vida e sua complexidade. Portanto, trata-se de um esforço para compreender o porquê de um indivíduo pensar e agir diferentemente do que pensamos, o motivo de existir o diferente, a razão de algo nos causar aversão ou estranhamento, a fim de tentarmos compreender e respeitar as diferenças.

Por isso Rodrigues (1994, p. 87) diz que “cada um de nós vive uma multiplicidade de mundos”, seja essa vivência uma de cada vez seja simultaneamente, ao mesmo tempo em que nos relacionamos com o outro que vive a mesma experiência de multiplicidade de mundos. Assim, entramos em interação com outros semelhantes que possuem diversificados mundos. Para o autor, podemos viver intensamente um mundo criado. Criado pela ficção, por um filme ou um romance, sem que possamos perder o sentido do mundo à nossa volta. Podemos vivenciar

o mundo ficcional e, a qualquer momento, podemos voltar à realidade. É nessas interações com outros mundos vividos que o indivíduo tem a ‘oportunidade’ de criar quadros de experiências.⁹

Esses quadros de experiências são necessários para o desenvolvimento da interação. São constituídos no que o autor chama de regras processuais, que permitem o reconhecimento e a identificação desses quadros para que as ações e discursos tenham sentido e todos os envolvidos nessa interação se situem em um mesmo mundo comum. É como se, em tais quadros, pudéssemos identificar regras e princípios que não estão claros ou visíveis nas interações.

Quando os quadros de experiências são identificados – e neles, as regras – fica estabelecido um mundo comum. Ações e discursos são conferidos ou estabelecidos, e são definidos os papéis que irão ser representados nessa interação. É como se o indivíduo, em um determinado contexto, estabelecesse regras sobre o que dizer e fazer, assim como sobre as funções ou papéis que lhe cabe desempenhar dentro daquele quadro de experiências. Cada um tem um papel a exercer no processo interativo do mundo da vida. “Tudo isso tenta comunicar que aquilo que está ocorrendo numa interação é governado por regras ou princípios em geral não declarados [...] talvez invisível, [...], ‘dentro’ da qual ocorre a interação” (GOFFMAN apud BERGER, 2012, p. 18).

No tecido social, os indivíduos pertencem a diversos quadros de experiências, agindo, estabelecendo regras e assumindo papéis que lhes são conferidos. As experiências cotidianas estabelecem essas situações nas interações no mundo da vida, dentro das quais cada indivíduo tem seu papel. Observando as ações das integrantes do Movimento pela Vida, percebemos que é um movimento em que as regras e ações são bem definidas e discutidas entre elas. Toda ação é pensada com cuidado. As regras precisam ser ditadas para que haja uma organização no grupo. Algumas integrantes têm a facilidade de falar em público, outras são mais tímidas e trabalham nos ‘bastidores’, outras ainda são mais aguerridas e ajudam as que não têm tanta atitude a cobrar agilidade nos processos no Tribunal de Justiça.

Trata-se esse de um determinado quadro de experiência no contexto do Movimento. Entretanto, segundo Rodrigues (1994, p. 90), o indivíduo assume ou participa de diversos quadros de experiências. Contudo, assume vários papéis em diversas situações, nas quais novas regras são construídas e ditadas na medida em que ele muda de quadros. Por exemplo, as integrantes do Movimento pela Vida não são apenas integrantes do movimento, elas exercem outras funções, como mães, filhas, esposas, professoras, aposentadas, desempregadas, etc. É

⁹ Conceito defendido por Erving Goffman que Adriano Rodrigues se apropria para explicar as experiências nas interações comunicativas.

por conta dessa possibilidade de experiências, Rodrigues (1994) diz ser difícil ver totalmente a identidade. A esse respeito, o autor alega que os quadros de experiências na vida cotidiana são totalmente abertos, fadados a modificações. “Na vida cotidiana os quadros estão em permanente deslocação, tal como o horizonte se vai deslocando diante dos nossos olhos à medida que progredimos na nossa caminhada” (RODRIGUES, 1994, p. 91).

Com a discussão das experiências quotidianas, refletimos sobre a comunicação em relação a essas experiências. Dessa forma, Rodrigues (1990, p. 67) diz que entende comunicação como “processos de transação entre os indivíduos ou como a interação, com a natureza, com as instituições sociais e no relacionamento consigo próprio”. Ao mesmo tempo, defende que os processos comunicacionais são muito mais abrangentes, pois atingem diversos domínios do ato discursivo. Ele exemplifica esses atos discursivos em gestos de silêncio, olhares, posturas e até omissões no comportamento.

Rodrigues (1990, p. 67) afirma também que os processos comunicacionais podem ser identificados em uma palavra esperada e não enunciada ou em uma ação não esperada, mas que foi realizada ou sugerida. O ato de comunicar ou comunicação vai para além do que chama de “actos expressivos e os actos pragmáticos”. Identificamos toda essa comunicação descrita pelo auto no Movimento pela Vida: seja nas atitudes das integrantes, que lutam assiduamente pela justiça, sendo obviamente mais perceptível essa comunicação e o que elas pretendem com essas ações e exposições; seja com as atitudes que só quem convive no movimento e com os integrantes pode compreender e delas depreender mensagens, que podem ser de dor, revolta, medo ou inquietação. Consideremos a fala de D.^a Nazaré:

É porque eu buscava uma resposta. E tipo assim, porque o meu filho? Por que? Eu não conseguia entender. Na verdade, a mãe ela não consegue entender porque o filho pode ser errado como for, mas a mãe não quer aceitar a partida do filho assim. Hoje, não vou te dizer que eu estou conformada, eu estou confortada, mas no início não. Eu nunca entrei em desespero, começava a chorar, mas nunca esbravejei, nunca bati em parede, bate em pedra, enfim nada disso, mas sempre tinha uma mágoa com Deus dentro de mim quando eu me perguntava por que o meu filho? (informação verbal)¹⁰

Constatamos que em determinado momento do seu luto e da sua dor com a perda de seu filho, Leandro, D.^a Nazaré se voltou contra Deus. Questionou-o sobre por que algo assim tinha ocorrido com o filho dela, que foi assassinado por dois menores devido a uma dívida que ele havia feito para consertar a moto que utilizava para ir ao trabalho. Leandro emprestava a moto

¹⁰ PEREIRA, Nazaré. Entrevista concedida as pesquisadoras (Alda, Ana Paula e Denise). Belém:08, maio, 2017.

para esses dois adolescentes que tiraram sua vida; em uma das andanças com a moto, os menores sofreram um acidente e foram para o hospital. Enquanto eles estavam internados, Leandro pediu dinheiro emprestado para um dos avôs dos menores para o conserto da moto. Não concordando, os menores avisaram a Leandro que não gastasse o dinheiro, pois, assim que saíssem do hospital, iriam pagar o conserto. Porém, Leandro não agiu conforme queriam os adolescentes, que, ao saírem do hospital, programaram a sua morte.

Essa história só pôde ser relatada porque tivemos uma proximidade e um momento com Nazaré, que nos revelou a história de seu filho. No seu relato, percebemos a revolta com Deus. Revelou isso a nós em um momento em que estava imbuída de emoção e lembranças, talvez não tendo ela a intenção de nos dizer a respeito desse sentimento.

Nessa experiência em que D^a. Nazaré nos relatou o assassinato de seu filho, identificamos uma forma de comunicação que pode ser vinculada ao ato de testemunhar. A esse momento de identificação e reconhecimento do testemunho Rodrigues (1997) dá o nome de efeito simbólico. A comunicação entre o destinador e o destinatário se faz a partir desse processo de comunicação e experiência vivenciado por ambos os interlocutores. “Aquilo que predomina na relação simbólica entre a comunicação e a experiência não é obviamente a comunicação de um acontecimento ou de um fenômeno, na medida em que este já é suposto ser conhecido por parte do destinatário” (RODRIGUES, 1997, p. 4).

Assim, comparamos a experiência e comunicação dos integrantes do Movida, porque ambos os interlocutores, tanto quem emite o relato quanto quem o recebe, podem possuir ou não uma experiência com a violência. Um porque vivenciou de fato e transmite ao outro sua experiência com a violência por meio de narrativas, histórias contadas; o outro, que recebe, pode ou não ter vivenciado essa experiência, mas de qualquer modo irá transmitir essa história a outras pessoas. Logo, ele também irá transmitir um testemunho que não é dele, porém ele testemunhou o testemunho do outro interlocutor que sofreu a dor.

Entendemos que nessa relação, pensando com Rodrigues (1997), os interlocutores possuem uma experiência em comum com a violência, ainda que não seja da mesma forma. A experiência, no entanto, existe, seja ela vivida de fato seja vivenciada a partir de um relato.

O fundamento da intercompreensão tem de estar atrelado “a fatos e acontecimentos perfeitamente conhecidos pelos interlocutores” (IDEM, 1997, p. 5), com a finalidade de garantir a mutualidade de interpretação e o processo de identificação. Portanto, o sentido só se realiza a partir do momento em que esses interlocutores detêm os fatos e acontecimentos que lhe são comuns. Sentidos são trocados nesse momento, ainda que vissem a mesma experiência.

3.3 O testemunho

Além da indagação sobre o sentido da dor, outra importante questão que atravessou toda a nossa pesquisa foi compreender o sentido de testemunho, considerando o sentimento que uniu os integrantes do Movida.

Ricoeur (2008, p. 109-110) problematiza a questão do testemunho, afirmando estar além de uma questão histórica, de memória, de algo que aconteceu que foi testemunhado e temos como lembrança. O testemunho na hermenêutica de Ricoeur (2008) é uma questão de significado. São experiências vividas que produzem inspirações, intenções, ideias e que superam a experiência histórica. Não somente se refere ao que se viu, o testemunho para autor é uma questão do absoluto, do significado. O absoluto cria um significado na consciência. Abordamos o absoluto em três condições pensadas pelo autor, a partir da interpretação de Teixeira (1991).

Desse modo, Teixeira (1991, p. 30-31) diz que a primeira condição defendida por Ricoeur é o problema do testemunho absoluto, o absoluto do absoluto. Quando a palavra se designa a somente relatar um testemunho de alguém, seja esse testemunho no contexto histórico seja no jurídico, o testemunho torna-se problema filosófico quando a palavra da testemunha se refere a um discurso, ideia, obras e ações que atestem uma intencionalidade. Isto é, que ultrapasse apenas a questão da experiência vivida por quem testemunhou ou pela questão histórica. Há, portanto, nesse testemunho uma intenção, um objetivo de ser relatado. Uma intencionalidade absoluta de algo absoluto.

É evidente que esta questão só tem, sentido para uma consciência em que o absoluto faz sentido. Que tipo de consciência é esta? Não basta uma consciência puramente crítica, que se quede na denúncia do argumento ontológico, das provas racionais da existência de Deus, de toda a onto-teologia; exige-se que a reflexão seja capaz de, através de um esforço intelectual e moral, elevar a consciência de si até uma "afirmação originária" tal que se identifique com uma afirmação absoluta do absoluto (TEIXEIRA, 1991, p. 30).

Seria uma afirmação absoluta do absoluto porque teria de atingir uma interpretação ou sentido amplo da palavra. Além da consciência crítica ou científica, exige-se uma consciência moral, de experiência vivida para compreender e fazer sentido – de fato, o testemunho do absoluto do absoluto. As experiências vividas do indivíduo, que são carregadas pelas experiências intelectuais e morais, trarão à consciência o “entendimento” absoluto do

testemunho. É como se se compreendesse o testemunho não apenas pelo seu relato ou sentido histórico, mas pela amplitude do significado do discurso defendido ou relatado existente no testemunho a ser dito ou intencionalmente a ser dito. Não é, portanto, um mero testemunho.

A outra condição, proposta por Teixeira (1991, p. 30), seria de que a filosofia reflexiva não teria uma “*afirmação originária*” (grifo do autor) restritamente calcada na experiência, mas sim, como o autor o chama, um “despojamento” ético e especulativo que é onde se encontrará a reflexão do absoluto. Não será apenas uma interpretação a partir das experiências vividas, mas da bagagem ética que esse indivíduo tem e pode parecer com uma experiência do absoluto no testemunho. Desse modo, a “*afirmação originária*” não tem limites quando se destina ao indivíduo. Isto é, não há limites para o sentido do testemunho absoluto. É algo que vai muito além da esfera de um relato histórico, de experiências, pois é algo da esfera da ética e da consciência ética.

A terceira condição interpretada por Teixeira (1991, p. 31) é uma filosofia que não se encontra na densidade da experiência do absoluto nem no *exemplo* (grifo do autor) e nem no *símbolo* (grifo do autor). No caso dos heróis, não podem cumprir o papel da experiência do absoluto, pois não há um reconhecimento nem a confissão do mal que se exige nas palavras e ações absolutas. Os heróis, como exemplos, não cumprirão essa experiência do absoluto, por serem figuras fora da realidade, distante do real e do individual. Assim como o exemplo, o símbolo também não está inserido no testemunho absoluto. Teixeira diz que Ricoeur (2008) defende que os símbolos têm dupla interpretação e fazem parte da imaginação criadora. No símbolo é mais importante o sentido do que a historicidade. Já o testemunho absoluto “confere a sanção da realidade a ideias, ideais, modos de ser, que o símbolo apenas nos traça e descobre como os nossos possíveis mais próprios” (TEIXEIRA, 1991, p. 31).

Ditas as condições defendidas por Ricoeur (2008) sobre o testemunho, conforme interpretadas por Teixeira (1991), tomamos a discussão sobre testemunho a partir do primeiro. Desse modo, Ricoeur (2008) define semanticamente a palavra testemunho da seguinte forma:

El testimonio posee ante todo un sentido cuasi empírico: designa la acción de testimoniar, es decir, de contar lo visto u oído. El testigo es el autor de dicha acción: es él quien, habiendo visto u oído, cuenta el acontecimiento. Se habla así de testigo ocular (o auricular). Ese primer rasgo ancla todas las otras significaciones en una esfera cuasi empírica. Decimos cuasi empírica, porque el testimonio no es la percepción misma sino lo contado, es decir, el relato, la narración del acontecimiento. Transporta por lo tanto las cosas vistas al plano de las cosas dichas. Tal transferencia tiene una implicación importante en el plano de la comunicación: el testimonio es una relación dual, está el que testimonia y el que recibe el testimonio. El testigo ha visto, pero el que recibe su testimonio no ha visto sino que escucha. Sólo por la audición del testimonio

puede él creer o no creer en la realidad de los hechos contados por el testigo. De tal manera, el testimonio en tanto relato se encuentra en una posición intermedia entre una comprobación realizada por un sujeto y un crédito asumido por otro sujeto acerca de la fe del testimonio del primero. No es sólo de un sentido a otro, del ver al oír, que el testimonio transporta el acontecimiento; dicho testimonio está al servicio del juicio; la comprobación y el relato constituyen sendas informaciones con las cuales uno se forma una opinión sobre la secuencia de los acontecimientos, sobre el encadenamiento de una acción, sobre los motivos de un acto, sobre el carácter de una persona, en suma, sobre el sentido de lo que ha sucedido. El testimonio es aquello en lo que uno se apoya para pensar que..., para estimar que..., en fin, para juzgar. El testimonio quiere justificar, probar lo bien fundado de una aserción que, más allá del hecho, busca alcanzar su sentido (RICOEUR, 2008, p. 112-113)¹¹

Para o autor, quando o testemunho passa do plano das coisas ditas, narradas, implica uma relação dual entre quem testemunha e quem recebe o testemunho. Assim, Ricoeur (2008) diz que o testemunho não é somente de um nível sensorial ao outro, mas ao plano do juízo, pois o relato emitido é constituído por alguém com opinião sobre o acontecimento, sobre o que viu. “El testimonio es aquello en lo que uno se apoya para pensar que..., para estimar que..., en fin, para juzgar” (RICOEUR, 2008, p. 113)¹². Assim, diz que o caráter ocular do testemunho nunca é o suficiente para constituir senso de testemunho, pois este é realizado por alguém que tem suas experiências e ponto de vista sobre o mundo da vida.

Fundamentamos essa discussão no Movimento pela Vida, pois a cada ação e aparição do grupo, em locais públicos, emerge a narrativa da dor. É um testemunho da dor e da violência sofridas pelos entes queridos, já que é possível aos indivíduos que estão de fora de o grupo presenciar essas narrativas. Assim, entendemos que as integrantes do Movida relatam a sua dor e a violência sofrida pelo seu ente querido a esse outro imbuído de suas próprias experiências vividas. Cada testemunho narrado por elas tem sua opinião, o seu juízo de valor. Nesse sentido,

¹¹ O testemunho tem, acima de tudo, um significado quase empírico: designa a ação do testemunho, isto é, dizer o que foi visto ou ouvido. A testemunha é o autor desta ação: é ele quem, tendo visto ou ouvido, conta a história. É assim falado de testemunho ocular (ou auricular). Essa primeira característica ancora todos os outros significados em uma esfera quase empírica. Dizemos quase-empírico, porque o testemunho não é a própria percepção, mas a história, isto é, a história, a narração do evento. Transporta, portanto, as coisas vistas no plano das coisas ditas. Essa transferência tem uma implicação importante no plano da comunicação: o testemunho é uma dupla relação, é a que testifica e a que recebe o testemunho. A testemunha viu, mas aquele que recebe seu testemunho não viu, mas escuta. Somente ao ouvir o testemunho, ele pode acreditar ou não acreditar na realidade dos fatos contados pela testemunha. Desta forma, o testemunho como uma história está em uma posição intermediária entre um cheque feito por um sujeito e um crédito assumido por outro assunto sobre a fé do testemunho do primeiro. Não é só de um sentido para outro, de ver quando ouvir, que o testemunho transporta o evento; Este testemunho está ao serviço do julgamento; a comprovação e a história constituem uma informação separada com a qual se forma uma opinião sobre a sequência de eventos, sobre a cadeia de uma ação, sobre os motivos de um ato, sobre o caráter de uma pessoa, em suma, sobre a sensação do que ultrapassou. O testemunho é o que você confia para pensar que ..., para estimar que ..., em suma, para julgar. O testemunho quer justificar, provar a fundação de uma afirmação de que, além do fato, procura alcançar seu significado

¹² O testemunho é o que você confia para pensar que ..., para estimar que ..., em suma, para julgar

de acordo com o pensamento de Ricoeur, esse testemunho passa a ser o testemunho dos sentidos.

No sentido quase jurídico, o testemunho é dado e recebido em uma situação de discurso – o processo. Nesse sentido, a ação de testemunhar, segundo Ricoeur (2008, p. 113) está relacionada com uma “institución: la justicia, – un lugar: el tribunal; -una función social: el abogado, el juez; -una acción: litigar, es decir, ser acusador o defensor en un proceso” (RICOEUR, 2008, p. 113)¹³. O testemunho no âmbito jurídico, na maioria das vezes, tem a intenção de persuadir, de influenciar a decisão do juiz.

Ricoeur (2008) explica que o testemunho pode ter características e funções documentais. Como prova de algo que ocorreu em um debate ou reunião, a função de registrar algo. Nesse caso, o testemunho ganha esse valor documental. Assim, o testemunho deixa de ter um sentido jurídico para ganhar sentido histórico; ou os dois juntos, com as características legais e históricas do acontecimento. Completando seu pensamento, Ricoeur (2008, p. 114) afirma que o testemunho “no es aquí una categoría específica del método histórico, sino que constituye una transposición característica e instructiva de un concepto eminente-mente jurídico que atestigua así su poder de generalización”¹⁴.

O autor se apropria do âmbito jurídico para explicar o significado da palavra testemunho, porque ele é utilizado como argumentação nas audiências jurídicas, como se tivesse a função de atestar algo, a veracidade de algo. Atribuindo este pensamento de Ricoeur (2008) para a realidade do Movimento pela Vida, o testemunho nos banners e nos relatos das integrantes do Movida de alguma forma ganha o sentido de atestar algo, tornar verdadeiras e vivas as histórias e dor das mães e esposas que perderam seus entes queridos. É uma forma de troca de experiência da dor, de tornar legítima a dor, a perda e a violência. Como se fosse necessário utilizar da retórica para ‘convencer’ o outro sobre a dor e a violência presentes na luta do Movimento pela Vida.

Além de tornar algo verdadeiro, confiável ou legitimador, Ricoeur (2007, p. 170) ainda defende que o testemunho nos leva em salto ao passado (*praeterita*). Segundo ele, por tratar do passado, o testemunho passa por um processo epistemológico, iniciando na memória declarada, arquivo, documentos, e terminando na prova documental. Para o autor, o testemunho tem várias

¹³ justiça, - um lugar: o tribunal; - uma função social: o advogado, o juiz; -Uma ação: litigar, isto é, ser um acusador ou defensor em um processo

¹⁴ não é aqui uma categoria específica do método histórico, mas constitui uma transposição característica e instrutiva de um conceito eminentemente jurídico que atesta seu poder de generalização.

utilidades, já que ele pode ser organizado por arquivamento, como objetivo de consulta dos historiadores e no uso judicial.

Mas o testemunho não assume apenas a utilidade de constituição de arquivos, pois na representação do passado por narrativas, artifícios retóricos e colocação de imagens, “[...] ele resiste não somente à explicação e à representação, mas até à colocação em reservas nos arquivos, a ponto de manter-se deliberadamente à margem da historiografia e de despertar dúvidas sobre sua intenção veritativa” (RICOEUR, 2007, p. 170).

Para o autor, quem define a confiabilidade do testemunho é de quem vai contar, narrar esse testemunho. Quanto à forma como esse testemunho irá ser contado e repassado a quem vai ouvir, é possível perguntar-se: Quais estratégias, recursos utilizados por esses que está a contar o fato? Quem registrou o acontecimento? No caso dos integrantes do Movida, a utilização dos banners é recurso para tornar verdade o testemunho da dor da perda a partir do relato sobre como as vítimas foram assassinadas.

Mas o testemunho não se esgota no sentido quase empírico e quase jurídico. Ricoeur (2008) diz que o testemunho também é presente na dimensão ética. O testemunho verdadeiro não se limita apenas a contar os fatos, a narrar algo. O testemunho não se limita ao relato de algo, na medida em que tem a ver com testemunhar por alguma coisa ou causa. Tem-se um objetivo, uma ideia a defender.

Por esas expresiones nuestro lenguaje entiende que el testigo sella su vínculo a la causa que defiende por una profesión pública de su convicción, por un celo propagador, por una consagración personal que puede ir hasta el sacrificio de la propia vida. El testigo es capaz de sufrir y morir por lo que cree. Cuando la prueba de la convicción se paga con la vida, el testigo cambia de nombre: se llama mártir. Pero ¿cambia realmente de nombre? Mártir, en griego, es testigo (RICOEUR, 2008, p. 117)¹⁵.

Nessa situação, o testemunho ganha um sentido de causa a ser defendida. Tendo convicção e devotamento à causa defendida, o sentido do testemunho se inverte. Deixa de ser apenas o ato da palavra. Não é mais um relato oral de um fato investigado. Torna-se uma ação atestadora do que existe interiormente no homem. “Se habla así de ‘testimonio de la conciencia’. Pero, sobre todo, se denomina testimonio a una acción, una obra, al movimiento

¹⁵ Por essas expressões, nossa linguagem entende que a testemunha junta seu vínculo com a causa que ele defende por uma profissão pública de sua convicção, por um zelo de propagação, por uma consagração pessoal que pode ir até o sacrifício da própria vida. A testemunha é capaz de sofrer e morrer pelo que ele acredita. Quando a prova da condenação é paga com a vida, a testemunha muda seu nome: é chamado de mártir. Mas isso realmente muda seu nome? Mártir, em grego, é uma testemunha

de una vida, en tanto constituyen la señal, la prueba viviente de la convicción y la consagración de un hombre a una causa” (RICOEUR, 2008, p. 118)¹⁶. Para o autor, esse compromisso é o que distingue o testemunho falso do verdadeiro.

Para Ricoeur (2008, p. 127), interpretar um testemunho é um ato duplo, ou seja, “un acto de la conciencia de sí sobre sí mismo y un acto de comprensión histórica sobre los signos que el absoluto da de sí mismo” (RICOEUR, 2008, p. 127-128)¹⁷. Ainda segundo o filósofo, partindo da interpretação histórica, o testemunho oferece algo a interpretar e exige uma interpretação.

Em Ricoeur (2008, p. 128) quando o testemunho oferece algo a interpretar, existe uma imediatidade do absoluto, como se fosse a primeira interpretação. É o que autor chama de *manifestação* (grifo do autor) é onde o absoluto declara-se aqui e agora. O testemunho aqui é a própria manifestação. Como se a aparição de algo ou alguém fosse o testemunho do acontecimento. As aparições do Movimento pela Vida em local público são uma manifestação. Assim podemos dizer que é um testemunho da manifestação, pois naquele momento o grupo está manifestando a sua luta e sua dor.

Existe, en el testimonio, una inmediatez de lo absoluto sin la cual no habría nada a interpretar. Dicha inmediatez opera como origen, como initium, más acá del cual no es posible retroceder. A partir de allí, la interpretación será la interminable mediación de esa inmediatez. Pero sin ella, la interpretación será siempre sólo una interpretación de la interpretación (RICOEUR, 2008, p. 128)¹⁸

Mas o autor diz que nesse testemunho, como manifestação, não há nada o que interpretar. A interpretação será feita imediatamente, no imediatismo. Sem que exija muita reflexão ao interpretar. Segundo Ricoeur (2008), a manifestação do absoluto também ocorre na situação em que testemunho é interpretado. Ou seja, quando se tem uma prévia capacidade do universo de significar. O autor exemplifica da seguinte forma: “Los primeros testigos del Evangelio confiesan la significación Cristo directamente sobre el acontecimiento Jesús: ‘Tú eres el Cristo’. No hay ninguna distancia entre el Jesús de la historia y el Cristo de la fe. La

¹⁶ É assim que se fala "testemunho de consciência". Mas, acima de tudo, é chamado de testemunho de uma ação, uma obra, o movimento de uma vida, na medida em que constituem o sinal, a prova viva da convicção e a consagração de um homem a uma causa.

¹⁷ Um ato de autoconsciência sobre si mesmo e um ato de compreensão histórica sobre os sinais que o absoluto dá de si mesmo.

¹⁸ Há, no testemunho, um imediatismo do absoluto sem o qual não haveria nada para interpretar. Esse imediatismo funciona como uma origem, como iniciado, além do qual não é possível voltar. A partir daí, a interpretação será a interminável mediação desse imediatismo. Mas sem ele, a interpretação sempre será apenas uma interpretação da interpretação

unidade se escreve: Jesús-Cristo” (RICOEUR, 2008, p. 129)¹⁹. Interpretando o pensamento do autor, Cristo vai ser Cristo em qualquer momento. Independentemente do espaço e do tempo, Cristo sempre será o homem de fé, aquele que os indivíduos conhecem como uma figura religiosa.

Mas Paul Ricoeur atenta para a reflexão de que o testemunho vem do outro. Portanto, esse testemunho pode vir com impressões e experiências alheias. Isto é, já pode vir interpretado e significado por um outro indivíduo. O autor diz que “Se pone a girar un extraño círculo hermenêutico: el círculo de la Manifestación y de la Pasión. El martirio no prueba nada, decíamos, pero una verdad que na captura al hombre hasta el sacrificio carece de prueba” (RICOEUR, 2008, p. 131)²⁰.

Dessa forma, o testemunho parte da consciência de um indivíduo. Nele podemos identificar as experiências do indivíduo que emitiu o testemunho. Porém, pode-se pôr em dúvida os acontecimentos desse testemunho. Dessa forma, podemos concluir que o testemunho não é mais uma manifestação relativa absoluta. A manifestação só vai ser absoluta quando houver a manifestação do si mesmo “y esta manifestación absoluta de lo absoluto confiere a un acto de reconocimiento finito y revocable el sello de su propio absoluto” (RICOEUR, 2008, p. 134)²¹. Interpretando o pensamento do autor e trazendo para a realidade do grupo Movidá, o testemunho apresentado pelas integrantes tem suas próprias impressões e interpretações.

Fundamentando esse pensamento de Ricoeur (2008) para a realidade do movimento, observamos que o testemunho defendido pelas integrantes é uma causa defendida com convicção por elas. Narrar a sua dor para o outro testemunhar é causa principal do grupo. Além de narrar a história do ente querido, também é um ato de testemunho defendido por elas. Elas estão nas manifestações mostrando seu sofrimento e como seu ente querido sofreu ao morrer. Ainda em observação durante a nossa pesquisa, cada relato exposto por elas é um ato de testemunho, seja nas conversas que tivemos, seja nas manifestações públicas, seja nos banners. É um ato de testemunho porque elas contam as histórias ao outro que quer escutá-las.

A utilização dos banners é o maior recurso que elas utilizam para relatar o acontecimento da perda dos entes queridos para a violência. É com esses recursos que as integrantes do Movidá podem afirmar e validar as suas histórias, sobretudo, não as deixando ser esquecidas. É como

¹⁹ As primeiras testemunhas do Evangelho confessam o significado de Cristo diretamente no evento Jesus: "Você é o Cristo". Não há distância entre o Jesus da história e o Cristo da fé. A unidade está escrita: Jesus-Christ

²⁰ Um círculo hermenêutico estranho começa a girar: o círculo da Manifestação e da Paixão. O martírio não provou nada, dissemos, mas uma verdade que não captura o homem até o sacrifício não possuir provas

²¹ E esta manifestação absoluta do absoluto confere a um ato de reconhecimento finito e revogável o selo de seu próprio absoluto

se fosse um arquivo que precisa ser lembrado, pois os casos do Movida não podem cair no esquecimento. Desse modo, elas mantêm as histórias e os relatos vivos tanto para os próprios integrantes quanto para quem não participa do movimento e desconhece sua luta. Manter vivas a história, a causa e a dor dessas mulheres e mães é uma questão de honra e protesto.

O testemunho acrescenta traços específicos ligados à estrutura de troca entre aquele que o dá e aquele que o recebe: em virtude do caráter reiterável que lhe confere o estatuto da instituição, o testemunho pode ser tomado por escrito, prestado. O depoimento é por sua vez a condição de possibilidade de instituições específicas dedicadas à coleta, à conservação, à classificação de uma massa documental tendo em vista a consulta por pessoas habilitadas (RICOEUR, 2007, p. 177).

Os banners do Movida são arquivos nos quais constam as histórias e com a imagem da vítima, para que saibamos os detalhes dos acontecimentos que vitimaram seus entes. Algo tem de ser documentado para tornar vivas as histórias de dor defendidas pelas mulheres do Movida. Ricoeur (2007, p. 177) diz que o arquivo é um lugar físico que abriga lembranças, fatos de rastros cerebral e afetivo; rastros documentais. Para ele, assumem um lugar que vai para além desses lugares físico e espacial, porque assumem um lugar social. Social porque o conhecimento histórico que foi arquivado irá se tornar relevante e marcante para outras gerações. Outras gerações vão tomar conhecimento sobre o que aconteceu, em que época, lugar e contexto. Estarão explícitas no enunciado do testemunho as informações que o outro deve saber. De qualquer forma, defende Ricoeur (2007), o cotidiano será retratado e lembrando no testemunho que foi enunciado por alguém que vivenciou o fato. Por isso, os testemunhos são utilizados pelo historiador, pois é preciso ter o registro documental para tornar sabível a toda a história do nosso passado.

Dialogando com o Movida analisamos que os testemunhos da violência, do fato, não são testemunhos vistos por enunciações ou textos escritos. Mas são o testemunho da dor, presentes em recursos comunicativos, como os banners e a própria presença dos integrantes nos locais públicos, tornando-se peças fundamentais desse testemunho da dor, impunidade e violência. Rodrigues (1994) afirma que o testemunho pode ser transmitido ao outro por uma segunda pessoa, aquela que ouviu o testemunho da própria pessoa que vivenciou o fato. Observamos que o testemunho é pertinente à reflexão sobre a comunicação e as trocas de experiências vividas, já que o relato da experiência vivida por um indivíduo é repassado a outro indivíduo, que se responsabiliza em transmitir o relato a outras pessoas mais.

Se pensarmos na ação do Movimento pela Vida, de fato as integrantes não são vítimas diretas da violência, mas suas experiências com esse problema social ocorreram na forma de perda de um ente querido. Assim, o fato que vitimou aqueles próximos das integrantes não foi por elas diretamente vivenciado nem foram elas as testemunhas oculares do acontecimento. Alguém lhes contou o que aconteceu. Alguém que pode ter presenciado o fato, de modo que elas mesmas foram testemunhas do fato narrado e não do fato em si. Em nossa observação, entendemos que os banners e a própria presença das integrantes em locais públicos são formas de testemunhar os casos, a violência que seus filhos, maridos, sobrinhos, etc., sofreram.

A narrativa do testemunho tem o propósito de tornar visível uma determinada história de sofrimento. Quem conta, quer ser ouvido e falar a todos sobre a sua experiência de trauma, dor ou violência. Isso 'exige' do outro uma escuta com bastante sensibilidade, pois a narrativa traumática sempre é muito dolorosa e carregada de lembranças. Márcio Seligmann-Silva (2008) diz que, na narrativa testemunhal, o passado é presente, pois ao se testemunhar uma dor, tudo em torno dela volta à tona; todas as lembranças são revividas. Há um reencontro com aquela dor, com aquela lembrança. Nas nossas observações em campo, percebemos que o Movimento faz essas narrativas do testemunho, pois uma história com experiência de violência ou traumática é contada.

Por quantas Nirvanas ainda temos que chorar?

"...Muitas vezes, me expulsava de casa e trancava a porta me deixando ao relento. Isso aconteceu várias vezes. Ele não me dava escolha de separação."

"...Dizia que me amava, mas me impedia de crescer, pois, todos os meus incentivos eram cortados por escândalos e palavras de baixo calão"

"...Fui ameaçada com uma arma, jogada brutalmente do carro em movimento na Pratinha num local deserto e de difícil acesso de um transporte."

"... Escrevi-me num concurso público e quando faltava uma semana para a prova. Ele trancou meus documentos inclusive comprovante de inscrição, apostila e meus pertences pessoais. Tudo para que eu não tivesse acesso a uma oportunidade de trabalho garantido.

"... Fui cuspada no rosto e espancada na frente dos meus colegas de trabalho e clientes. Cheguei até a perder meu emprego."

Como se tudo não bastasse, ou não satisfizesse seu ego, tirou minha vida no dia 05/07/07, com três tiros, sendo um na cabeça, um no coração e um no abdômen.

Fui morta de forma covarde, sem chance de defesa e abandonada dentro de carro fechado, sem direito nem mesmo a socorro.

Essa foi minha vida!

Este trecho é um relato póstumo sobre Nirvana Evangelista, que foi assassinada em 5 de julho de 2007, pelo namorado. Por ciúmes. Na narrativa, há o relato da violência que a vítima sofreu durante todo o seu relacionamento com o assassino. De fato, não é a Nirvana quem conta,

mas essas informações foram relatadas a alguém por ela. Alguém a escutou, ouviu suas amarguras e aflições. Apenas o relato foi reproduzido no banner, como se ela estivesse contando o seu próprio sofrimento e morte. É uma forma de tornar presente alguém ausente ou de entender o sofrimento da jovem, ou seja, o sentido da violência sofrida por Nirvana em vida.

A narrativa testemunhal tem em sua essência esse “ar” de justiça. Como bem define Felman (2000, p. 21-22), o testemunho tem por função registrar eventos e relatar fatos de um acontecimento histórico. O narrador testemunhal sente-se obrigado a relatar, escrever os acontecimentos, catástrofes às quais sobreviveu, para fazer perdurar na memória alguma injustiça que possa ter sido vivenciada em tempo passado, para que essa injustiça jamais possa ser esquecida.

Em comparação ao Movimento pela Vida, memória, esquecer e lembrar são palavras que estão na ideia e na essência do grupo. As mães e mulheres, ao se encontrarem na Praça da República com os banners expostos para o outro, têm também a vontade de não tornar suas dores e casos esquecidos. D.^a Iranilde relata que as narrativas escritas nos banners servem para elas mesmas, integrantes do grupo, não esquecerem as histórias, e para as outras pessoas lembrarem dos casos. “[...] O banner faz te lembrar dos casos. [...] E também as pessoas quando vão perguntar”, disse Iranilde. É lógico pensar que ninguém narra sobre a dor para ser esquecido. Se essa dor vier atrelada a injustiças, o desejo da memória e lembrança deve ser aguçado.

Sobre a narrativa do testemunho, Peres (2016) esclarece que etimologicamente a palavra testemunho²² se origina do latim e é representada por dois termos, podendo ser usada tanto no sentido de *superstes* quanto de *testis*.

No primeiro caso é associado a um tipo de discurso dos sobreviventes, indivíduos ou grupos sociais que viveram situação de choque e necessitam de espaço para contar suas experiências. [...] já enquanto *testis*, testemunho seria o depoimento daquele que se coloca como um terceiro, entre duas partes, podendo ajudar a julgá-las” (PERES, 2016, p. 93-94).

Observando a partir desse ponto de vista de Peres (2016), o Movimento pela Vida se enquadra nas duas situações de testemunho, pois as integrantes do grupo viveram o choque e contam suas experiências com a violência, entre si e para os outros que não vivenciaram tais formas de violência. Esses outros podem ser amigos, parentes ou mesmo pessoas que não foram diretamente afetadas por ocorrências de violência e procuram saber o que é o Movida. Todas

²² É interessante esclarecer etimologicamente a palavra testemunho, a fim de tornar mais compreensível o assunto.

essas pessoas podem ser aquelas que as integrantes encontram na Praça da República ou em outro evento em que o grupo participe.

Em relação ao testemunho de quem não vivenciou a violência, mas que relata o fato ao outro sem tê-lo vivido, o Movidá pode também ser aí enquadrado. Ora, quando relatam a forma como seus entes queridos morreram, isso é uma forma de contar todo o acontecimento sem tê-lo vivido. Observamos que as integrantes do Movidá relatam as histórias de morte de seus entes queridos a todo instante, mesmo que não tenham vivido a violência de fato. A violência vivida por elas é a da dor, a dor da perda. Esse é o trauma e o testemunho delas. Essa é a violência que elas podem narrar enquanto narrador-personagem. Quanto à história de morte do filho, do marido, do irmão, etc., elas assumem um papel de narrador-observador. Em ambos os casos, porém, elaboram uma estrutura narrativa na qual podem ser consideradas narradores testemunhais.

A narrativa relatada por quem observa é como se o olhar fosse voltado para a vivência alheia. No caso das experiências vividas, essas foram da vítima direta da violência – o filho, marido, sobrinho, etc., de algumas das integrantes do grupo Movidá. Elas terão que contar a “nós” como que seu ente querido foi morto. Essa testemunha é dada de uma experiência que não é a dela, e sim a do parente, a da vítima da violência. “No primeiro caso, o narrador transmite uma vivência; no segundo caso, ela passa informação sobre outra pessoa. Pode-se narrar uma ação de dentro dela, ou fora dela” (SANTIAGO, 2002, p. 44). Essas formas de narrar nós podemos observar nos textos jornalísticos, pois em entrevistas se recolhem relatos, que serão narrados por uma terceira pessoa.

As integrantes do Movidá recolhem o relato sobre a forma como seus entes queridos foram mortos e, no momento em que pedimos para elas nos relatarem os fatos, elas narram. Dessa forma, as narrativas de testemunha são parte do nosso dia a dia, do mundo da vida. Vivemos atrelados às nossas narrativas e às narrativas dos outros. Isso forma nosso pensar e comportamento, formando um emaranhado de sentidos e símbolos pelos quais somos rodeados.

A narrativa agrega valores e pessoas, já que, na maioria das situações, ela são contadas oralmente. As narrativas do testemunho estão na esfera da oralidade. As histórias são contadas boca a boca. Seligmann-Silva (2002) conta, a partir da perspectiva de John Beverley, que na narrativa de testemunho, contada na primeira pessoa gramatical por um narrador que é protagonista, a unidade narrativa é uma vivência significativa e particular. “O testemunho é exemplar não fictício [...] e é profundamente marcado pela oralidade [...]. Essa literatura nasce

da boca e não da escritura, de uma população explorada e na maioria das vezes analfabeta” (SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 77).

Os relatos feitos pelas integrantes do Movimento pela Vida acontecem dessa forma muito particular. Embora o que elas relatem como testemunha sejam narrativas de dor, cada uma fala da sua dor de forma muito específica e pessoal. Todas essas narrativas são relatadas em uma conversa informal, em um contexto de relação entre indivíduos que se dá face a face. Assim, podemos entender que as narrativas de testemunha aproximam as pessoas em uma interação social e comunicativa, cujos interlocutores se encontram no mesmo espaço e tempo. Schutz (2012, p. 202) diz que as pessoas, quando estão próximas às experiências umas das outras, estão em situação face a face. A relação de interação é imediata. Esse imediatismo faz com que o indivíduo se torne intencionalmente consciente do outro que está diante dele.

A relação face a face acontece, como dito anteriormente, em forma de uma narrativa, literatura que se firma na fala e não na escrita. Isto é, na presença do outro, o narrador tem a consciência de que está diante dele escutando seu relato. Schutz (2012) demarca o que vem a ser importante nessa relação narrativa: o “eu” e outro. O “eu” passa a estar na posição a que identifica como “orientado-pelo-tu”. Ora, se o “eu” vai estar orientado pelo tu, refletimos que o “eu” estará em representação. Dessa forma, nessa interação o “eu” e tu só terá acesso às experiências externas do outro. “Na vida real nunca experienciamos a ‘existência pura’ do outro; em vez disso, encontramos pessoas reais com suas características e traços pessoais” (SCHUTZ, 2012, p. 203). Apesar de experienciar o outro, essa relação entre o “Eu” e “Tu”, ocorrida no dia a dia dos indivíduos, como bem aponta Schutz (2012), não é pura, pois nunca se tem acesso por completo à mente do outro.

3.4 As narrativas

Quando narramos algo, narramos com a intenção de que alguém nos escute ou preste atenção no que temos a narrar. Motta (2012) diz que estudar as narrativas é compreender o sentido da vida e interpretar as ações dos indivíduos e suas relações sociais no mundo da vida. “Estudá-las é refletir sobre o significado da experiência humana e sobre o que as narrativas realizam enquanto atos de fala” (MOTTA, 2012, p. 23).

As narrativas nos permitem uma interação com outro. O nosso dia a dia se torna uma narrativa pessoal, individual. Estamos sempre contando histórias de nós para os outros. Contamos nossas experiências e testemunhos de nossa dor ou sonhos. Vivemos em uma

narrativa e somos a própria narrativa. Como nos diz Sá Martino (2016), as narrativas são um encontro com outro:

[...] as histórias que contamos são um dos principais fatores na formação dos vínculos entre pessoas e, por conta disso, fundamentais na origem de comunidades e sociedades. O ato de contar uma história, para além de qualquer consideração como simples relato, está ligado a uma considerável série de fatores, das questões de estilo aos problemas de texto, dos pontos de vista narrativos às visões de mundo presentes em qualquer narrativa. Mais do que isso, o ato de contar histórias está ligado, em boa parte dos casos, a um sentido de compartilhar algo com outras pessoas; histórias são contadas para o outro; mesmo quando a narrativa é feita para si mesmo, no sentido de um solilóquio, os fatos narrados e o modo de narrar se interpelam em termos da recordação do que outros contaram. O ato narrativo, o momento de contar uma história, parece ser um momento privilegiado para se pensar e entender o ato comunicacional como uma forma de encontro com o outro (SÁ MARTINO, 2016, p. 42).

Os integrantes do Movimento pela Vida (Movida) têm como hábito e estratégia narrar suas dores. Marcadamente, a dor da perda. Na pesquisa de observação realizada, constatamos a dor dessas pessoas que tiveram a experiência com a violência, relatada nas narrativas presentes nos banners e nas falas dos integrantes em reunião na Praça da República. As suas histórias de sofrimento, dor e perda são pacientemente escutadas por outros integrantes do movimento. Quando pessoas querem integrar ao grupo, elas narram suas histórias. Ou seja, contam suas experiências com a violência. Além das dores, narra-se também o andamento dos processos; o que fizeram, como estão acompanhando, quais os resultados desse processo, quem são os juízes, promotores, delegados, entre outras autoridades envolvidas, etc. Os relatos têm também informações sobre os acusados. De modo que, tudo em torno desses acontecimentos e experiências é narrado nas reuniões do Movida.

As narrativas no Movida unem as integrantes pelo fato de terem vivido as mesmas experiências, por saberem que existe um outro igual a “mim” e pelo movimento de solidariedade, porque supõem que serão entendidas e compreendidas. Conforme afirma Motta (2012, p. 24): “Nossas narrativas nos instituem e constituem. Por isso psicanalistas, no divã, nos solicitam sempre contar a eles histórias de nossas vidas”. Compartilhar, interagir com e pelas histórias é terapia, aproxima e faz bem. Motta diz que as narrativas revelam, também nossos estados intencionais e o que pretendemos ser, “os scripts que projetamos para nós mesmo”.

O script pessoal, segundo Motta, é acumulado desde a infância, nas nossas vivências – o que percebemos em Schutz (2012) como estoque de conhecimento. Esses conhecimentos em algum momento serão projetados no mundo da vida. Esse script pessoal poderá influenciar nas

relações e na vida humana. Principalmente, porque são acumuladas tantas experiências agradáveis e desagradáveis que conceitos são construídos a partir desse script pessoal. “A compreensão da ação humana, concluem os psicólogos culturais, só pode proceder através de razões narrativas (scripts programados)” (MOTTA, 2012 p. 25).

É nessa linha de pensamento que Motta (2012) defende que as narrativas são mais presentes nas práxis da interação social do que na aquisição da linguagem. Para narrar, existe um outro que escuta os relatos. As interações podem ocorrer nesse momento em que o outro escuta a minha estória, experiência e vivência. As narrativas nos ajudam a compreender o mundo e o ser humano, considerado como indivíduo que está no mundo da vida, atuando de diversas formas em comunicação com outro. Nessa interação, significados e conceitos são compartilhados e depois, ressignificados. Ou seja, as narrativas são relacionais, uma vez que possibilitam um encontro com o outro. Narramos nossas histórias de vida, assim como ouvimos as histórias de vida do outro.

Para Sá Martino (2016, p. 44), narrar pressupõe o estabelecimento de algum tipo de relacionamento, ainda que mínimo, com a pessoa para quem se narra:

Nesse sentido, é bom especificar que o ato narrativo distingue-se de outros atos de comunicação pela natureza intrínseca de sua forma de comunicar: trata-se, a princípio, de “contar uma história”, isto é, de elaborar um conjunto de enunciados que faça algum sentido em si mesmo dentro de uma perspectiva compreensível a respeito de fenômenos que não estão presentes naquele momento. O ato narrativo desenha-se, dessa maneira, como um ato sobretudo de compartilhamento deliberado do simbólico entre duas ou mais pessoas providas de um determinado referencial apto a entender, ou ao menos perceber, as implicações desses elementos (SÁ MARTINO, 2016, p. 44).

Essa reflexão sobre as narrativas não está distante do que pode ser observado nas integrantes do Movimento pela Vida. Ao mesmo tempo em que existe um objetivo mais burocrático no Movida, quando a dor é socializada, é como se houvesse um alívio.

[...] o Movida posso te dizer que ele me ajudou muito. [...]. Vocês sabem que eu poderia nunca mais ir para o Movida. Está resolvido o caso do meu filho, não é? Já foram julgados, condenados, já foram julgados no TJ. Então não tem mais nada para eles. Mas aí eu digo: não. Eu vou. Eles (Movida) me ajudaram. Então eu tento que ajudar as outras pessoas. Chegam mães lá iguais a mim. [...]. Tenho esse compromisso, porque olha realmente a gente é Sei lá. É uma troca. Uma mãe entende a outra (informação verbal)²³

²³ PEREIRA, Andreлина. Entrevistas concedida as pesquisadoras (Ana Paula, Alda e Denise). Belém: 11, maio, 2017.

Para D.^a Andreлина o sentimento de identificação e solidariedade enquanto integrante do Movimento em relação a outras mães e mulheres que chegam com a mesma dor ao movimento. Além da troca, interação que as narrativas oferecem aos integrantes, as narrativas unem as pessoas, unem forças e histórias. A experiência de uma pessoa é compartilhada com as das outras. Encontrar um outro com a mesma experiência faz bem, e relatar ao outro que já experienciou a dor, também faz bem. Em Motta (2012, p. 32), as narrativas ajudam a dar sentido à vida humana na medida em que contamos ou recitamos nossas histórias. Isso reflete e condiciona nossas crenças, valores, costumes, histórias, nossas leis e culturas.

Narrar nos dá significações. Significações de como queremos parecer perante ao outro. Nas narrativas, construímos nossos valores morais, políticos, nossas crenças e religiões. Representamo-nos nas narrativas, nos nossos relatos, porque queremos sempre comunicar um valor, uma imagem. Motta (2013, p. 18) diz que, através das narrativas, recobrimos nossas significações. As significações no relato de D.^a Andreлина, quando fala da dor, demarcam o sentimento de solidariedade e compromisso que ela tem com o Movida. É importante para ela relatar o Movida como relevante na sua vida, ainda que continue primariamente a ser uma instituição fundamental para a sociedade.

Percebemos que o Movida é uma entidade pela qual ela tem um apreço, além do compromisso, já que ela se envolve com as dores das outras integrantes, bem como assume o cargo de vice-presidente do Movida. Tal é a responsabilidade e compromisso que D.^a Andreлина tem com o movimento.

Sobre as representações que as narrativas “ajudam” a fortalecer, Motta (2013, p. 19) afirma que “todo o discurso é um poder, um poder que se exerce na relação entre quem fala e quem escuta”. O Movida de alguma forma quer se legitimar na vida social. As narrativas, além de muitos outros recursos de que o Movida se utiliza, são também uma forma de estabelecer essa relação com outro. Um outro que potencialmente escuta os relatos dos integrantes ou vê os banners que são expostos durante os eventos que o Movimento pela Vida realiza ou dos quais participa.

Ao analisarmos as narrativas, em diálogo com Schutz (2012) e Simmel (2006), observamos que estão presentes no mundo da vida e no seio do Movimento pela Vida, a partir da própria imagem que o grupo constrói sobre o que eles querem que o outro perceba sobre o movimento. O próprio grupo é uma narrativa – pois a representação que as integrantes construíram é uma narrativa do testemunho. São narrativas os recursos que elas utilizaram para formar a sua imagem enquanto grupo, o que se dá por meio dos banners, as camisas com as

fotos e pequenos relatos dos casos e os encontros na Praça da República. Essas foram formas comunicativas que o grupo encontrou para se firmar na sociedade. Para se tornar visível diante do outro. Simmel (2006) defende que o indivíduo em grupo é muito mais forte do que sozinho. Com o Movimento pela Vida agindo em grupo, seu discurso fica fortalecido, pois são várias vozes se manifestando no tecido social. São várias narrativas relatando a dor da perda do ente querido, a violência e as injustiças.

O poder do Movida está presente na sua narrativa, enquanto entidade que luta por justiça social. Um grupo não existe e nem se institui pelo simples fato de existir. Tem uma intencionalidade e uma razão de ser. Torna-se mais visível quando detém um determinado poder sobre o outro; ainda que seja somente o poder da imagem e visibilidade. O discurso, as narrativas se constituem dessas ideias: intencionalidade, poder e visibilidade.

Narrar a dor é uma forma de chamar a atenção do outro, de interagir com ele, de se fazer ser visto por ele. Na pesquisa de campo, observamos o grupo Movida tecer suas narrativas como recursos em busca da compreensão por parte de outros que não sofreram violência, mas que precisam entender a importância do movimento em sociedade. Isto é, como o Movida é percebido pelo outro e como as narrativas do Movida alcançam ou atingem esses outros. Nessa relação, experiências serão trocadas e conceitos serão refeitos a partir dos relatos dos interlocutores envolvidos na interação – no caso, integrantes do Movida e outros, que podem ser o outro dentro do grupo ou fora do grupo, com experiência ou não com a violência.

Recorrendo a Schutz (2012), lembramos que o sociólogo explica que temos reservas de conhecimento são adquiridas ao longo de nossas vidas. Quando interagimos com os outros no mundo da vida, esses conhecimentos, representados em comportamentos, conceitos, valores, podem ser refeitos. Em comparação com a narrativa, entendemos que esses conhecimentos podem vir a nós como um relato, por uma narrativa em que a intersubjetividade se constitui como uma nova experiência. Uma nova narrativa. Um novo conceito.

4 EXPERIÊNCIAS COMUNICACIONAIS DAS PESSOAS AFETADAS PELA VIOLÊNCIA

A escolha do método ou métodos de análise se constitui em uma das atividades mais complexas dentro de uma pesquisa, considerando que sua seleção deve ‘responder’ ou ‘possibilitar’ olhar com maior clareza as inquietações relacionadas a uma situação-problema em uma investigação. Representa um instrumento que vai nos ‘ajudar’ a desvelar o mundo, com a finalidade de compreensão e explicação dos fenômenos que ocorrem na sociedade. No campo da Comunicação, essa atividade se configura em um exercício não muito fácil, devido à abrangência que o termo pode alcançar e as múltiplas possibilidades de análises demandadas pelo campo.

A pesquisadora Vera França (2016, p. 154) lembra que tratar sobre metodologia é transitar em um tema árido, mas devemos “encontrar um caminho que não se perca numa discussão abstrata sobre o fazer científico, mas também não se reduza à apresentação insípida de um conjunto de técnicas de pesquisa não é um desafio pequeno”.

Portanto, na presente pesquisa, recorreremos a um conjunto de métodos com a finalidade de compreensão e interpretação das experiências dos indivíduos envolvidos em contextos de violência. Ou seja, aplicamos a pesquisa qualitativa e algumas de suas vertentes para pensar as trocas de experiências vivenciadas pelas integrantes do Movimento pela Vida.

4.1 Percurso metodológico

A pesquisa teve início em 29 de abril de 2016, quando foi realizado o primeiro contato com a presidente do Movimento pela Vida, D^a. Iranilde. Durante nossa conversa obtivemos algumas informações preliminares sobre o movimento, entre elas, a existência de encontro realizado entre os integrantes no espaço público da Praça da República, localizada na área central da capital paraense. Na conversa, D^a. Iranilde nos informou as datas e locais dos encontros, relatando de forma breve o que era o Movimento pela Vida.

Um mês depois dessa primeira conversa, em 29 de maio de 2016, iniciamos a pesquisa de observação participante com os integrantes do Movida, no encontro do último domingo do mês, na Praça da República. Chegamos à praça às 9h30, encontrando os integrantes sentados em forma de círculo. Inicialmente, havia três pessoas, todas mulheres. Aos poucos, mais pessoas começaram a se juntar ao círculo. Nem todas se aproximaram de mim. Observamos um certo incômodo com minha presença, pois ainda não tinha sido apresentada ao grupo.

Alguns integrantes iniciaram uma conversa comigo. A primeira foi D.^a Rosa, mãe de Rafael, assassinado em 2007, por policiais militares no município de Acará, Nordeste do Pará. D.^a Rosa nos contou com lágrimas nos olhos, que o filho foi torturado e que já estava cansada de tanto lutar. “Já fui até ameaçada de morte por lutar por justiça”. Observamos que D.^a Rosa carregava nas mãos um pedaço de jornal. O jornal era o caderno Policia do *Diário do Pará*, que continha a matéria sobre o caso de seu filho. Assim, D.^a Rosa nos relatou que acompanhava tudo sobre a morte do filho pela mídia, tanto impressa quanto televisiva.

Logo em seguida, outra mãe, D.^a Celina, aproximou-se e compartilhou um pouco de sua dor. “Eu perdo o assassino da minha filha. Ainda é muito difícil falar na Nirvana. A dor é muito grande”. Assim se deu nosso contato com a mãe de Nirvana, assassinada pelo ex-namorado.

Observamos que outras integrantes nos olhavam com um ar de desconfiança e timidez. Do mesmo modo que ainda não nos sentíamos familiarizados para abordar as pessoas afetadas pela violência. Ou perguntar sobre a dor delas. Para respeitar o tempo das pessoas, não forçamos, nesse primeiro encontro, qualquer diálogo com as integrantes. Inclusive ao perceberem minha presença, alguns integrantes se aproximavam e perguntavam qual era o meu caso, pois achavam que estava ali por motivos de ter perdido algum parente. Em resposta, explicávamos o objetivo de nossa presença.

Nesse primeiro contato, extraímos as seguintes observações: a) nosso conhecimento sobre o encontro do Movidá; b) apresentação enquanto pesquisadora aos integrantes; c) adaptação dos integrantes com minha presença no encontro na praça.

Até ocorrer a adaptação quanto à nossa presença nos encontros, dois meses se passaram. Nenhum movimento foi tomado forçosamente. Pelo contrário, esperamos que nossa presença se tornasse familiar a cada um dos integrantes. Além das participações na praça, também começamos a frequentar os julgamentos junto com os demais integrantes do Movidá. A organização da presença no julgamento é pensada nos encontros na praça, havendo, no dia do julgamento, uma ‘orquestração’ dos integrantes com a finalidade de oferecer apoio e solidariedade à família da vítima de violência, no momento em que o(s) culpado(s) vai(ão) a julgamento. Esse se constitui em momento bastante delicado, no qual se misturam lembranças, choros e tristezas.

Para o julgamento, os integrantes delegam tarefas entre si, ou seja, quem leva o lanche, horários por escala, responsáveis pela arrumação da tenda, armada em frente ao prédio do Tribunal de Júri, organização dos banners, etc. Há toda uma logística a fim de garantir que os

participantes da ONG se façam presentes, vestindo camisas brancas do Movida com a foto do parente vitimado pela violência.

4.1.1 A estratégia metodológica na pesquisa-ação

É importante destacarmos que esses primeiros encontros definiram nosso traçado metodológico. Assim, definimos esta como pesquisa social e pesquisa-ação. Por pesquisa-ação, entendemos o “modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada” (THIOLLENT, 2007, p. 28). É uma pesquisa em que a participação de pessoas é observada em práticas no seio social.

Segundo Thiollent (2007), a pesquisa-ação é uma exigência metodológica e científica sem parecer cientificismo, positivismo ou dura demais. Nela, os pesquisadores recorrem a método e técnicas de grupos, questionários, entrevistas, documentação entre outras formas de utilização metodológica.

Portanto, escolhemos a pesquisa qualitativa, por “compreender em profundidade certos fenômenos sociais de aspecto subjetivo da ação social face a configuração das estruturas sociais” (HAGUETTE, 1987, p. 63). Com a pesquisa qualitativa foi possível compreender a interação com o outro no Movimento pela Vida, observando suas ações e os objetivos dela em sociedade.

A partir da metodologia qualitativa, identificamos no Movimento pela Vida a relação intersubjetiva com o outro, ou seja, a compreensão dos integrantes sobre a violência e como essa compreensão sobre a violência se projeta na interação intersubjetiva com outro.

Dessa forma, como técnicas escolhemos a observação participante e as entrevistas em profundidade. Ao todo foram dois anos de pesquisa empírica, distribuídos entre um ano de pesquisa em observação e oito meses de entrevistas em profundidade.

Os procedimentos metodológicos foram associados em momentos concomitantes e distintos da pesquisa, entre eles:

- a) Pesquisa bibliográfica, com a realização de diálogos teóricos;
- b) Pesquisa de observação participante;
- c) Entrevista em profundidade.

Os três procedimentos foram importantes para compreender as experiências comunicativas das pessoas afetadas pela violência e que participam da organização não-governamental Movimento pela Vida.

4.1.2 Pesquisa de observação

O primeiro momento da pesquisa em observação, com duração de um ano e quatro meses, teve início em maio de 2016 e término em setembro de 2017; foi essencial para os contatos iniciais com o objeto de pesquisa, para conhecer seu dia a dia, observar as integrantes e suas ações em grupo, identificar os fenômenos comunicacionais e sociais, assim como estabelecer com esse grupo uma relação de confiança. Foi um período de construção de confiança mútua, entre pesquisador e pesquisados do Movida.

Do mesmo modo, constatamos nesse período tristezas, desistências, desentendimentos, decepções com relação aos resultados dos julgamentos para alguns integrantes, alegrias para outros, com resultados positivos da justiça, participação e organização de eventos, e muita luta contra a impunidade por essas pessoas afetadas pela dor e pela violência.

A pesquisa de observação participante foi fundamental porque é importante técnica de coleta de dados que, em conciliação com outras técnicas, possibilita um olhar profundo sobre o objeto de pesquisa. Haguette (1987, p. 69) lembra que a pesquisa em observação não se limita apenas à coleta de dados, é também um instrumento de modificação do meio estudado, pois “representa um processo de interação entre teoria e método dirigidos pelo pesquisador na sua busca de conhecimento não só da ‘perspectiva humana’ como da própria sociedade”.

Com o Movida, analisamos essa interação comunicativa entre os integrantes do movimento, entre eles e a sociedade, e entre a própria sociedade e a violência. A partir de apenas um grupo, foi possível analisar como é dada a interpretação da violência por uma parte desses indivíduos que viveram a experiência da violência na Região Metropolitana de Belém. A observação nos forneceu uma leitura ampla não só da perspectiva humana, mas da sociedade.

Observamos as ações das integrantes do Movida em grupo. Aparentemente, todas comungam do mesmo pensamento quanto à causa, ou seja, quanto ao combate à impunidade e à violência. Mesmo vivendo uma integração enquanto grupo, percebemos divergências entre os mesmos, considerando as histórias de vida, concepções sociais e culturais. Na luta contra a violência, se mantém unidas. Mas apresentam, em outros momentos, tensionamentos. Por exemplo, não foi permitida a nossa participação no grupo de *WhatsApp* dos integrantes, em

razão de questões que são particulares do grupo, e por vezes, divergências que afloram sobre determinadas questões.

Ainda sobre a pesquisa de observação, Haguette (1987, p. 69) nos diz que, para ter caráter de ciência empírica, é preciso respeitar a natureza do objeto pesquisado. Ter o conhecimento sobre esses indivíduos na sua vida e em grupo, bem como sobre o que move esse ser na busca de objetivos. Segundo a autora, isso fornece à pesquisa um caráter de ciência empírica.

A observação oportunizou participar das atividades do Movimento pela Vida e conhecer algumas outras situações vividas pelo grupo. Por exemplo: ao mesmo tempo em que observávamos o grupo na praça, também éramos observados, em um primeiro momento com desconfiança. Porém, a partir da rotina e de minha presença, alguns ‘laços’ interativos passaram a reger nossa relação.

Essa relação com as integrantes do Movida foi direta, pois participamos de alguns eventos, como julgamentos, caminhadas, passeatas e reuniões na Praça da República. Procuramos participar do maior número de atividades organizadas ou promovidas pelo Movida, com a finalidade de nos familiarizarmos com a rotina do grupo. Estarmos inseridos no universo do Movida nos possibilitou um contato mais seguro e confiável com as integrantes. Essa construção da confiança foi importante para o passo seguinte da pesquisa, a realização de entrevistas individuais.

Para Haguette (1989, p. 70), a observação participante é uma forma de o pesquisador compartilhar os interesses e afetos do grupo. De fato, ao estar perto, podemos ter a noção de como esse grupo se organiza para ter a atenção do outro em sociedade. Foi um momento de interação entre as integrantes e a pesquisadora. Trocamos experiências, conversamos e aprendemos.

4.1.3 Entrevistas

As entrevistas individuais iniciaram no dia 22 de março de 2017, com D.^a Iranilde, e terminaram em 06 de julho de 2017, com o relato de Edjane. Das 300 (trezentas) pessoas integrantes do Movida, inicialmente, entrevistamos 10 (dez) pessoas, e destas selecionamos 5 (cinco) pessoas (ver Quadro 2) para compor o corpus de análise de nossa pesquisa. Na seleção das pessoas, consideramos alguns aspectos, como ter presença ativa nas atividades desenvolvidas pelo movimento e aceitar participar da entrevista. Um outro ponto decisivo na

escolha das integrantes foi a afinidade e a relação de confiança estabelecida entre pesquisador e pesquisados.

A escolha de cinco mulheres – Iranilde, Andreлина, Ana, Edjane e Nazaré – foi proveniente da participação contínua no Movida.

Quadro 2 - Perfil das entrevistadas

Integrantes do Movida	Vítima da violência	Data da conversa
Iranilde – bancária aposentada	Filho assassinado (27 anos) em 2005	Março/2017
Eliete (48 anos) – agente administrativo	Filho (22 anos) assassinado em 2015	Abril/2017
Sandra Maria - técnica de enfermagem (não informou a idade)	Filha (37 anos) morreu por negligência médica em 2016	Abril/2017
Nazaré (53 anos) – aposentada	Filho (34 anos) assassinado em 2013	Maió/2017
Maria Cristina (62 anos) – auxiliar de enfermagem	Filho (38 anos) assassinado em	Maió/2017
Angélica (40 anos) – Gerente do Centro de Atenção Psicossocial da Prefeitura de Belém	Noivo (24 anos) assassinado em 2008	Maió/2017
Maria Andreлина – docente aposentada	Filho (26 anos) assassinado em 2008	Maió/2017
Maria do Socorro (55 anos) -	Filho (30 anos) assassinado em 2012	Junho/2017
Ana Maria (57 anos) – trabalha acompanhando deficientes na Escola Estadual Brigadeiro Fontenelles	Marido (52 anos) assassinado em 2012	Julho/2017
Edjane Nazaré (43 anos) – desempregada	Filho (18 anos) assassinado em 2016	Julho 2017

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

As histórias dessas mulheres nos tocaram, assim como a forma como relataram suas experiências com a perda dos filhos e marido para a violência, a saudade e a coragem em lutar por justiça contra os culpados.

Para as entrevistas, foram oferecidas opções de realização da conversa, entre elas: a própria residência da entrevistada ou as dependências da Universidade Federal do Pará e da Universidade da Amazônia. A sugestão do local teve a finalidade de deixar as entrevistadas confortáveis para conversar com a pesquisadora.

Mesmo optando por aplicar a técnica de entrevista, o caráter adotado na sua realização teve inspiração em uma conversa, com a finalidade de quebrar a formalidade na nossa interação. Portanto, nossos encontros tiveram um ar de uma conversa informal, mas com perguntas

produzidas, a priori, com a finalidade de iniciar um diálogo e deixar a entrevistada à vontade para falar de suas experiências com a violência.

Antes de iniciar as entrevistas, informávamos o caráter da pesquisa e solicitávamos a autorização, com assinatura de dois documentos, um sobre o uso das respostas e outro sobre o das imagens. Assim, utilizamos para coletar os dados durante as entrevistas câmeras fotográficas, gravadores no celular e cadernos de anotações.

Ressaltamos também que esta pesquisa foi submetida ao Sistema Nacional de Ética em Pesquisa (SISNEP), para o registro de pesquisas envolvendo seres humanos, abrigada na Plataforma Brasil e respectivo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências e Saúde da UFPA. Preenchemos os documentos na plataforma do Comitê em setembro de 2017 e obtivemos aprovação em novembro de 2017 (Apêndice A).

No total da pesquisa de observação, participamos dos encontros na Praça da República por um ano e quatro meses, com início em maio de 2016 e término em setembro de 2017. Foram quase dois anos de pesquisa empírica com participação em eventos, julgamentos, caminhadas e as entrevistas que realizamos. O último dia de pesquisa foi no dia 10 de janeiro de 2018 com a Caminhada Pela Paz.

A partir das observações elaboramos um roteiro, com perguntas para as entrevistas. As observações permitiram pensar no teor das perguntas e as escolhas das pessoas afetadas pela violência.

As entrevistas são coletas de dados que envolvem, segundo Haguette (1987), a história de vida, entre outros aspectos. Na história de vida, o pesquisador centra suas observações e perguntas na experiência e interpretações das pessoas pesquisadas e suas relações com o mundo. A autora diz que a história de vida atende mais aos propósitos do pesquisador do que aos do entrevistado. Chama atenção ainda para que tenhamos cuidado com as informações fornecidas por esse autor.

O pesquisador deve tomar certas medidas para assegurar que o autor social cubra todas as informações de que ele necessita, que nenhum fato seja omitido, que as informações recebidas sejam checadas com outras evidências e, finalmente, que as interpretações do autor sejam honestamente fornecidas (HAGUETTE, 1987, p. 80).

Asseguramos esse cuidado com o Movida, considerando dois aspectos relevantes: a) a pesquisa foi realizada com pessoas; b) que são pessoas afetadas pela violência. A presidente da entidade foi nossa importante fonte de informação, primeiro como responsável pela fundação

do movimento, e segundo, por continuar à frente das atividades, conduzindo todos os outros integrantes. Nas entrevistas, quando determinada questão não ficava clara, recorriamos a D^a. Iranilde para esclarecer e explicar as informações.

Essa interação entre pesquisador e autor é um mundo dos sentidos. Mundo esse no qual, para Goffman (2012), cada sentido tem um status especial. “O mundo que julgamos ser a realidade mais real, aquele que conquista a nossa mais viva crença, aquele que diante do qual os outros mundos devem ceder” (GOFFMAN, 2012, p. 25). O Movimento Pela vida tem a sua realidade e seu mundo de sentidos, dotados de crenças pelas integrantes do Movida, crenças que são adquiridas pelo grupo e projetados para o outro, a fim de que o mundo dos sentidos construído por cada um dos seus integrantes, em coletividade, seja visto como legitimador. Existe um mundo dos sentidos sobre a violência no Movida, sendo relacionado com o outro como verdadeiro.

Tivemos a preocupação, nas entrevistas, de ficar atentas à relação entre pesquisado e pesquisador. Ou seja, tendo o cuidado com alguns fatores que pudessem interferir na qualidade das entrevistas, entre eles, falta de espontaneidade, desejo de agradar, receio de falar, excesso de timidez ou quaisquer outras situações que pudessem comprometer o desenvolvimento da pesquisa e a própria fala das pessoas, considerando a temática delicada que envolve, afeta e evoca sentimentos de tristeza, perda, dor e luto.

Em determinados momentos, como no intervalo entre entrevistas, constatamos desentendimentos entre as integrantes, provenientes de manifestações contra as atividades do Movida. Percebemos, então, que a estratégia inicial de marcar mais de uma entrevista no mesmo dia e local, com duas ou mais integrantes, poderia comprometer o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que uma ouvia a fala da outra. Mudamos a estratégia e passamos a ouvir apenas uma de cada vez.

A entrevista possibilitou a comunicação face a face. Com isso, percebermos os gestos, os olhares, as posturas, a entonação da fala, a movimentação dos músculos dos rostos ao abordar de determinados assuntos que para alguns estavam no campo do indizível ou do silêncio. A exemplo de uma integrante que relatou o histórico de violência contra as mulheres em sua família. A entrevista nos forneceu uma riqueza de informações que não foi possível perceber na pesquisa de observação, porque alguns assuntos não eram tratados em grupo, apenas nas relações individuais.

Os dois anos de observação, transformaram as entrevistas em ricas conversas. Muitas vezes eram momentos de lembranças e desabafos. Algumas já se sentiam seguras com a nossa

presença. Não fizemos desse instrumento metodológico (entrevista) uma formalidade, mas uma entrevista com caráter de conversa, em que as pessoas se sentissem à vontade para falar sobre sua experiência com a violência. No entanto, tivemos todo o cuidado em seguir o ‘ritual’ desse instrumento metodológico. Escutamos as experiências, vivências cotidianas, lembranças e relatos das integrantes.

As entrevistas representaram o testemunho da dor de cada integrante do movimento. Não somente a violência física, mas a da perda. Foram dias de relatos emocionantes, provocando em nós reflexões sobre a vida e a sensibilidade. Nas lembranças de cada uma delas, ao contar as suas histórias, rememoram suas vidas com seus entes queridos vivos.

Assim, obtivemos nas entrevistas histórias que foram testemunhadas por nós e testemunhos de dor, violência e saudade relatados pelas integrantes do Movida. Fomos inseridos em um mundo de sofrimento. Sentimos, ainda que na condição de pesquisadores, a dor, a saudade e o desejo de justiça que elas sentiam. Os relatos testemunhais nos permitiram a interação comunicativa das sensações e do sentimento empático. Foi um momento de trocas de experiências entre nós e elas.

Em Ricoeur (2008), buscamos a compreensão sobre o testemunho, e da narrativa do testemunho, em Márcio Seligmann-Silva (2002). Assim, compreendemos que o Movimento pela Vida além de outros recursos comunicacionais utilizados para se manter em interação com o outro, tem no testemunho uma importante ‘ferramenta’ ou forma de comunicação e expressão da dor.

Com Schutz (2012), Ricoeur (2008) e Simmel (2006) buscamos entender comunicação, intersubjetividade e cotidiano. Nossa perspectiva é compreender a comunicação como interação no mundo dos sentidos. Entendemos que os conceitos defendidos por eles nos dão suporte para realizarmos esse esforço de investigação quanto às relações e à comunicação entre as pessoas.

4.2 As mulheres e mães do Movimento pela Vida

Não há como falar do Movimento pela Vida sem abordar o amor. Amor de mãe, de esposas, de irmãs, de tias que perderam seus entes queridos. No Movida, predomina a figura da mulher. Até é possível encontrar alguma presença masculina, mas são as mulheres que se destacam no grupo. É como se o homem, nesse contexto, assumisse um papel de coadjuvante na luta da organização. Não é nossa intenção abordar qualquer discussão sobre a perspectiva do feminismo, mas ressaltar a luta dessas mulheres, que através da dor se uniram para lutar pela

paz e justiça contra a violência. Mesmo tendo a dor como traço marcante da luta no movimento, é o amor que conduz as atividades dessas mulheres, assim como a força que impulsiona a luta delas.

Compreendemos que o Movimento pela Vida surgiu da dor de D^a. Iranilde, após a perda de seu filho Gustavo, em uma perseguição entre policiais militares e assaltantes. Gustavo foi atingido por uma bala originada da arma de um policial. Isso poderia ter feito D^a. Iranilde se recolher, temer o mundo ou as pessoas; pelo contrário, motivou sua luta. A dor a tornou mais forte e determinada a lutar contra a violência e a impunidade. A esse sentimento e atitude de D^a. Iranilde juntaram-se outras mulheres, com histórias parecidas, em torno dessa busca por justiça. Assim, nasceu o Movimento pela Vida na Amazônia paraense. A dor nesse caso, transformou essas mulheres, mesmo que muitas tenham inicialmente tido depressão e sentido tristeza ou raiva, a dor foi internalizada por elas como luta, como continuidade de vida e não de morte. Como afirma Denis (2011), a dor pode ser transformada em sentimento nobre, quando representa lição de vida e de justiça.

Observamos nessas mulheres força, determinação e coragem. Algumas delas chegaram a nos relatar que, depois que seus entes queridos morreram, elas mesmas foram ao local do crime para obter mais informações e procurar testemunhas. Foram buscar informações com a finalidade de esclarecer o que tinha acontecido. Por que seus filhos ou marido tinham sido vítimas de violência? Relataram, em alguns casos específicos, que as informações estavam desconhecidas, deixando dúvidas, em alguns crimes, se o filho era responsável pelo acontecido. Portanto, necessitavam tornar clara a informação obscura, informações de nem a polícia dispunha. Muitas delas contaram que não tinham medo e foram sozinhas investigar o que de fato tinha acontecido. Não tinham medo de procurar os envolvidos para saber os motivos de ato tão bárbaro. Afirmaram que, hoje, não tem mais medo, mas buscam um objetivo para entender o sentido da perda.

Percebemos que a dor foi transformada em coragem. O quanto essa perda provocou o efeito que não era esperado por todos. A dor, nessa experiência com as mulheres do Movida foi coragem. D^a. Iranilde nos conta que antes da morte do filho não sabia nada sobre procedimentos jurídicos. Após a morte violenta do filho, procurou se informar sobre o assunto para dialogar com juízes, advogados e promotores. A dor também foi a abertura de conhecimento de um mundo que não fazia parte da realidade delas.

A dor permitiu o despertar da empatia e da compreensão da dor do outro, da compreensão de quem não entende a luta delas. A presidente D^a. Iranilde relatou que é muito

triste quando as pessoas ignoram a dor delas, principalmente quando estão reunidas nos encontros na Praça da República. Poucas pessoas param para saber do que se trata o movimento, o que aconteceu com eles e porque estão naquele espaço público. Segundo ela, algumas pessoas não tomam conhecimento sobre a luta delas. “Elas ignoram porque ainda não vivenciaram a experiência com a violência. Não é algo que tenha feito parte da vida delas”, desabafou para os pesquisadores²⁴.

Recorremos a Schutz (2012) para compreender as ações das pessoas diante de quem não é próximo a elas. As reservas de experiências schutzianas nos explicam que os indivíduos agem no mundo da vida a partir de sua ‘bagagem’ cultural. Nesse caso, podemos inferir que as pessoas que ‘ignoram’ a dor da perda das integrantes do Movida, são diferentes das últimas porque não carregariam em suas experiências a experiência com a violência. Isso nos leva a pensar que o entendimento de violência por esses indivíduos é diferente da compreensão das integrantes do Movida; assim como a compreensão de violência e de dor não será sentida da mesma forma por essas pessoas que não tiveram experiência com a violência.

Constatamos, assim, a importância das ações das pessoas em grupo. Como Simmel (2006) defende que o indivíduo sozinho não tem a mesma força que em grupo, podemos dizer que essa união fortalece o grupo na sua luta. Já quem está de fora do grupo não terá a mesma compreensão que tem quem participa do Movida e de sua ação na sociedade.

4.2.1 Caminhada pela Vida e Paz

A Caminhada pela Vida e pela Paz (Figura 5) é um evento que ocorre todos os anos no dia 10 de janeiro, data de morte de Gustavo Russo. São 13 anos em que o Movida realiza a caminhada, com a participação dos integrantes, órgãos de segurança pública, simpatizantes, familiares e jornalistas. É uma caminhada que ganhou notoriedade na sociedade e na mídia. A data da caminhada foi transformada na Lei Estadual 7627/12, por meio da qual o governo do Estado do Pará transformou o dia 10 de janeiro em Dia Estadual do Movimento pela Vida e Paz.

²⁴ Nas entrevistas realizadas a coordenadora do projeto Mídia e violência: percepções e representações na Amazônia, professora Alda Costa nos acompanhou nos relatos. A entrevista com d. Iranilde Russo aconteceu no dia 22 de março de 2017.

Figura 5 - Cartaz da Caminhada pela Vida e pela Paz de 2018

Caminhada Pela Vida e Paz - 2018
Eles continuam em nossos corações

**MUITOS ESQUECERAM, MAS DEUS E NÓS NUNCA
 ESQUECEREMOS O QUE FIZERAM COM OS NOSSOS!!!!**

10 de JANEIRO - L.E. 7627/12
 13 Anos sem Gustavo

Concentração: 14h e saída às 16:30h
 Local: Trav. do Chaco c/Almirante Barroso
 Percurso: Trav. do Chaco, João Paulo II
 até a Mauriti
Vista sua camisa branca e junte-se a nós

MOVIDA
 MOVIMENTO PELA VIDA
 BELÉM/PA

Fonte: MOVIDA, 2017.

No ano de 2017, participamos, pela primeira vez, como pesquisadoras, da Caminhada pela Paz. Observamos uma caminhada das famílias. Famílias vitimadas pela violência, vindas da Região Metropolitana de Belém e de outros municípios paraenses. Famílias que perderam algum ente para a violência. Configuramos a caminhada como uma mobilização de paz, de visibilidade e de chamamento da sociedade para o grave problema social da violência. Cada integrante carrega um cartaz ou banner com a foto do ente perdido, e os cartazes apresentam mensagens de saudade e de descrição da pessoa morta violentamente. Observamos que a mídia participa da caminhada, o que para os integrantes é um fator relevante, uma vez que os jornalistas relatam os fatos para sociedade. Ou seja, a sociedade fica sabendo que existem pessoas que foram afetadas pela violência e que estão engajadas no combate contra a violência e por justiça social.

Figura 6 - Caminhada pela Vida e pela Paz em 10 jan. 2017



Fonte: Ana Paula de Mesquita Azevedo, acervo pessoal.

A caminhada começa às 14 horas, com concentração das pessoas no início da travessa do Chaco (Figura 6, à esquerda), esquina da avenida Almirante Barroso, área central da capital paraense. As pessoas seguem pela rua João Paulo II (Figura 6, à direita) até a travessa Mauriti, quando é feito um ritual de lembrança às vítimas. O evento objetiva lembrar ao poder público sobre os casos de violência, fortalecendo a solidariedade e cobrando maior reflexão das pessoas sobre a violência. “A violência não pode ser tomada como algo natural. Ela é um desvio extremamente negativo para as pessoas e para a sociedade”, afirma D^a. Iranilde.

Observamos, que mesmo sendo um evento para lembrar dos que foram tirados violentamente do convívio familiar, não se percebe nos rostos dos integrantes ou familiares, tristeza, mas esperança e força para lutar por uma cultura da paz. Olhos penetrantes e convictos, braços sinalizando o sentimento da paz, traduzido simbolicamente por pombas da paz e por balões brancos (Figura 6).

Figura 7 - Banners na concentração da Caminhada Pela Vida e Paz



Fonte: Ana Paula de Mesquita Azevedo, acervo pessoal.

Todos os que desejarem são convocados a falar na caminhada, a partir de um mini trio elétrico que acompanha a mobilização até o fim, sendo disponibilizado um microfone para quem quiser se manifestar (Figura 7). Representantes da Ordem dos Advogados - Seção Pará, do Núcleo da Igualde Racial, professores de escolas públicas, autoridades policiais, familiares e políticos podem usar da palavra, desde que seja em prol do combate à violência e à solidariedade. Ao se manifestar na caminhada, D^a. Iranilde reforça a seguinte fala: “juntos somos mais fortes. Eu compreendo cada dor, de cada mãe, de cada filho, de cada um. Quem passa sabe exatamente o tamanho que é. Que tenhamos força para buscarmos justiça”.

Tal caminhada foi associada por nós à via sacra de Jesus. A caminhada faz o mesmo percurso que Gustavo (filho de Iranilde) fez com os assaltantes durante a perseguição policial. Fizemos o mesmo itinerário, até chegar à travessa Mauriti, onde Gustavo foi baleado e morto. Algumas paradas são feitas no decorrer da caminhada. Na frente da casa de Gustavo, faz-se uma parada e algumas palavras são proferidas sobre ele, relembrando sua história de vida, continuando após isso a caminhada. Essa parada dura cerca de 5 minutos. Inicialmente, tivemos a sensação da aflição vivida pelo produtor ao percorrer esse caminho. A caminhada revive, não do mesmo modo, as horas de aflição do filho de D^a. Iranilde, Gustavo.

Figura 8 - Manifestação durante a Caminhada pela Vida e pela Paz



Fonte: Ana Paula de Mesquita Azevedo, acervo pessoal.

Ao fim da caminhada fotos são cravadas no chão e velas são acesas no memorial localizado na avenida João Paulo II. Lá já estão as fotos de Gustavo Russo e de outras vítimas de violência (Figura 8). O cenário final da caminhada é composto pelo canto de músicas religiosas, assim como por muito choro, saudades e emoções.

4.2.2 Moviada na Praça da República

A Praça da República, localizada no bairro da Campina, é um espaço de concentração de muitas pessoas, oriundas de diversas regiões da cidade, do estado e até mesmo de outras regiões e países, já que é espaço de lazer e ponto turístico de Belém. É um lugar onde se respira arte e artesanato, onde manifestações culturais e políticas disputam o espaço público. Inaugurada no dia 15 de novembro de 1897, a praça possui múltiplas funções e expressões, sendo uma das mais importantes de Belém/PA. O dia de maior concentração de pessoas é aos domingos. Nesses dias, acontece a feira da República, isto é, centenas de artesãos montam suas barracas, com objetos diversos – entre eles, artesanatos, acessórios de moda, roupas, comida, etc. Nesses dias, quase sempre acontecem manifestações populares e eventos. É espaço frequentado por famílias, crianças e idosos, vendo-se todo o tipo de pessoa na praça durante os domingos.

O Movimento pela Vida não fica de fora. Marca presença todo último domingo de cada mês, com os integrantes se reunindo em círculo para conversar. Para Costa; Corradi; Amorin (2017) esse encontro demarca uma representação física e simbólica do movimento.

O encontro na Praça da República representa a demarcação do espaço físico e simbólico de luta do movimento, em que seus integrantes se reúnem com a finalidade de serem percebidos em sua causa. Mesmo que não busquem uma interação direta com as pessoas que estão na praça, no sentido de fazerem abordagem corpo a corpo, mas a presença sistemática dos integrantes, demonstra uma identidade de luta e de existência (COSTA; CORRADI; AMORIN, 2017, p. 4343).

No encontro, são comemorados os aniversários dos integrantes, são agendados os compromissos do Movida e definida a participação nos eventos. Do mesmo modo, discutem o andamento dos processos e a preparação para os julgamentos. O encontro da praça é um momento de articulação e confraternização. É o momento de encontrar e conhecer os novos integrantes. De compartilhamento das dores, mas também das vitórias. É um momento de comunhão entre as integrantes do Movida.

Nos encontros na praça, são resumidas as situações pendentes dos integrantes. São definidas as estratégias de mobilização para as audiências com autoridades públicas. Em determinados momentos, o grupo reflete sobre os novos casos de violência e a repercussão na mídia local. Em outros, conversam sobre o dia a dia de casa, da família e das tarefas cotidianas.

Observamos que muitas das mães não gozam mais de plena saúde. Às vezes também narram que são ameaçadas de morte pelos envolvidos na morte dos entes, como uma forma de impedir que continuem lutando por justiça. Com a luta diária, elas conseguem interferir nos processos. Alguns dos acusados passam a cumprir a pena em liberdade e, muitas das vezes, elas recorrem e conseguem fazer com que o acusado volte a cumprir a pena em regime fechado.

Cobrar e fazer cumprir o que determinam as leis e as instituições, na garantia de direitos, é a política empreendida pelo Movimento pela Vida. A organização, assim, configura-se como um espaço que dá voz às pessoas afetadas pela violência, que clamam e lutam por justiça e pelo cumprimento da lei.

Figura 9 - Praça da República – 30/10/2016

Fonte: Ana Paula de Mesquita Azevedo, acervo pessoal.

Elas sempre estão em roda, sentadas em cadeiras de praia (Figura 9), conversando umas com as outras; a maioria veste camisetas brancas. Quando se chega mais próximo, percebemos que cada camiseta contém uma foto ou mensagem de saudade, com orações ou alguns trechos da bíblia. Cada uma tem a particularidade de manifestar sua dor e saudade nas camisetas.

Lanches são distribuídos no encontro. As tarefas são divididas. Uma leva a garrafa de café, outra leva os copos descartáveis. Existe uma organização; uma organização feminina, de mãe. Percebemos o cuidado e zelo em distribuir algo para comer para quem vai ao domingo para o encontro do Movida. Tudo muito simples. Um café preto com bolachas de água e sal. Mas existe a preocupação de quem vem de longe para se encontrar e conversar com suas parceiras de luta. Existem senhoras de idade que, quando podem, participam do encontro na praça.

Nem todas as mulheres que integram o Movimento pela Vida têm uma condição financeira boa ou escolaridade completa. De fato, o Movida é um grupo no qual se pode desenvolver a sensibilidade e a solidariedade. A ajuda não consiste apenas em consolo, abraços e compartilhamento da dor, mas sim de conhecimento. O que é relevante se se considerar que umas têm mais escolaridade do que outras, de modo que a ajuda pode vir a forma de informações importantes. Instruir alguém, ensinar o outro é uma forma de caridade. É uma missão. O conhecimento é a oportunidade para quem o tem de disseminar a concórdia e lucidez para as pessoas.

A mesma pessoa que recebeu a ajuda pela informação, retribui com atitudes positivas de colaboração. Despertado nesse outro a paciência, a tolerância, a sensibilidade que esse outro que a ajudou apesar de ter tido acesso aos estudos podem não ter desenvolvido qualidades da alma. É uma troca constante de experiências que ocorre no Movimento pela Vida. Observamos que o movimento reúne pessoas de classes econômicas diferentes, mas que se unem em uma luta única: a da justiça.

Tanto o encontro da Praça da República quanto a Caminhada Pela Paz são formas de o Movida se visibilizar enquanto grupo, mostrar seu trabalho e sua luta. É uma forma de comunicação com outro. O Movida busca se legitimar no tecido social, não desejando apenas se tornar visível, mas ser reconhecido como movimento que luta contra a violência e por todos, independentemente de serem integrantes ou não da organização. Suas ações buscam ainda não esquecer os entes perdidos, nem esquecer que existe violência.

Essa troca de experiência com o outro se concretiza nesses momentos em que o Movida se torna visível na sociedade. Os eventos são oportunidades, também, de interagir com esse outro. Interação pela dor, pela luta, e pela história de cada um. Identificamos no próprio cartaz de convite da Caminhada (Figura 5) uma forma de interação com um potencial interlocutor. Ou então, a midiaticização da luta, da causa e a interação que vem a partir da narração de uma dor que a pessoa afetada pela violência não quer que seja esquecida, conforme trechos a seguir: “Eles continuam em nossos corações. Muitos esqueceram, mas Deus e nós nunca esqueceremos o que fizeram com os nossos”. Este trecho está no cartaz sobre a caminhada caminha (Figura 5). Identificamos como uma narrativa de dor e de lembrança. A lembrança é fator que demarca as narrativas de testemunho. Essa ideia de não esquecer, de estar sempre lembrando é muito forte nos relatos das integrantes do Movida.

Testemunhar o relato de alguém é também ser testemunha de algo. Ou seja, a testemunha não presenciou o acontecimento, mas a ela foi narrado um fato. Portanto, ela não testemunhou o fato, mas testemunhou o relato desse fato. As integrantes do Movimento pela Vida são provas testemunhais da dor. Elas narram para nós sua história, a história do ente querido ao outro, que passa também a ser testemunha dessa história e dor. O ato de testemunhar no Movida é uma forma de comunicação interativa, que as integrantes utilizam para estar “diante do outro” (SCHUTZ, 2012).

Nas entrevistas que realizamos, fomos testemunhas da dor dessas mulheres. Escutamos suas histórias. Suas opiniões sobre a violência e sobre a vida. Nesse momento, pudemos perceber com mais detalhes a cada uma delas. Seus jeitos, sua vida cotidiana, sua forma de

pensar e agir no mundo da vida. Nossa entrevista nos trouxe um olhar mais sensível sobre essas mulheres, pois pudemos perceber sua personalidade. Assim, iniciaremos as descrições das entrevistas com as cinco integrantes do movimento, durante as quais pudemos observar as experiências de cada uma delas.

4.3 Uma troca de experiência

Nos relatos das integrantes, identificamos as suas trocas de experiências com dor, mídia e com o próprio movimento.

4.3.1 D.^a Iranilde

“Não é só ter a dor. Mas também arrumar alegria. Isso faz com que amenize um pouco a dor. A dor é permanente. A vida segue”

Era uma tarde de abril de 2016, quando chegamos à casa de D.^a Iranilde. Lugar simples, mas com indícios de uma pessoa que tem recursos. Na garagem, ao fundo, uma mesa de escritório e, na frente da mesa, duas cadeiras. Na verdade, a garagem é um semi-escritório que D.^a Iranilde utiliza para receber seus clientes e organizar as festas do buffet que ela administra quando não está à frente do Movida. Sobre a mesa, percebemos uma pilha de jornais. Aproximando-nos mais, as pilhas são do jornal *Diário do Pará*, mais especificamente o caderno de polícia. No início, há um estranhamento nosso. Pensamos: como uma pessoa afetada pela violência ainda tem condições de abrir esses jornais? D.^a Iranilde nos disse que acompanha os casos de violência, indo além dos casos do Movida. Ela acompanha todos os casos de violência que conseguir na cidade de Belém, informando-se sobre a violência também pela televisão.

Foi uma tarde de longa conversa. Começamos a conhecer um pouco a presidente do movimento e mãe. Condições que se confundem, considerando que estar no Movida traduz o motivo que fez com que constituísse a entidade. Foi o primeiro contato que tivemos com ela e com o Movimento pela Vida. Na conversa com ela, tomamos conhecimento sobre o Movimento pela Vida e as ações desenvolvidas. Foi a própria Iranilde quem nos apresentou o Movida.

Mulher forte, mas ao mesmo tempo delicada e cândida, fez-nos sentir acolhidos. Líder do Movida, Iranilde nos transmitiu muita tranquilidade, mesmo quando tocamos na perda do seu filho. Bancária aposentada e dona de um buffet, ela apresenta uma força admirável. Fala da

sua dor sempre com uma lucidez e uma maturidade espiritual que dificilmente encontramos em outras pessoas. De imediato, percebemos o porquê de ela ser a líder desde o início do nascimento do movimento. Possui sabedoria, calma e sensatez ao conduzir o Movida, que reúne pessoas diferentes, econômica e socialmente.

É mulher com um carisma muito grande e que nos causa admiração. Em entrevista, D.^a Iranilde nos revelou um pouco da sua saudade e do trabalho desenvolvido pelo Movimento pela Vida. As dificuldades de ser um grupo que luta pela justiça e pela paz, a convivência em grupo, como se decide sobre as participações do grupo em eventos e de que forma o Movida se apresenta nas instituições.

4.3.1.1 Narrativas de D.^a Iranilde

Motta (2013) nos diz que, quando narramos, estamos e entramos em interação com o outro. Com as narrativas, diz o autor, compreendemos o sentido da vida do indivíduo. É nesse sentido que vamos compreender as trocas de experiências que foram vivenciadas pelas pessoas afetadas pela violência, bem como com Schutz (2012) e suas reflexões sobre intersubjetividade a partir das trocas de experiências que são vivenciadas pelo indivíduo durante sua vida. Percebemos, assim, no relato de D.^a Iranilde as suas impressões sobre a violência no mundo da vida.

Pela narrativa de D.^a Iranilde, conhecemos um pouco mais de sua vida, de sua dor e de seu interior. Percebemos que sua construção é centrada na narrativa de força e luta. Não conformação de perda do filho e a forma trágica da sua morte. Seu relato apresenta sentimento de indignação, ao mesmo tempo em que carrega muita força em lutar por aquilo em que acredita, ou seja, justiça.

Meu filho naquele momento, na condição de refém, esperava que aqueles que são responsáveis pela ordem e pela segurança, dessem segurança para meu filho. E fizeram o inverso. Mas aconteceu e só me restou, a partir daí, a luta. Lutar para que não fosse mais um caso. Principalmente por serem policiais militares. Eles não são considerados bandidos nem assassinos, eles são servidores públicos e essa luta para mim foi muito difícil. Até porque eu não sabia o que era um processo criminal, eu não sabia o caminho de uma delegacia, o que era para ser feito. Me tomou totalmente de surpresa por eu não ter essa experiência e por não ter nenhum problema familiar (informação verbal)²⁵

²⁵ RUSSO, Iranilde. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula e Alda Costa. Belém, 22 de março de 2017.

Nesse momento do relato, misturam-se emoções, entre tristeza, saudade e lembranças. As lágrimas escorreram quando relatou a morte do filho; quem o matou, era quem ela esperava que o protegesse. Logo em seguida, afirma que não tinha nenhuma experiência com processos criminais, delegacia ou outra situação que envolvesse polícia e justiça. Não tinha nenhuma experiência com a violência. Lembramos assim, de Schutz (2012), quando afirma que o mundo de sentido não representa uma realidade objetiva, mas sim uma realidade interpretada e válida intersubjetivamente. Os conceitos de D^a. Iranilde sobre violência eram outros. Eram de uma pessoa que não tinha vivenciado essa dor. As tipificações sobre a violência construídas por ela antes da experiência vivida eram outras. A concepção anterior de violência não é a mesma depois de ter passado pela experiência de afetação pela violência.

D^a. Iranilde relatou que havia uma certa preocupação com a violência na cidade, mas não da mesma forma que sente hoje. Não como agora, após ter perdido alguém que ela amava muito para violência. Como explica Schutz (2012), as nossas experiências são adquiridas com o tempo, e os conceitos são ressignificados a partir das nossas relações com os outros ou com qualquer outra experiência. D^a. Iranilde teve uma experiência com a violência, portanto, seu conceito ou entendimento sobre esse problema se modificou. O conceito foi reformulado. Tanto foi que ela, hoje, luta pela não violência. Luta pela paz.

Mas essa experiência com a violência não significa que ela tenha o conhecimento profundo sobre a problema. Ela já tinha um conceito construído sobre violência, um tipo ideal sobre a violência. Schutz (2012) explica que o tipo ideal, isto é, as tipificações são criadas a partir dessas experiências vivenciadas pelos indivíduos. Desse modo, ainda que D^a. Iranilde tenha tipificado a violência antes de vivê-la de fato, ela ainda continua a tipificar a violência depois de ter vivido tal experiência. Quando tipificamos algo, temos algo como um conhecimento superficial. A violência não é algo a ser entendido e nem explicado com simplicidade. Muitos são os motivos que levam à sua existência.

Dessa forma, a experiência dela com a violência está diretamente ligada com o sentimento da dor e da impunidade. Ela relata, com tristeza, que a experiência dela com a violência “foi avassaladora. Eu acredito e me considero uma pessoa forte, porque muitas mães no movimento não aguentaram essa dor e morreram”. Acrescenta ainda que o compromisso dela com o Movimento pela Vida é uma missão, uma responsabilidade de prosseguir com a luta. Comprendemos que a experiência dela com a violência serviu para criar os laços de solidariedade com os outros que viveram ou vivem o mesmo problema.

Observamos que o compromisso dela com o Movida, conforme seu relato, parte de sua experiência pessoal e que a dor transformou suas ações em sociedade. Narra que se sente responsável em lutar contra a violência e pela paz, pois ainda percebe que as pessoas ignoram a ação do Movida, sem considerar o que representa essa ‘voz coletiva’ das pessoas que o integram. No seu relato, há uma certa decepção com algumas pessoas que não entendem a causa defendida pelo movimento que preside. Constatamos que isso para ela se configura com uma grande preocupação, levando-se em conta os números crescentes de mortes violentas na sociedade paraense. A violência, segundo ela, não é um problema somente das pessoas que são vítimas, mas um problema de toda a sociedade, porque afeta direta e indiretamente as relações de sociabilidades.

Eu percebo a sociedade ainda indiferente. Apesar de tudo isso que acontece, de todas essas mortes, a sociedade é indiferente porque o nosso movimento participa realmente as pessoas que estão passando pela dor e num dia como a Caminhada Pela Paz eu ainda sinto a indiferença da sociedade porque era um momento das pessoas, vendo que ali são famílias que perderam, também se unirem naquele momento e se colocarem no lugar dessas pessoas (informação verbal)²⁶

O sentimento de empatia não é percebido pelas pessoas que estão de ‘fora’ do movimento. Nesse momento, observamos a importância da comunicação interativa entre Movida e sociedade, assim como a visibilidade de suas ações.

O Movida é midiático. O uso do espaço na Praça da República, as participações em eventos, os banners são fundamentais para a aparição do movimento diante do outro. Isso estabelece com os outros a comunicação, os laços. As narrativas dos banners são tocantes, emocionantes. Sempre ligadas a uma mensagem da bíblia ou ao sentimento de saudade e lembrança, para atrair olhares e atenção.

Ao relatar a falta de empatia das pessoas, percebemos em D^a. Iranilde sentimentos de tristeza e indignação. Indignação pelos laços fracos de solidariedade entre as pessoas. Essa indiferença é percebida por D^a. Iranilde nas pessoas que não vivenciaram a violência. “Eles não acreditam e só vão acreditar mesmo quando acontece consigo, porque eles vão ter que colocar a indiferença de lado e partir para o ataque”, observa a presidente do Movida. Narra falando do descrédito das instituições, em quem as pessoas não confiam mais e que, portanto, perdem a confiança e o interesse sobre o próprio combate à violência.

²⁶ RUSSO, Iranilde. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula e Alda Costa. Belém, 22 de março de 2017.

Existem uns ou outros que chegam, mas assim, as instituições de um modo geral, elas deveriam se chegar porque nós só vamos conseguir melhorar isso aí se todos nos dermos as mãos. Igrejas, escolas e não só as instituições que cuidam da segurança especificamente escolas, famílias de alunos, igrejas, enfim. A sociedade de um modo geral, porque eu vejo em outros países quando acontece algo assim que impacta, as pessoas vão todas para rua. Ó, mataram um ministro aqui, teve aquele acidente que a gente não sabe se foi criminoso ou não, mas logo é esquecido. O brasileiro esquece muito rápido. A começar nos casos assim, digamos: nós perdemos nossos entes queridos, naquele momento, no caso do meu filho, foi um impacto muito grande para sociedade porque foi muito noticiado. Era um jovem totalmente inocente. Às quatro horas da tarde. No princípio eu conseguia colocar nas audiências cem pessoas só para uma audiência, e depois isso vai com o tempo..., mas a gente vê como natural porque cada um vai seguindo o seu caminho. Mas existem momentos em que a sociedade deveria ir para rua para conter a violência, porque eu acho que o maior mal hoje em dia nosso, o maior problema nosso é a segurança pública. É você não perder a sua liberdade de ir e vir. As demais atividades vêm depois, porque sem vida você não precisa de escola, você não precisa de alimento, né? Então, eu acho que em primeiro lugar a preservação da vida (informação verbal)²⁷

D^a. Iranilde evoca sentimentos de solidariedade e união – como em Simmel (2006) as pessoas se associam por um determinado fim. É necessário que as pessoas se unam enquanto grupo para que atingir determinados objetivos. Na sua narração, ainda observamos um individualismo em detrimento de um coletivo. Segundo ela, a luta em coletivo desperta mais interesse e atenção das pessoas, da mídia e das instituições.

Até o grupo Movimento pela Vida surgiu a partir da experiência da dor em coletividade. Apesar de ter iniciado com a dor da perda do filho, D^a. Iranilde narra que o Movida começou por uma decisão coletiva. Foi da união das dores das famílias vitimadas. “Na verdade, a ideia não foi minha exclusivamente. Foi conversando entre os grupos mesmos que foi surgindo.... Não foi eu dizer ‘gente vamos formar um grupo?’ Não foi assim. Nós estávamos conversando e veio a ideia entre as famílias mesmo”. Até a decisão de ela ser a presidente do Movida foi coletiva. Era necessário, afirma D^a. Iranilde, ter alguém que representasse o movimento, considerando que juízes, promotores, delegados e/ou outras autoridades não recebem qualquer pessoa. O acesso a eles é difícil e, portanto, necessitaria de uma ‘voz’ que falasse em nome do grupo.

Na sua narrativa reafirma a força e a luta do grupo. Segundo seu relato, a luta empreendida pelo Movida não é somente de seus integrantes, mas de toda a sociedade. “Lutar contra a violência é lutar para todos”. Segundo D^a. Iranilde, o sentimento coletivo deve vir

²⁷ RUSSO, Iranilde. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula e Alda Costa. Belém, 22 de março de 2017.

primeiro. “O Movida fica mais forte, porque enquanto eu estou lutando só com o meu grupo, eu não tenho força, mas se eu junto várias pessoas num grupo só, num grupão, aí logicamente, além de dar força dá mais visibilidade”, completou D^a. Iranilde.

Observamos na narrativa de D^a. Iranilde, que há a sua luta, mas há também a luta coletiva das pessoas afetadas pela violência. As duas se misturam. Não são distintas, pelo contrário, a dor vai unir as pessoas em torno da cultura da paz. Portanto, a ação do Movimento pela Vida é importante na sociedade democrática, pois luta pela cidadania ou como forma de engajamento dos indivíduos em favor de interesses comuns (COSTA; CORRADI; AMORIM, 2017).

Para Iranilde, o Movida contribui com as instituições, uma vez que recolhe informações com familiares, amigos, vizinhos e conhecidos, que possam ajudar tanto nas investigações policiais, quanto nos processos judiciais, assim como faz lembrar casos que estão esquecidos e que precisam ser retomados porque as famílias desejam que seja feita justiça.

O Movida acaba se configurando como um espaço de acolhimento, em que as pessoas afetadas pela violência desabafam umas com outras, falando de suas dores e buscando apoio mútuo. Do mesmo modo, esclarece aos integrantes que seu papel é fazer uma ‘pressão’ junto às instituições com a finalidade de as investigações e punições contra os culpados serem cumpridas. Os integrantes aprendem a conhecer quem são os delegados, promotores e juízes, e os procedimentos que devem adotar ou tomar na tramitação dos processos. Essa fase representa integração e troca de experiências, com relato dos integrantes que já conseguiram ter solução e punição para os culpados.

O Movida é importante porque ele soma forças. Ele influencia. Influencia realmente a opinião pública. A partir do momento que ele está em grupo, ele influencia. Nós não temos advogados, mas nós temos conhecimento dos trâmites processuais e esses trâmites nós já podemos orientar as famílias que chegam (informação verbal)²⁸

Apesar de o Movida não ser um movimento que tenha atendimento psicológico, isso acaba acontecendo porque cada família que chega com sua dor é consolada pelas integrantes que têm mais tempo na entidade. Esse convívio gera compaixão entre eles. Assim, a orientação vem de forma jurídica e de um apoio emocional espontâneo.

Observamos que o primeiro contato das pessoas com o Movida se dá pelo afeto, pela sensibilidade e pelo desejo de ser entendido em sua dor, depois vem o aspecto processual e jurídico. Algumas famílias chegam revoltadas, com sentimentos que vão do ódio à raiva, às

²⁸ RUSSO, Iranilde. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula e Alda Costa. Belém, 22 de março de 2017.

vezes, com desejo de vingança. A presidente do Movida, no entanto, informa que a função do movimento não é vingança, mas a busca por justiça.

Constatamos em nossas participações nas atividades do Movimento, que, nesses pouco mais de 13 anos, conseguiu o respeito das instituições a partir da postura adotada, ou seja, com compromisso e respeito às instituições e sem filiação partidária para que possa defender uma causa social e de interesse de todos. Iranilde narrou que ainda que o grupo tenha algumas dificuldades de relacionamento com alguns atores de órgãos jurídicos, o Movida sempre tem ganhos. Conquistou o respeito da mídia, da justiça e da polícia. Essas instituições passaram a reconhecer o trabalho do Movida e que sua mobilização possibilita aos integrantes serem recebidos pelas autoridades e fornecerem informações relevantes nos processos. Nessa ação política, o Movimento se tornou uma referência.

Constatamos que o Movida mantém uma relação de respeito com a mídia em frentes diferenciadas, ou seja, os meios de comunicação são importantes ‘parceiros’ na divulgação e visibilização dos fatos; são importantes ‘vozes’ para os integrantes, uma vez que ajudam a cobrar uma ação efetiva das instituições; são fontes de consulta sobre outros casos de violência, assim como dos próprios fatos acontecidos com os integrantes; representam uma memória viva dos fatos, pois constantemente relembram acontecimentos passados; e também são fontes documentais quando os integrantes necessitam mostrar como a violência aconteceu.

Nas entrevistas realizadas, constatamos que todas as violências cometidas contra os parentes dos integrantes do Movida foram noticiadas nos jornais impressos e nos programas televisivos. A morte de Gustavo foi muito explorada pela mídia, em 2005, considerando a natureza de sua morte por policiais. Iranilde nos relatou que a forma como foi divulgada a morte do filho impactou sua vida. “Até hoje não consigo olhar os jornais”. Indagamos por que razão.

Fere o meu sentimento. É muito doloroso. [...] Eu não sei nem como eu posso lhe dizer... Mas ele nunca vai sair de você. Ele vai ser sempre lembrado. Eu conversando é uma coisa, agora eu vendo a imagem, aí já é outra coisa. Aquilo parece que se reproduz como se fosse naquela hora (informação verbal)²⁹

Portanto, se há um aspecto positivo na interação entre o Movida e a mídia, está na relevância de visibilização dos fatos e de cobrança de punição. Por outro lado, no aspecto individual das pessoas, há um estranhamento com as narrativas da mídia, considerando que nos jornais impressos paraenses, leia-se nos cadernos de polícia, as imagens apresentadas quase

²⁹ Idem

sempre chocam pela forma como são construídas. Aspectos negativos da violência são ressaltados, como sangue e corpo sem vida, ou seja, o ato violento mostrado choca as famílias.

Por exemplo, as narrativas dos jornais impressos e da televisão sobre a morte do filho de D^a. Iranilde provocaram nela dor. Sua experiência foi de dor e de repulsa. “A vida do meu filho não se resumia àquilo que foi mostrado nas matérias dos jornais”. As fotos mostradas foram após o tiroteio da polícia e as condições em que ficaram Gustavo e o assaltante.

Com tristeza narra que não havia necessidade de terem sido tão impactantes e violentas as imagens. As fotos de Gustavo morto nos jornais impressos causaram muita dor na família. Ao mesmo tempo, pondera dizendo que “se não fosse daquela forma talvez, não tivesse nem chegado a ter alguma justiça. Foi uma maneira de sensibilizar a sociedade”. A mãe nunca teve coragem de olhar os jornais, mas os guarda como um documento.

Percebemos que mesmo criticando o papel da mídia, reconhece também sua função social. Embora as imagens do filho tenham sido violentas e chocantes, relata que as divulgações e visibilização do caso fizeram uma pressão junto à justiça. Segundo ela, quanto maior for a exposição midiática, mais força social se terá e mais chance de a justiça ser feita. Observamos uma via de mão dupla das narrativas de violência. De um lado ela causa pânico, e de outro, possibilita justiça.

Esse relato de Iranilde sobre a experiência com a violência fez reinterpretar as narrativas de violência dos jornais impressos. Apesar da dor de ver o filho, as narrativas de violência contribuíram para solucionar o caso perante a justiça.

Iranilde relata que continua lendo e vendo os cadernos de polícia, pois, como coordenadora do Movida, precisa ter informações sobre os casos de violência na cidade pelas reportagens, principalmente se percebe que há algum caso do Movimento nas matérias. Relatou que antes lia e via as reportagens sobre violência, mas depois que Gustavo morreu, ela acompanha com mais frequências essas notícias.

Eu fico no meio, porque a mídia, tanto ela tem o seu lado negativo como ela também tem o seu lado positivo e informativo para sociedade. Tem o lado que protege e mostra os casos que estão acontecendo para as pessoas não caírem nas armadilhas. Se bem que, hoje em dia o papel do impresso já não tem mais tanta força. Hoje tem a internet, o Jornal Nacional, tem a televisão para noticiar. Mas olhando pelo lado informativo. E tem esse outro lado que é o da violência que não contribui muita coisa para melhorar (informação verbal) ³⁰

³⁰ RUSSO, Iranilde. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula e Alda Costa. Belém, 22 de março de 2017.

As experiências vividas por Iranilde com a violência a fizeram interpretar as narrativas dos jornais da editoria de polícia como informação, considerando três de seus aspectos principais: como presidente do Movida; vítima de violência; e como cidadã. Segundo ela, a mídia é importante parceira na visibilização das ações do Movimento pela Vida. Relatou que muitas pessoas conhecem o Movida por terem assistido a alguma matéria na televisão ou por terem lido os jornais impressos. Assim, observamos a mídia assumindo papéis diferenciados, ora como ‘vilã’, quando exacerba a divulgação dos fatos e das imagens, ora como ‘benfeitora’ para o Movida, quando toma a entidade como referência e visibiliza suas ações. Ela é importante para a divulgação dos eventos e trabalhos desenvolvidos pelo grupo, mas não mede forças ao utilizar das narrativas de violência para contar um fato que tenha ocorrido com algum ente querido do Movimento pela Vida.

4.3.2 Narrativas de D^a. Andreлина

“A dor fica guardada. A gente sempre pede a Deus para acalmar”

Era uma tarde quente, como é de costume na cidade de Belém. Exatamente às 14h20, chegamos na casa de D^a. Andreлина. Senhora de cabelos até o meio das costas, sorriso largo e uma receptividade calorosa. Assim, fomos recebidos por ela para conversarmos sobre Bruno, o filho assassinado na porta de casa. A paixão e saudade dessa mãe são contagiantes. A primeira imagem que percebemos ao entrar na sala foi uma foto de Bruno em cima do sofá.

Andreлина demonstra logo o amor da mãe, fazendo elogios aos filhos Bruno e Victor. Ao sentarmos no sofá da sala, quando íamos iniciar nossa conversa, ela nos interrompe e diz: “Vamos falar primeiro do Bruno?” Foi como tudo começou naquela tarde do dia 11 de maio de 2017. Mas assim como ela nos pediu para falar primeiro do filho, aqui vamos primeiro apresentar D^a. Andreлина.

D^a. Andreлина é professora aposentada de química. Na nossa conversa, relatou que adora viajar e atualmente é o que mais faz, principalmente porque seu outro filho mora em Santarém. Logo, o município paraense é destino certo. Quase todo o tempo ela vai ver o filho Victor. Mimá-lo como toda mãezona faz com seus filhos. Andreлина tem uma personalidade marcante, como mãe e pessoa. Indica que é capaz de fazer tudo pelos filhos, Bruno e Victor. É interessante que seu relato demonstra como Bruno é ainda presente na vida dela. Não usa as palavras como

se ele não estivesse mais vivo. Essa grandeza materna nos faz pensar que Bruno ainda está vivo. O modo como ela fala sobre ele nos faz acreditar na existência material de Bruno.

Nossa conversa foi carregada de muita emoção, com momentos de relato entre saudades, fatos vividos e lembranças coletivas. Ao final, fomos convidadas para tomar um cafezinho da tarde, na cozinha de D^a. Andreлина. Ao redor da mesa, vários outros assuntos foram relatados, entre festas, viagens, amigos, passeios e comportamento em família. Foi uma tarde diferenciada. Enquanto tomávamos o café, observamos havia fotos de Bruno Abner por todos os cantos da cozinha – paredes, armários, etc. Tamanho o amor dessa mãe para com Bruno que fez-nos perceber que se trata de uma mãe dedicada e amorosa. Esse amor pelo filho é o motivo de sua quase superação da dor da perda.

4.3.2.1 Trocando experiências com D^a. Andreлина

Nossa conversa foi iniciada com a presença de Bruno. D^a. Andreлина fez questão de espalhar em torno do sofá e da mesa de centro, álbuns de fotografias por toda parte. Essa mãe falava todo tempo com carinho do filho. Pediu aos pesquisadores, primeiro, para falar de Bruno. Quem era, o que fazia, como se relacionava, isto é, contar um pouco de sua vida. Segundo ela, isso era importante para entendermos quem era Bruno. Também entendemos como um desejo de uma mãe em não apagar a presença do filho. Relatou a nós que ele sempre foi uma criança precoce. Começou a ler e a escrever muito cedo, com 3 anos de idade. Aos 16 anos, entrou na faculdade e cursou Processamentos de Dados na Universidade da Amazônia (Unama). Foi tenente do Exército e por isso não tinha moradia fixa. Foi num desses lugares que Bruno conheceu Bruna, namorada que estava com ele durante sua morte. Andreлина fala com muito carinho de Bruna. Eles viveram durante 5 anos, mas não tiveram nenhum filho. Como Bruno sabia falar inglês e queria exercitar a língua, ele foi trabalhar à época na empresa de aviação TAM, hoje LATAM Airlines. Bruno foi assassinado na porta de casa, em 24 de março de 2008.

Nas narrativas, Andrealina lembra que, no dia em que ele se foi, Bruno saiu do trabalho e passou na casa dela para pegar a chave da casa e a esposa. “Foi bem... meu Deus só de falar... na última vez que vi meu filho foi aqui na porta de casa com a roupa da TAM. Pegou um cesto de roupa que nós trouxemos do carro e guardou aqui em casa” relata a mãe, emocionada e chorando. Nesse momento, a conversa teve uma grande pausa, Andrealina chorou muito e, com a emoção, as palavras lhe faltaram.

Volta à narrativa. Relata que insistiu para que Bruno e Bruna dormissem em sua casa, pois o filho estava muito cansado e com dor de cabeça. Andreлина disse a eles que iria tomar um banho e pediu para que aguardassem. Subiu para o segundo pavimento da casa, mas Bruno e a namorada foram embora. Quando retornou do banho, Andreлина chamou por Bruna, mas ela não respondeu. Os dois tinham saído rumo à residência localizada no bairro do Telegrafo para buscar alguns pertences. Chegando em casa, relata a mãe, Bruno viu alguns e-mails, arrumou as coisas, colocou o cachorro dentro do carro e começou a tirar o carro da garagem. Bruna estava saindo da casa e trancando o portão. Bruno, de dentro do carro, já fora da garagem, pediu para ela entrar novamente em casa. Ela não atendeu ao pedido dele e entrou correndo no carro. Bruno fechou os vidros ao perceber a aproximação de três homens. Ele ligou o carro e a luz, com Bruna já dentro do carro, e os homens atiraram.

Antes de acontecer tudo isso ele falou para Bruna: “*Não reage que eles estão armados*”, e os dois levantaram os braços. As fotos da perícia aparecem os dois, ele de braço levantado. Aí ele disse: “*Não reage que eles estão armados*”, só que a Bruna não está sabendo. Aí ele falou para ela assim: “*amor, eu vou morrer*”. Quando ela tocou aqui (no peito) nele parecia que fervilhava aqui dentro (informação verbal)³¹

Segundo o relato de Andreлина, Bruno foi morto por engano. Os homens confundiram o carro dele, pela cor semelhante, com o de um traficante que eles estavam procurando, marcado para morrer e que morava ali por perto. Chegaram disparando em direção ao carro de Bruno achando que seria o carro dessa outra pessoa. Andreлина narra que, no momento do que estava acontecendo isso, ‘sentiu’ uma angústia muito grande:

Até então, sinceramente, eu não sabia quando tudo isso estava acontecendo. Antes que eu soubesse qualquer coisa, acho que as nossas ligações de mãe são muito fortes. Eu deitei, virei, segurei a minha perna, virei assim e senti tanta dor, tanta dor no meu corpo. Eu acho que era na hora que estava acontecendo. Eram dez e meia da noite. Estava com muita dor no meu corpo. Passou um pedacinho, um pedaço, logo após ligaram: “Alô”, meu marido atende o telefone. *Pensa num homem que vai mudando completamente, ... ele foi ficando todo pálido: perguntei: Ribamar o que foi que aconteceu?” “Não...”* “*Ribamar, o que aconteceu com o Bruno que o Victor Hugo está lá embaixo?*”. Ele estava aqui em Belém porque nessa época o Victor Hugo fazia mestrado. Aí eu disse: “*O que foi que aconteceu com ele? Ribamar não mente para mim, porque eu estou sentindo que aconteceu alguma coisa, se tu mentir é pior*”, Ribamar disse: “*Não, Andreлина, foi um assalto que teve e atiraram*

³¹ PEREIRA, Andreлина. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 11. Mai.2017.

nele”. Aí eu gritei nessa casa inteira que vocês nem imaginam. Gritei... gritei... gritei... parecia uma louca (informação verbal)³²

Nesse momento, nós pesquisadores, fomos tomadas por uma emoção muito grande ao ouvir o relato de desespero dessa mãe. Identificamos nesse testemunho a experiência de Andrelina com a dor e com a violência. Relatou em seguida todas as suas sensações ao saber da morte do filho. A sua experiência com a violência em um primeiro momento a fez ficar desesperada. Num relato visceral, fala de seu desespero e de sua dor, a dor da perda. Andrelina consegue na narrativa nos transportar para o momento narrado, construindo as cenas do acontecimento. Atribuímos a esse relato o caráter de testemunho.

Identificamos, como pesquisadores, o testemunho da dor e do desespero de uma pessoa afetada pela violência. Da dor, porque o relato de Andrelina, desde quando começa a falar do filho, observamos os sentimentos de saudade, de dor da perda, pela forma trágica e violenta de como o filho foi tirado do seu convívio. Quando ela narra que sentia dor no corpo, associamos à mesma dor que o filho estava sentindo ao ser morto. Essa dor se configura em violência. Perder uma pessoa ou ente querido para a violência é *per se* uma violência. Testemunhamos também a dor e a violência sentidas na narrativa de Andrelina, a partir dos seus gestos, olhares, lágrimas, expressões da face e das mãos, evidentes durante a troca de experiência entre pesquisado e pesquisadores.

O segundo momento de dor veio revestido pelo sentimento de justiça. D^a. Andrelina ficou um ano, como ela mesma relatou: “sem viver a minha vida”. Foi um ano que não saía do Ministério Público do Estado procurando os promotores. Ligava todos os dias para o gabinete do juiz. Segundo ela, tinha que de alguma forma correr atrás da justiça. “A gente faz essas coisas assim, porque no momento que você vê a justiça ser feita olha, eu lhe juro, sabe? Deus sabe que não é vingança, parece que tiram um peso dos meus ombros, das minhas costas”, desabafou. Os dois assassinos de Bruno foram condenados um a 41 anos e o outro a 42 anos de prisão. O terceiro envolvido foi assassinado com 17 tiros, um ano depois da morte de Bruno.

A experiência com a violência, afirma D^a. Andrelina, foi de fato com a morte do filho. Antes, relata que nunca tinha tido contato e nem se ‘interessava’ pelo tema violência. Nunca tinha tido experiência com violência. Contou que nunca viu nem o pai e a mãe brigarem. Inclusive um dia perguntou à mãe em que local eles brigavam. Narrou que não tinha preocupação, antes, com o problema violência, e muito menos de que um dia a violência pudesse fazer parte de sua vida. Relatou que achava que a violência acontecia com os outros,

³² Idem

não fazia parte de sua realidade. “Eu tinha uma vida completamente diferente da que tenho hoje. Meus filhos cresceram no Cassazum, domingo a gente ia para lá fizesse chuva ou sol, sábado ou domingo jogávamos vôlei. Então assim, nunca me dei conta, sabes, nunca. Eu passava lá na Praça da República, olhava o Movida, mas nunca pensei que um dia eu estaria ali naquele lugar”.

4.3.2.2 D^a. Andreлина e o Movida

D^a. Andreлина ouviu falar do Movimento pela Vida a partir de uma informação que obteve de jornalistas de *O Liberal*. Eles, repórteres, deram o número da presidente do Movida, D^a. Iranilde. Narrou que inicialmente não procurou a entidade, não queria aceitar essa experiência com a violência e a condição de ter perdido um filho de forma violenta. Enfatiza: “Não aceitava isso”. Na missa de um mês de morte do filho, D^a. Andreлина conheceu a presidente do Movida, que participou junto com outras integrantes da cerimônia religiosa no Santuário de Fátima. No início, ficou reticente em participar do grupo.

Eu não me sentia naquele meio. Mas aí eu fui. Cheguei lá, comecei a conversar e o Movida, posso te dizer que ele me ajudou muito. Está resolvido o caso do meu filho, não é? Já foram julgados, condenados, então não tem mais nada para eles. Mas aí eu digo: não, eu vou. Eles me ajudaram, então eu tento ajudar as outras pessoas. Chegam mães lá iguais a mim quando cheguei, sabe, na mesma situação (informação verbal)³³.

D^a. Andreлина explica aos pesquisadores que tem um compromisso com o Movida e com todas as pessoas que fazem parte do movimento. O sentimento empático é fundamental para estabelecer os laços e a força do movimento. Identificamos na narrativa de Andreлина não só o compromisso, mas também e principalmente a solidariedade quanto à dor do outro. Ao trocar experiências em torno da dor e da violência no grupo, consegue entender o outro na plenitude. A comunicação interativa acontece pela conversa, desabafo de mãe para mãe; de coração para coração. Observamos na narrativa de Andreлина a construção do afeto pelo grupo. As conversas que ela tinha com as outras mães, que também perderam filhos, confortaram-na profundamente. “O outro me entendia. O outro sentia o que eu sentia. O outro falava a minha língua”, afirma Andreлина. Segundo ela, essa troca de afeto ajudou a amenizar a dor da perda e a saudade do

³³ PEREIRA, Andreлина. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 11 maio 2017.

filho. Relatou que durante muito tempo ia todos os dias ao cemitério, para conversar com o filho. Depois de uma longa conversa com os familiares, as visitas foram reduzidas, mas continua indo todo mês ao cemitério.

Essas sociabilidades são parecidas com as que encontramos no Movida e são terapêuticas, considerando que, no grupo, há um momento de desabafo e de escuta do outro. D^a. Andreлина lembra que muitas mães, esposas, irmãs chegam ao Movimento com todo o tipo de sentimento e encontram pessoas com dores e experiências quase semelhantes.

Constatamos assim que a interação comunicativa se faz pela sociabilidade, empatia, trocas de experiências e pelos testemunhos, pois cada um relata ao outro sua história de dor, perda, saudade e de experiência com a violência; de modo que cada um testemunha essa narrativa. “O Movida foi a minha outra família. Me acolheu, e como aquelas pessoas que estavam ali tinham a mesma dor que eu, o mesmo sentimento, assim foi a boa acolhida da minha vida ali naquele movimento”, relatou Andreлина.

Os encontros no último domingo de cada mês, segundo D^a. Andreлина, se configuram como momentos importantes. Os encontros nos domingos proporcionam a interação entre o grupo, a união enquanto grupo, assim como um momento de alegria e de confraternização entre as pessoas. Andreлина relata que poderia não participar mais das atividades do Movida, considerando que a justiça já foi feita com relação aos culpados da morte do filho, mas continua participando. “Não tenho mais nada para fazer lá, quer dizer, o meu objetivo hoje é também ajudar as outras pessoas. As outras mães que chegam lá. Mas antes, por que que eu ia? Porque me faz bem, sabe? Aquele encontro me faz bem”, reafirma.

D^a. Andreлина e D^a. Iranilde concordam que os encontros na Praça da República objetivam ser um espaço de visibilização das ações das pessoas afetadas pela violência. Mas acreditam neles também como uma experiência de falar com o outro, que não sofreu os mesmos problemas, sobre a violência na cidade. “E tem gente que chega lá e quer saber tudo em relação ao Movida, em relação às vítimas de violência, mesmo o nosso ente querido, como era, ou que fazia”, lembra Andreлина. Assim, o Movida, para algumas pessoas, torna-se importante fonte de informação sobre os casos de violência.

A relação de Andreлина com o Movida é de afeto, carinho e corresponsabilidade. Compreende o grupo como um ambiente de luta, mas também de solidariedade, de respeito à dor do outro. Narra que muitas das pessoas que chegam ao Movida nem sempre contam tudo. Com o tempo, elas começam a criar uma relação de confiança e passam a relatar suas experiências com a dor e com a violência.

4.3.2.3 D^a. Andrelina e a mídia

Andrelina tem umas três pastas com recortes de matérias sobre o caso de seu filho Bruno e os casos do Movida. Relatou que, no início, não conseguiu efetuar a leitura e nem ver as imagens divulgadas de seu filho. Somente muito tempo depois foi que conseguiu ter contato com as matérias. Narrou que não lia os jornais, porque era impactante ver o nome do filho naquelas páginas policiais, nem via as matérias na televisão. “Era doloroso para mim ver o nome do meu filho no jornal e ainda mais naquele caderno”, afirma Andrelina. Antes da morte de Bruno, não tinha o hábito de acompanhar notícias de violência. Quando acompanhava, era com desinteresse.

Eu não lia a notícia, o desfecho. Eu passava aqui e dizia: “*Ai, credo. Ai nossa*”. Mas nunca de procurar saber detalhes. Nada disso, sabe? Eu sempre falo, às vezes, lá no Movida: *há vida antes e há vida depois*. Depois que aconteceu isso. Eu sempre lia (informação verbal)³⁴.

Depois que Bruno foi morto, relatou que começou a acompanhar as reportagens. Mas agora, passado algum tempo, não acompanha mais. Não quer mais saber de notícias de polícia. Andrelina relata a importância da parceria do Movida com a mídia, pois coloca em ‘pauta’ assuntos que estão quase esquecidos pela sociedade. Ao mesmo tempo, afirma que não teve uma boa experiência com os meios de comunicação, principalmente quando deu entrevistas ao jornal *Diário do Pará*.

A imprensa é um grande parceiro para nós. Posso falar por mim né? Em todos os momentos foram grandes parceiros. Só uma vez que eu tive muito receio, porque às vezes, você está falando e eles publicam o que querem. E eu falei alguma coisa que se não prendessem o cara que estava solto o mais rápido possível, ele iria ver o que aconteceria com ele. Aí ela (a repórter) escreveu que eu tinha dito que, se não prendessem ele, a mãe do Bruno seria uma assassina (informação verbal)³⁵.

Essa experiência foi bastante negativa para Andrelina. Ela afirma que não concorda com as construções narrativas da editoria de polícia, realizada tanto pelos jornais impressos quanto pelos programas televisivos. Relata ser desnecessário usar imagens tão agressivas e impactantes. Considera um desrespeito a todos, inclusive à família. Lembra que não teve que

³⁴ PEREIRA, Andrelina. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 11 maio 2017.

³⁵ Idem

passar por isso, pois os jornalistas não conseguiram tirar fotos do seu filho. Portanto, não houve imagens impactantes e de violência publicadas. Indagamos se as informações sobre seu filho foram publicadas corretamente; ela diz que sim.

A experiência de Andreлина com a mídia pode ser assim configurada: entende a importância dessa parceria entre mídia e Movida, mas reconhece as falhas que a mídia tem ao publicar ou divulgar os fatos. Andreлина se refere, sobretudo, às imagens agressivas publicadas. Para ela, é desnecessário construir uma narrativa impactante e irresponsável, pois fere os sentimentos das pessoas envolvidas. Tem consciência, porém, da relevância dos casos publicados para a legitimidade de existência do Movimento. Ou seja, o Movida existe porque existem pessoas que sofrem violência e que lutam para que os culpados sejam punidos.

4.3.3 Narrativas de Edjane

“Dividir a dor com outras mães do Movida, me faz bem”

Nossa próxima conversa foi com Edjane, em 6 de julho de 2017. Edjane é uma mulher muito falante, expressa-se e fala muito bem. Não é tímida. Tem uma facilidade de comunicação e uma energia que prende a atenção de todos. Nossa conversa iniciou às 17h30 e terminou às 19h40. Foram duas horas de trocas de experiências e de aprendizagem. Edjane gosta de falar, gosta de conversar. Comunicar é algo muito forte na sua personalidade. Não tem nenhuma dificuldade e isso facilitou o processo da entrevista.

Foi muito interessante perceber em Edjane um conhecimento, uma sabedoria, uma serenidade. Ela cursou somente dois semestres de Ciências Contábeis, mas não pôde continuar o curso. O conhecimento a que referimos é o conhecimento de vida, a sabedoria de vida. Quando temos essa sabedoria adquirida nas nossas experiências do dia a dia, parece que tudo tem um sentido e uma compreensão. Sentimos em Edjane essa compreensão da vida. Até quando falamos sobre a morte do filho Samuel.

Ela nos narrou até como o Samuel foi planejado e desejado por ela. Ela queria muito esse filho. Jovem e sem uma estrutura financeira para manter o filho. Ainda assim, Edjane queria Samuel. Queria ter um filho de um grande amor. Corajosa, ela assumiu esse amor e esse filho. Em nenhum momento se nota arrependimentos; era amor. Coragem não faltou a Edjane naquele momento. Quando ela tinha 23 anos, Samuel veio para ela e fez parte de sua vida.

Edjane assumiu a criança sozinha. Já sabia que isso iria acontecer. Em nenhum momento, ela pensou em ‘tirar’ a criança. O pai da criança fez a sugestão, mas ela negou o pedido. Samuel nasceu e foi a maior alegria da vida dela.

O Samuel nasceu e foi uma alegria, porque tinham dois netos da mamãe e ele era o terceiro, e já estavam tudo grande. Então quando ele nasceu, Deus o livre, tinha um irmão que dizia que ele era filho dele. Perguntava: “*quem é esse menino?*” Meu irmão respondia: meu filho” [...] Aí quando o Samuel nasceu eu falei assim para minha irmã: “*olha lá, vê se está tudo certinho, o dedinho dele*”. Foi uma benção. Tudo direitinho. Eu falava sempre para ele depois de crescido: “*filho, quando tu nasceste, tu não tinhas só um par de sandália não, tu tinhas dois ou três pares de sandálias. Tu eras meu único filho. Passou quase 5 ou 6 anos para nascer outro, você era o príncipe, era o rei, tudo era para ti*”. Era muita foto que eu tirava, até que roubaram a minha máquina com umas 30 e poucas fotos ainda tem um ‘bucado’. Mas tinham mais e tinham muitas fotos dele. Foi assim, maravilhoso, porque aquela coisa toda que eu tinha pelo pai dele foi assim para lá, sabe? Ficou como eu imaginei, tudo concentrado nele. Quando ele foi crescendo eu sempre ligava, Deus o livre, eu cuidava muito do meu filho. Quando eu chegava do trabalho colocava ele para dentro. Sempre foi assim (informação verbal)³⁶

A mãe Edjane sempre teve muito zelo pelo filho. Ela deixa evidente seu amor e cuidado pelo primogênito que tanto queria. Apesar das circunstâncias em que Samuel nasceu, não vimos em Edjane arrependimentos. Em momento algum disse que foi difícil criar Samuel. Ela nos transmitiu o sentimento de que não houve nenhuma dificuldade em ter e criar o menino. O amor pelo filho era tão grande que conseguimos senti-lo.

Edjane não é uma mulher de derrota, de tristeza, de desistir ou esmorecer. Ela é vibrante, determinada e lutadora. daquelas pessoas que não dão abertura para a tristeza. O único momento em que vimos Edjane chorar ou em estado de vulnerabilidade durante nossa conversa, foi quando ela falou que Samuel compunha raps. Nesse momento, ela nos mostrou o caderno de composições do filho. De fato, as lágrimas escorriam no rosto daquela mulher. Somente nesse momento vimos a dor de Edjane. Vimos a saudade apertar no coração dela.

Mãe de duas meninas, Ágata, de 10 anos, e Ádria, de 14, Edjane continua sua batalha em busca dos assassinos do filho Samuel. Diante do que, desistir parece ser um verbo que não faz parte da sua vida.

³⁶ GONÇALVES, Edjane. Entrevista concedida às pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 06 de julho de 2017.

4.3.3.1 Experiências com a dor de Edjane

Samuel morreu no dia 24 de maio de 2016. Edjane nos contou que, nesse dia, estava muito mal, triste, chateada e não tinha razões para estar desse jeito. Era um dia normal, nada de novo, mas Edjane sentia tristeza. Samuel foi jogar bola no campinho, como de costume, e Edjane foi, às 16h, comprar farinha para fazer cuscuz na feira, tendo convidado uma das filhas para lhe fazer companhia. Edjane voltou para casa. Colocou a farinha de cuscuz para cozinhar. Samuel chegou por volta das 18h. Fumaça do cuscuz cozinhando saía da panela e café pronto, Samuel pegou a toalha para tomar banho. Depois saiu. A mãe Edjane pergunta: “Vai ter aula?” Ele responde: “Não”. Edjane: “Para onde tu vais?”. Samuel: “Vou na escola”. Edjane: “Fazer o quê? Não vai ter aula. Não vai não. Fica aí”. Mas não adiantou a mãe dizer a ele que ficasse em casa. Depois de um tempo, Samuel pegou a bicicleta e saiu em direção a escola. Um colega de Samuel se ofereceu para ir junto e foram os dois. Samuel guiando a bicicleta e o colega na garupa.

Eu estava na cozinha, né. Eu não sei o que foi que me deu que eu fui lá para fora. Alguma coisa me puxou lá para fora, que eu fiquei bem na beira da calçada e eu escutei o tiro. O primeiro. Aí eu disse: *“ai, isso foi tiro”*. Aí a minha filha: *“Não é não, mãe, isso é na oficina”*. Eu disse: *“Égua, acho que não, parece tiro”*. Foi só o tempo de eu voltar para frente de casa. Eu nem consegui entrar eu só vi alguém gritando: *“Tia, tia, atiraram no Samuel”*. Eu disse: *“Como?”*. Aí eu saí correndo, não sei nem como é que eu estava, porque até então, eu achava que era engano né. Eu estava com aquilo assim de nervosa com o que falaram. Eu me assustei e disse: *“égua, como, meu filho não”*. Aí quando eu cheguei lá, ele estava no chão caído. Estava em posição encolhida e o sangue dele escorrendo. Eu tentei pegar ele para a gente sair e eu levar no hospital. Quando eu cheguei lá o meu sobrinho mais velho estava segurando a mão dele. Bati nele e disse: *“bora levar ele para o hospital, bora levar ele para o hospital”*. Ele não falava nada, parecia uma estátua, acho que ainda estava em choque, não sei. Eu não estava entendendo, estava ainda desesperada. Eu estava me mantendo... para saber se eu podia fazer alguma coisa. Então eu estava num estado, assim, de não entender e ao mesmo tempo nervosa. Não sabia nem o que eu sentia. Aí quando eu peguei no olhinho dele, eu fechei. Vi que ele estava realmente morto ... (informação verbal)³⁷

Edjane narrou que ainda tentou levar o filho para o hospital. Ela não havia entendido que filho já estava morto. Ela nos relatou que os vizinhos a tiraram de lá, levaram-na para o hospital. Deram remédios para ela dormir, mas ela não conseguia dormir, só cochilar. Tudo

³⁷ GONÇALVES, Edjane. Entrevista concedida às pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 06 de julho de 2017.

ainda estava confuso na sua cabeça. Somente no dia seguinte, ela e família foram na funerária para organizar o enterro e velório. À tarde, liberaram o corpo de Samuel.

Edjane não sabia o motivo da morte, mas com certeza sabia que o filho não estava metido em nada errado, pois conhecia a índole dele. Nunca passou pela cabeça dela que filho estaria envolvido em situações ilícitas. O rapaz dependia dela para tudo. Ela nos revelou que Samuel nunca apareceu com uma roupa diferente ou um sapato. Até pedir dinheiro para passear e namorar, ele pedia para mãe. Para ela, nunca houve suspeita de que o rapaz estaria em situações erradas. Samuel era tímido. Mas nunca deu trabalho para a mãe. Segundo Edjane, ele compreendia que a mãe fazia um esforço para dar a ele tudo que queria. Tudo muito simples, mas ele tinha. Não há nenhum histórico de que ele tenha brigado na rua com alguém. Edjane conta que ele era “um menino medroso”. Até isso, depois da morte do filho, ela foi procurar saber com os vizinhos, colegas de Samuel, se ele se metia em briga. Ela mesma foi fazer as investigações. Todos com quem ela falava, colegas de Samuel da rua e da escola, todos afirmavam que o rapaz não era de briga. Sempre muito tranquilo e quieto.

Quando Edjane narra a trajetória do filho, sempre destaca ele como um menino calmo. Afirma que ele não dava trabalho e que seu temperamento era resignado. Ela narrou uma situação em que Samuel quebrou o dedo jogando bola na escola, não tendo ele em nenhum momento chorado ou reclamado de dor para mãe. Não satisfeita, depois de ter levado o filho ao médico, Edjane voltou no colégio para saber o que havia acontecido. O que aconteceu foi que um menino, maior que Samuel, chutou o pé de Samuel no jogo de bola. Samuel se queixou de dor e alguns amigos queriam tomar as dores de Samuel. Mas Samuel, por não gostar de se envolver em briga, disse aos colegas: “Não, não. Para com isso. Deixa pra lá”. Edjane contou que o filho fez de tudo para os colegas desistirem dessa ideia de bater no outro menino. Relata que seu filho era um rapaz querido pelos amigos e que nunca procurou problema com ninguém. Ela defende essa personalidade do filho com muita certeza e confiança. Ela não deixa nenhum rastro de dúvidas sobre conhecer o filho e saber quem ele é. Nessa afirmativa, observamos, que Edjane busca que a verdade prevaleça, pois o motivo da morte, segundo ela, pode deixar dúvidas nas pessoas, achando que Samuel tivesse se metido em coisas erradas

Edjane ainda sente a perda do filho. Narra que não deseja essa dor a ninguém. Em vários momentos da nossa conversa, Edjane chora e tenta resistir. Observamos que faz parte da personalidade de Edjane a força e a resistência. Sentimos que, às vezes, ela chorava por não mais aguentar aquela saudade. A emoção era tamanha que não havia como negar. Mesmo que segurasse o choro, o choro era maior que a razão. Vinha... a saudade vinha, a dor vinha.

Eu achava que a pior dor para mim era a dor de parto [risos], porque até a dor de filho eu tive algumas contrações. Mas eu não tive normal né, eu não tive dor como todo mundo fala que dói. Inclusive eu tenho usado muito isso porque as minhas filhas se batem com coisa pouca, né? Eu disse para elas: *“minha filha eu queria ter só uma peça de roupa, mas eu queria meu filho aqui...”*. Aí tem gente que fala: *“ah, mas tu querias que ele estivesse sofrendo contigo?”* Eu não sei como a gente explica isso, porque de qualquer forma, se a gente estivesse passando necessidade a gente ia estar sofrendo, mas a gente ia está tudo vivo. Tudo junto. Não dá para explicar. Eu só sei dizer o seguinte: eu não quero que ninguém passe por essa dor (informação verbal)³⁸

Essa dor vivenciada pela Edjane com a perda do filho é configurada como violência. Diferente de outras integrantes do Movida, Edjane nos contou que já teve outras experiências com a violência, na escola e na família. Segundo ela, a violência nas escolas é uma realidade atual. Brigas entre alunos por motivos banais são constantes e fazem parte da realidade das escolas públicas. Edjane vivenciou isso quando estudava na Escola Estadual Justo Chermont. Ela nos disse que convivia com grafiteiros, pichadores e meninos envolvidos com gangues.

Na família, Edjane via o pai bater na mãe. “Meu pai bateu algumas vezes na minha mãe. Eu presenciei a violência, ele quebrando as coisas dentro de casa e eu presenciei muita coisa de violência lá no lugar onde eu morava”, disse Edjane. Observamos que a violência fazia parte do histórico de vida e do cotidiano de Edjane, mas que ela soube superar essas experiências. Apesar de ter vivenciado a violência em vários âmbitos, ela nunca reagiu ou incentivou os filhos a serem violentos. Edjane sempre teve a preocupação de conscientizar os filhos sobre isso. “Eu criei os meus filhos assim, eu vou no colégio, eu não sou perfeita, eu tento fazer o possível para colocar consciência neles e eu nunca fui chamada no colégio, nem depois deles grande”, relata Edjane sobre como ela conscientiza os filhos sobre a violência.

4.3.3.2 A relação de Edjane e o Movida

A história de Edjane com o Movimento pela Vida começou quando ela foi em um velório do parente de um amigo dela. Esse amigo perguntou se ela conhecia o Movida. Ela respondeu ao amigo que não. Então, o amigo perguntou se ela iria deixar por isso mesmo a morte de Samuel, pois segundo ele, tratava-se de assassinato. Ela retrucou e disse que jamais iria descansar enquanto não descobrisse o que realmente aconteceu. O amigo orientou que ela

³⁸ GONÇALVES, Edjane. Entrevista concedida às pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 06 de julho de 2017.

procurasse D.^a Iranilde, do Movida. Edjane correu atrás, procurou na internet e encontrou o contato de Iranilde. Elas se falaram e D.^a Iranilde informou que as integrantes do movimento iriam se reunir na Praça da República.

Edjane foi ao encontro da Praça da República. Foi o primeiro contato dela com o grupo. Receberam-na com muito carinho. “Quando eu chegava lá, as pessoas me abraçavam, eu contava um pouquinho da minha vida e eu sentia que estava ali e as pessoas me entendiam. Comecei a frequentar, a me envolver mais. E me aproximar mais dela”, Edjane narra sobre sua aproximação com D.^a Iranilde. Aos poucos, Edjane foi observando o trabalho do Movida. Ela queria saber como funcionava o movimento. Prestou muita atenção e participou dos julgamentos, caminhadas e dos encontros na praça.

O Movida para Edjane tem uma missão muito importante: a de busca por justiça e a de trocas de afetos. Ela nos conta com certo carinho sobre a relação com o Movida e demonstra seu compromisso com a luta da ONG. Ainda que o caso dela seja recente no Movida, ela sente esse compromisso e responsabilidade por ser integrante desse grupo.

Eu não tenho vontade de sair do Movida. Eu quero poder passar um pouco da minha experiência para as outras pessoas. Às vezes tem frases que dizem assim: “*só ama quem tem saudades*”. Mas eu não sei se a gente só ama de quem tem saudade. A dor de uma mãe que perde um filho ela não é igual a dor de uma mulher que perde um marido. Isso para mim não tem comparação. A gente vê que muita mulher depois refaz as suas vidas. Dentro do Movida tem mulheres viúvas, que estão tentando refazer as suas vidas mesmo com a dor. Mas é a mãe. Eu vou poder ter outro filho igual ao Samuel? Porque se eu pudesse ter outro filho, não seria igual ao Samuel. Eu não posso ter mais filho. Meu filho não deixou nenhum neto. Não querendo desmerecer a dor de ninguém. Nunca. Não é isso, entendeu? Mas eu estou falando que eu quero continuar no Movida para abraçar essas mães, porque eu conheço a dor da perda de um filho. Então como eu sinto isso, é muito difícil. Eu fico tentando me colocar no lugar de outra mãe. Elas precisam de ajuda. Elas precisam de um abraço. Elas precisam... (informação verbal)³⁹

Assim como as outras integrantes do Movimento pela Vida, Edjane pensa da mesma forma. O grupo é feito para compartilhar dores e outros sentimentos. Uma entende a dor outra. A dor de uma é dor de todas, não estamos falando de quantidade, mas de sentimentos. O sentimento é de total empatia. Elas querem ficar para abraçar a outras mães e mulheres que chegam no grupo com a mesma dor. É importante para elas isso. Essa relação lembra a socição de Simmel (2006), de estar junto para uma finalidade, o que se torna a mola propulsora do

³⁹ GONÇALVES, Edjane. Entrevista concedida às pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 06 de julho de 2017.

movimento existir. Essa troca de experiência e comunicação entre elas é importante para a permanência do grupo.

Edjane acredita muito no Movida. Acha que tem de haver mais comprometimento das pessoas, divisões de tarefas, organização de grupos para determinados assuntos. Ela percebe o Movida como um grupo em potencial, mas que precisa de alguns ajustes. Ela pensa que o Movida precisa estar mais atuante e que a luta do movimento não deve ser somente por justiça, mas também pela conscientização das pessoas sobre a violência. Observamos nela um desejo de multiplicar as ações do Movimento pela Vida, em razão de haver um carinho pelo grupo. Edjane está disposta a se comprometer com o grupo e se comprometer com a sociedade, pois ela vê no grupo uma oportunidade ou um meio de fazer as pessoas entenderem sobre a violência.

4.3.3.3 Edjane e sua experiência com a mídia

A experiência de Edjane com a mídia não foi positiva. Ela achou negativa a forma como a morte de seu filho foi divulgada nas mídias impressas e televisas. Ela nos contou que a primeira matéria que saiu foi uma entrevista no velório do filho. Sua primeira entrevista foi para a TV Record Belém. Fizeram três perguntas e, no final, ficou reduzido às informações sobre o seu filho, dificultando realmente às pessoas a possibilidade de entender o que aconteceu.

Tudo foi divulgado nas matérias. Inclusive o momento em que Samuel levou o tiro. Existe um vídeo que mostra Samuel com o colega, andando na rua, quando o carro se aproxima e faz os disparos em direção a Samuel. Esse vídeo foi divulgado em todas as emissoras. Nas mídias impressas, *frames* do vídeo foram utilizados para compor a reportagem como fotografia. Na hora do fato ocorrido, nenhuma equipe de reportagem apareceu. As informações foram apuradas depois e a comprovação do fato foi o vídeo. Esse vídeo era uma câmera da vizinhança, perto da casa de Samuel.

Quando perguntamos a Edjane se ela chegou e ver ou a ler as matérias sobre o assassinato do filho, de imediato, respondeu que não. Disse aos pesquisadores que não conseguia fazer isso, e que ninguém próximo a deixava ver. Ainda estava tudo recente e a dor era grande. “Eu não aguentava nem ver as imagens. Eu só vi um pedaço do que dava para entender. Mas ninguém deixava eu ler”, relatou Edjane.

Apesar de morar na Cabanagem, bairro considerado violento pelas estatísticas oficiais do governo do Estado do Pará, Edjane não tinha o hábito de ler ou ver jornais de editoria policial. Mesmo antes da morte do filho, ela nunca gostou das construções narrativas feitas

pelos jornais sobre a violência. “É sensacionalista. Eles querem tripudiar em cima, porque eles querem ganhar. Eles ficam falando besteira do cidadão. Julgando o outro”, deu esse depoimento sobre as notícias de violência. Edjane não concorda com a forma como jornais e jornalistas abordam a violência. Quando perguntamos a Edjane sobre a importância dos meios de comunicação em divulgar as notícias, ela nos disse:

É e não é, né? Eu acho bom porque é a nossa voz. De nós alertarmos as outras pessoas, porque quando uma família ou uma mãe de vítima vai falar sobre o caso dela a gente tem que servir de alerta para outras pessoas. Por exemplo: para tentar mostrar o que a gente está passando e para tentar tirar disso algo para ser evitado. A gente tem que ver o lado bom das coisas. Mas por outro lado, não é bom, porque as pessoas se aproveitam. Agora, no caso do Movidá, eu acho que foi bacana, porque ajudou muito. A D.^a Iranilde disse que quando eles divulgavam, ela não estava só. Tinha alguém dando apoio e no caso era o pessoal da mídia dando apoio (informação verbal)⁴⁰

Observamos que mesmo a mídia construindo, distorcidamente, algumas informações sobre o assassinato do seu filho, Edjane acredita na relevância do papel dos meios de comunicação, principalmente para o Movimento pela Vida, pois passam a ser parceiros na cobrança e na visibilização dos fatos. Percebemos que as integrantes enxergam sempre dois lados no papel da mídia, quase sempre opostos. Ou seja, quando a mídia relata os fatos se configura como do bem, isto é, no contexto do coletivo ou na relação com o Movidá, reforça o papel do movimento no social. Quando retrata os casos, individualmente, sempre apela ao sensacionalismo, ou seja, o grotesco se sobrepõe à informação de qualidade. Privilegia a imagem do sangue, da morte e do sofrimento. A mídia, relata Edjane ao citar a morte do filho de D.^a Iranilde, pode contribuir até nas decisões judiciais, mas a abordagem das narrativas de editoria policial utiliza a violência como instrumento, desagradando a maior parte das integrantes do Movidá.

4.3.4 Narrativas de Nazaré

“Quando fui para o Movidá, percebi que a minha dor era pequena”

⁴⁰ GONÇALVES, Edjane. Entrevista concedida às pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 06 de julho de 2017.

Nazaré chegou para nosso encontro alegre e sorridente, no dia 8 de maio de 2017. Com 53 anos, Nazaré tem um espírito jovem e cheio de energia. É mãe de três filhos, um de 33 anos, uma filha de 30 anos e Leandro, filho assassinado com 34 anos. Técnica de enfermagem aposentada, ela não permite que a tristeza faça morada no seu coração por muito tempo. Mesmo com as dificuldades, Nazaré prosseguiu com sua vida. Casou-se de novo, trabalhou como costureira e em uma lanchonete da qual ela era a proprietária; por conta de um acidente nesse estabelecimento perdeu a visão do lado esquerdo. Com isso, Nazaré suspendeu as atividades na lanchonete.

Nazaré assim que nos cumprimentou, pediu para trocar a blusa. A blusa que ela queria colocar era com a foto do filho, Leandro Pereira. No início da nossa conversa, parecia estar um pouco envergonhada, sem saber o que falar, mas com o tempo ela foi ficando à vontade em nossa presença. Falou sobre o filho. Mostrou fotos de Leandro e dizia: “Olha como ele era bonito!”. Nazaré em toda sua narrativa elogiou o filho.

Ela nos pareceu uma mulher vaidosa e segura. Como todas as mães que entrevistamos, com uma força e com uma vontade de viver. Ela nos disse que em certos momentos, logo depois da morte do filho, ela se voltou contra Deus. Porém, isso já era passado. Apesar de ser extrovertida, alegre e jovial, Nazaré não é de falar muito. Ela se expressa oralmente bem, porém, com poucas palavras. Embora em um momento de muita dor, ela tenha se revoltado contra Deus, Nazaré é muito religiosa. A religião a ajudou muito a superar a dor e a saudade do filho.

Nazaré é uma das mulheres e mães do Movidá, que luta, sofre, sente saudades, mas entende que a vida pode tomar um rumo bonito apesar da saudade e da violência sofrida. Ela acredita na paz, na esperança e, sobretudo, na justiça e no fim da violência.

4.3.4.1 A experiência de Nazaré com a dor

Nazaré é mãe de Leandro, 30 anos, vigilante da Prosegur, empresa de segurança financeira. Leandro morreu no dia 30 de dezembro de 2013. A mãe relatou que o que motivou da morte do filho foi uma moto, emprestada para dois adolescentes. Esses adolescentes são jovens em conflito com a lei, pois já praticaram atos infracionais equivalentes ao crime de roubo. Queriam a moto emprestada para a prática dos atos infracionais.

Leandro conheceu uma moça e se apaixonou por ela. Começaram a viver juntos. Por um tempo, ela morou na casa de Leandro com a mãe, depois ela foi para a casa da mãe dela. A moça tinha um filho e Leandro ajudava com as despesas da criança. Leandro não foi morar com

a moça na casa da mãe dela, mas fazia visitas. Nessas idas à casa da namorada, Leandro conheceu esses dois rapazes. De vez em quando, Leandro alugava a moto para eles, porque era mais uma renda para ele ajudar a criar o filho da namorada, a quem ele se apegou bastante.

Em outubro de 2013, véspera do Círio⁴¹, esses adolescentes se acidentaram com a moto, dando a Leandro, segundo Nazaré, um prejuízo de dois mil reais. Os adolescentes foram levados para o Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência, em Ananindeua. Enquanto os adolescentes estavam internados no hospital, Leandro pediu ajuda financeira para o avô de um deles, no valor de mil e quinhentos reais, com a finalidade de realizar os consertos. Os adolescentes foram informados do empréstimo do avô e mandaram um recado a Leandro, que ele devolvesse o dinheiro, pois quando saíssem do hospital resolveriam a questão. Ao saírem do hospital, no dia 30 de dezembro de 2013, mataram Leandro no conjunto Cidade Nova 4.

A violência é uma tremenda falta de amor. A gente está vivendo hoje em todos os lugares, todos os cantos da cidade, em qualquer lugar a falta de amor impera. O ser humano não tem mais amor ao próximo, não tem. Nossa vida hoje está valendo quase que nada. Eles alegaram que meu filho estava devendo 50 reais para esse cara que tirou a vida do meu filho. Mas não foi por isso. Perante a justiça hoje, foi por causa de 50 reais, eu sei de toda a história. É aquilo que eu lhe falo, a violência é uma falta de amor, falta de estrutura familiar (informação verbal)⁴²

A história da morte do filho foi relatada, com lágrimas, na íntegra por Nazaré como um desabafo de suas dores e tristezas. Relembrar a forma como filho se foi traz uma revolta e indignação à mãe, considerando a proporção que a violência ganha na sociedade e os motivos banais pelos quais as pessoas perdem suas vidas. Nazaré afirma sentir-se uma vítima da violência. Segundo ela, após a morte do filho, ela se tornou uma outra pessoa. Tudo mudou. “Com a perda da vida do meu filho, eu me senti morta junto com ele”, relata Nazaré, que ficou emocionalmente perdida depois que perdeu Leandro. Nazaré vivia com o filho. Era o único filho que ainda morava com ela. Os outros filhos já estão casados e com suas famílias. Leandro era o companheiro dela. A ausência de Leandro ainda é profundamente sentida por Nazaré. Sua narrativa é contada entre dor e saudades:

A dor para mim, logo no início, como eu falei, não queria mais viver, não queria mais. Eu passei um ano e oito meses dentro de um quarto. Não cortava

⁴¹ Manifestação religiosa e cultural de Belém do Pará, que acontece todo segundo domingo de outubro, com a procissão de Nossa Senhora de Nazaré, que reúne mais de dois milhões de pessoas nas ruas da capital paraense.

⁴² PEREIRA, Nazaré. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 08 de maio de 2017.

o cabelo, não fazia a unha, vivia numa depressão profunda. Hoje é aquela coisa, a gente tem que aprender a conviver com a dor. Eu fiz uma terapia. Eu faço até hoje. Uma terapia on-line com uma terapeuta amiga minha, não a conheço pessoalmente, mas ela tem sido um alicerce para mim. Eu aprendi que tinha as outras pessoas que precisavam de mim e que eu estava deixando essas pessoas de lado. Não queria saber, não queria saber de nada. É tipo assim: cada um cuida da sua vida. Eu não quero mais saber. Mas depois eu fui vendo que eu também sou importante para eles e eles são importantes para mim. E hoje é assim, convivo com essa falta diária. Mas, é tipo assim: eu superei (informação verbal)⁴³

Nazaré relata que, com a morte do filho, distanciou-se dos outros filhos e familiares. Ela divide seu relato em momentos diferentes: primeiro, no início da perda do filho, momentos de profundo sofrimento; e um segundo momento, após análise de sua história de vida e da existência de outros filhos, decide começar a superar a dor. Logo após a morte de Leandro, esqueceu de viver. Esqueceu que tinha uma vida a seguir. Hoje, depois de ter feito muitas reflexões, relata ter percebido que estava abandonando a vida e os outros filhos. Sua experiência com a dor levou Nazaré a uma depressão profunda, afetando seu ambiente familiar. Porém, a mesma dor a ajudou a superar esses momentos de profunda tristeza e indignação com a vida.

4.3.4.2 Nazaré e a relação com o Movidá

Nazaré foi apresentada ao Movidá pela prima Andreлина⁴⁴. Seu filho foi morto no dia 30 de dezembro, e no dia 1º de janeiro de 2014, Nazaré estava no encontro da Praça da República. “Eu ainda estava meio em choque. Não sabia o que eu estava fazendo ali. Não sabia nem para que servia o Movidá”, desabafou Nazaré. A dor ainda era muito forte, mas com o tempo ela começou a entender a importância das ações do movimento

Para Nazaré, o principal aspecto do Movidá é que uma pessoa age em favor da outra. “Às vezes, o promotor de justiça não está disposto a nos escutar. Então, nos organizamos e juntas, no dia do julgamento, fazemos pressão”, afirma.

Constatamos que as integrantes, de uma forma geral, são unânimes em afirmar, antes da ação política do Movidá, a sua relevância como movimento de solidariedade e apoio. O Movidá é uma entidade em que as pessoas aprendem umas com as outras. Aprendem a respeitar o tempo de dor de cada integrante. Do mesmo modo, as integrantes reconhecem que há um início.

⁴³ PEREIRA, Nazaré. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 08 de maio de 2017.

⁴⁴ Entrevistamos Andreлина Pereira anteriormente.

Quando as pessoas chegam ao Movida, chegam primeiro para desabafar, chorar e se revoltar, depois de ouvir os vários depoimentos das pessoas que compõem o grupo, passam a repensar sua dor e avaliar o sentido da perda.

Assim também foi com Nazaré, que relatou que quando ela chegou ao Movida, percebeu que a dor dela, comparada de outras integrantes, era pequena. Segundo ela, existem pessoas com o sofrimento maior que o dela, considerando a natureza e o contexto do fato acontecido. Mesmo considerando que todos os que participam do Movimento pela Vida são vítimas de violência, observamos que o modo como se deu essa violência se diferencia para cada um. A forma como as pessoas lidam com essa perda é diferente. No grupo, essa ajuda coletiva faz com que, individualmente, os integrantes reflitam sobre suas dores. Sofrer em coletivo, com alguém que tenha vivenciado a mesma dor que vivenciamos, é uma lição de vida.

A primeira história que eu conheci foi a da Odete. Uma moça que me contou a história dela, eu fiquei assim, sabe, meu Deus. Se fosse meu filho que faleceu com um tiro, dois tiros, morreu instantaneamente. A Odete, ela procurou meses a filha. Vivendo com uma pessoa dentro de casa. O rapaz procurava junto com ela e chorava. A filha dela, simplesmente, saiu para trabalhar. A filha dela sumiu. 16 anos. Ela mostrou a foto. Uma moça linda e ela sumiu, sem dar um sinal de vida. O rapaz, o marido dela, procurava junto com ela. Chorava junto com ela. Passou quase um ano procurando quando foi uma vez, ela me contou que botou uma vela no chão e disse: “*Deus, hoje tu vais me dar um sinal se a minha filha está viva ou está morta. Eu quero saber*”. Ela disse que a vela derreteu todinha do lado da cama dela e ela correu para rua desesperada que aquilo ali, aquela vela apagando daquele jeito foi um sinal de Deus. Ela sentiu que a filha dela não tinha mais vida. Correu para rua desesperada. O marido dela não quis mais ficar do lado dela. Se separou depois de anos e alguns meses ela vendeu a casa. Destruíram a casa para construir uma igreja, foram cavar e o rapaz chegou lá e disse: “*Não cave aqui, que aqui era um poço*”. O pastor achou aquilo estranho, quando foram cavar era a moça que estava enterrada. Ele mesmo matou e enterrou. Eu fiquei me perguntando: “*como será que eu ia sobreviver com isso?*”, e a moça onde tinham enterrado foi do lado da cama dela (mãe). Ela dormindo o tempo todo do lado do cadáver da filha. Depois eu fiquei me perguntando: “*Olha a dor dela?*” (informação verbal)⁴⁵

Essa troca de experiência entre Nazaré e Odete foi importante, porque fez com que Nazaré compreendesse sua dor e superasse parte da dor de perda do filho. Percebemos que as pessoas aprendem com a dor do outro. Um é testemunha da dor do outro. Eles se escutam, se

⁴⁵ PEREIRA, Nazaré. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 08 de maio de 2017.

consolam e aprendem uns com os outros. A interação entre eles é constante. É a comunicação em benefício do consolo e da ajuda ao próximo.

Nazaré afirmou a importância da escuta das pessoas dentro do Movimento, denominando de um momento muito rico, mas cuja frequência precisa ser maior, porque possibilitam aos integrantes o avaliar de sua dor. Ela questiona essa ação do Movida, entende que o objetivo central do Movida é a luta pela justiça e pela paz, mas o que também fortalece o sentido de grupo é esse momento de escuta do outro ou estar com o outro. Para ela, essa escuta configura em apoio emocional, de conhecimento do outro, da história de vida das pessoas, das vítimas que perderam a vida e como cada um tem enfrentado essa dor. Acredita na luta do Movida, mas deseja que seja expandida essa ideia de escuta com maior frequência. Esse momento fortalecerá a ação interna do grupo

Nazaré reconhece a ajuda do Movimento em relação aos trâmites policiais e judiciais. É orientada e incentivada a continuar sua luta na justiça, tendo muitas vezes pensado em desistir do caso. Mas o Movida e as pessoas que o integram são o apoio nessa continuidade. “Tudo é muito lento e desestimulante na justiça. Essa lentidão da justiça me deixa sem vontade de continuar a batalha. Mas as companheiras do movimento não me deixam desistir”, afirma na nossa conversa. Relata em tom de desabafo que: “A gente fica esperando pela justiça de Deus, porque essa daqui, sinceramente, eu sou muito desacreditada. É como eu disse, eu chego lá e elas dizem: *Não, amiga, a gente tem que ir atrás*. É essa força que o movimento dá uma para outra”. Nas narrativas de Nazaré, percebemos a necessidade do contato com o outro, quando afirma: “Esse calor humano a gente só recebe da gente mesmo. Só entre a gente”.

4.3.4.3 A experiência de Nazaré com a mídia

O caso do filho de Nazaré teve grande repercussão na mídia paraense, conforme relatou às pesquisadoras. Nos três dias ou mais em que foram publicadas matérias ou transmitidas imagens pelos programas televisivos, Nazaré não conseguiu ler ou ver nada. “Eu não quis ver como apareceu a foto dele lá, atirado. Eu não quis ver. Passou muito na televisão. Eu acho que durante uns dois ou três dias”. Nazaré relatou que levou algum tempo para tomar conhecimento através da mídia sobre o que tinha acontecido com seu filho. “Uma reportagem aparece a fotinho dele, mas é na carteira de trabalho, o crachá de vigilante dele aparece. Ele morto de perto, não. Aparece assim, de longe, não é de perto”.

Nazaré, mesmo antes da morte de Leandro, tinha o hábito de ler e ver reportagens policiais. Depois da morte, deixou de o fazer por um tempo, mas retornou com hábito para saber informações sobre os assassinos do filho. “Hoje eu assisto na intenção de ver que os assassinos do meu filho estão mortos”, nos confidenciou Nazaré. A partir da nossa convivência com cada uma delas e pelas trocas de experiência que foram realizadas durante toda a pesquisa (observação e entrevista), compreendemos essa reação da mãe. A perda de um filho requer muito preparo e maturidade espiritual. Isso leva tempo. Umas em interação com as outras conseguem superar a dor e ter resiliência. Outras ainda precisam da compreensão e afeto.

Podemos explicar essa reação de Nazaré, com base em Schutz (2012), já que a experiência com a violência contribuiu para essa forma de pensar de Nazaré. Além disso, as relações que ela deve ter com outras pessoas podem também contribuir para essa forma de agir. Cada um tem seu ponto de vista a partir de suas experiências sobre algo, assim diz Schutz (2012); cada um tem sua forma de perceber o mundo em que vive.

Ler ou assistir reportagens policiais, segundo Nazaré, somente era feito com o objetivo de obter informações sobre a violência em Belém, a fim de saber se havia algum conhecido, prevenir-se e evitar lugares perigosos. Quando indagamos o que achava da linguagem e das imagens das pessoas vítimas ou não de violência no caderno Polícia, respondeu-nos que a forma como os veículos publicam os fatos não fazia bem para as famílias. Uma pessoa já está tão destruída com o que aconteceu e ainda se depara com aquela imagem nos jornais ou televisão, de um filho ou qualquer outro parente morto. “É chocante, impactante, principalmente para uma mãe”, afirmou.

Os jornais, segundo leitura de Nazaré, querem chamar atenção do público. As fotos, os títulos e os textos são formas de captar os olhares das pessoas, de tornar interessante o ‘produto’ para a venda. “Eles procuram utilizar uma linguagem que a população entenda, porque sabe que esses programas muita gente assiste. Mas acho que a maioria são pessoas que estão em casa, desempregados, geralmente são pessoas de baixa renda”, afirma Nazaré ao falar das pessoas que procuram ler ou assistir reportagens sobre violência. Usam o linguajar popular, gírias para se aproximar da população, enfatiza Nazaré. “É o linguajar popular, né? Como eles falam com bandido. As gírias que eles falam na televisão, mas isso aí é para se fazerem entender pelo público”.

Nazaré observa que os jornais não contextualizam o problema da violência, estão preocupados, segundo ela, em divulgar o fato, sem a preocupação com a história de vida dos envolvidos na matéria ou da família. Nazaré se prende muito mais às narrativas impressas,

considerando, na nossa avaliação, serem veículos que fazem exposição de corpos sem vida e de elementos que identificam a violência – noticiando apenas o que aconteceu, sem aprofundar os outros elementos envolvidos naquele caso.

Apesar das críticas que Nazaré faz às construções narrativas, também pondera sobre a importância da mídia. Segundo ela, a mídia possibilita tomar conhecimento ou ter informações de outros casos, semelhantes ou não, ao seu. Ao ler ou assistir matérias com casos parecidos com que aconteceu com seu filho, imagina a dor da família. Por outro lado, quando observa que a pessoa morta era um ‘bandido’, sente um alívio. A experiência dela com a mídia provoca sentimentos catárticos. Ver a notícia de um bandido morto provoca nela um sentimento de justiça.

Observamos que a experiência de Nazaré com a mídia não foi positiva. A exposição do filho a deixou com um olhar mais atento para as notícias sobre violência. Podemos dizer que ela foi uma vítima da violência da mídia, no sentido da exposição negativa das imagens da morte do filho.

Antes de finalizar nossa conversa, perguntamos a Nazaré sobre o futuro. Ela nos respondeu dizendo estar desacreditada das instituições e das pessoas. “Olha, do jeito que as coisas andam, eu sinceramente não espero muita coisa porque o nosso país, ele está muito desestruturado de tudo né, financeiramente, de tudo. Então eu acho que tem que ser a família, porque quem está de fora é cada um por si. Hoje para mim, a sociedade é cada um cuidando de si”.

4.3.5 Narrativas de D^a. Ana

“A dor é essa lembrança total na alma. É uma dor que não tem remédio, só Deus para nos confortar”

D^a. Ana foi uma das primeiras pessoas com quem tivemos contato assim que chegamos ao encontro do Movida, na Praça da República. Ela chamou muito a nossa atenção pelo jeito tímido, calmo e desconfiado. Não é de falar muito. É uma pessoa bem tranquila. Parece resignada e resiliente. Não percebemos, pelo menos diretamente, sentimentos extremos, como raiva e revolta. Pelo contrário, é doce, calma e tem um jeito encantador.

Com o tom de voz sempre baixo, D^a. Ana contou sua história para nós no dia 5 de julho de 2017. Solteira, ajudante de cadeirante em uma escola pública, mãe de dois filhos, é a única mulher desta pesquisa que não perdeu um filho. A dor de Ana foi a perda do marido. Uma perda

que transformou a sua vida e a dos filhos. Passou necessidade para tentar educar os filhos e hoje tem uma filha fazendo doutorado em Matemática, em Brasília.

À medida que ela nos relatava sua história, lágrimas inundavam seus olhos. Percebíamos que desejava segurar o choro. Não sabemos identificar os motivos, se por vergonha ou outros sentimentos. Porém, a emoção com as lembranças foi maior que o querer dela. Nossa conversa durou cerca de uma hora, sendo uma das mais curtas realizadas entre as integrantes do Movida. A timidez de Ana não nos permitiu ir mais além, pois respondia de maneira breve ao que indagávamos. Foi, no entanto, uma conversa envolta de sentimentos e bem produtiva.

Ana é uma das integrantes mais assíduas do movimento. Em todas as atividades desenvolvidas pelo Movida, lá estava Ana presente. Observamos que o Movida é importante para ela, assim como ela gosta do estar junto com os integrantes. Ana é uma das pessoas mais próximas de D^a. Iranilde, amiga e parceira. D^a. Ana acompanha Iranilde em toda empreitada em que o Movida estiver presente.

Sua entrada no Movida foi após a morte do marido, mas deve sua vida aos filhos. No seu depoimento, relata que tentava se fazer forte na frente dos filhos, para não afetar a vida deles, após a perda do pai. O pai, segundo ela, era tudo para a família, principalmente para os filhos. Ele era o provedor da casa e mantinha uma relação de harmonia e respeito. A dor foi enfrentada por ela para que os filhos não se fragilizassem.

Constatamos que as mães do Movida fazem dos filhos a razão de vida e de luta. O luto acontece para todas. Entendemos o luto, após escuta das integrantes, como perda significativa de uma parte da vida. Ou seja, o luto se constitui no período de tomada de consciência da dor, do sofrimento e da constatação de continuidade do viver, pois “eu” e os outros que precisam de “mim”, temos que retomar a vida. O sentimento de tristeza assombra por um longo período, conforme relatos.

4.3.5.1 A experiência da dor de D^a. Ana

O marido de D^a. Ana morreu esfaqueado no 16 de maio de 2012. Ele se chamava Adenilson Rodrigues, 52 anos, era arrendatário do clube ASSIBAMA⁴⁶. Ele foi esfaqueado por dois homens que assaltaram o clube. Anteriormente, segundo Ana, esses mesmos rapazes já tinham roubado o clube, e seu marido registrou um boletim de ocorrência na delegacia. De

⁴⁶ Associação dos Servidores do IBAMA

acordo com ela, por vingança, voltaram e mataram Adenilson. D^a. Ana relata a história com muita tristeza e voz embargada.

Algumas pessoas disseram, que ele estava almoçando e na hora que ele chegou do almoço. Ele entrou no clube e não tinha ninguém. Ele tinha ido pagar uma pessoa, para trabalhar, para ajeitar o campo, para capinar e o rapaz que veio, na hora dois caras estavam saindo do clube. Por que? Na hora ele já estranhou e disse assim: *“esses rapazes estão aí? Eles estão proibidos de entrar aí, por que que eles estão saindo?”*, porque meu marido tinha proibido deles entrarem. Eles tinham roubado e ele descobriu. Em abril do mesmo ano, ele tinha feito um boletim de ocorrência contra essas criaturas. E ele proibiu de entrar porque eles roubavam cerveja, cadeira, muita coisa de lá. Então, eles chegaram, roubaram ele e mataram, segundo a testemunha que estava lá dentro. [...] disseram que eles iriam matar porque ele tinha denunciado eles. Então foi triste demais, sabe? Não consigo nem... é como se eu tivesse vendo todo esse filme, porque embora eu não vi esse episódio, é como se tivesse passando na minha cabeça... é muito constrangedor. É uma coisa que não desejo para o meu inimigo, eu não desejo. Isso é uma ferida que se abre todo dia e sangra, sabe? Então... aí eu não sabia quem tinha matado. Até saiu no jornal. Os bandidos mataram meu marido, *“mas quem foi? Quem foi?”*, e as pessoas com medo de me dizer, me explicar. Depois eu vim saber de toda a verdade (informação verbal)⁴⁷.

Ao narrar a morte do marido, D^a. Ana demonstra ainda muita dor, assim como reforça a tristeza dos filhos, que inclusive sempre estão presentes na sua narrativa, como se Ana falasse em nome dos três, ou seja, a dor não foi somente dela, mas também dos filhos que amavam muito o pai e o perderam, de forma bárbara. Era impossível falar na dor dela sem incluir os filhos nessa tristeza. Relatou como os filhos ficaram sabendo da morte do pai. A filha estava na universidade. Mas relata Ana que só permitiu que avisassem a filha depois que o corpo do pai fosse recolhido pelo Instituto Médico Legal. Com o filho não foi possível fazer isso, porque ele estava junto com a mãe e chegou lá e presenciou a cena do crime. Ana disse que o filho ficou traumatizado. A filha, conta D^a. Ana, até quis parar os estudos, pois não tinha condições emocionais, mas reforça Ana, “Deus foi tão bom, que na época, no ano, houve uma greve na universidade, parece que foram 6 meses”. Esse tempo ajudou a colocar em ordem os sentimentos de sua filha.

Indagamos se sentia-se uma vítima da violência. De imediato, Ana disse que sim. “A violência é a pior coisa que pode existir na vida do ser humano. Ela traz muitos traumas, ela desequilibra todo nosso viver, fica uma marca para sempre”, desabafa D^a. Ana. Continua

⁴⁷ RODRIGUES, Ana. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 05 de julho de 2017.

narrando, dizendo que o sonho de seu marido era ver a filha formada. “Ele planejava em fazer um almoço para comemorar a graduação da filha e reunir a família”.

A falta do pai para os filhos era a maior tristeza de Ana, que lembrou das dificuldades enfrentadas após a morte do marido e de como a figura do pai era importante para aquela família. Nesse momento, Ana, de cabeça baixa, apresentava um choro tímido e contido. Nós também seguramos as lágrimas muitas das vezes. Assim como quando a dor de uma delas passa a ser de todas, nesses dias em que tivemos contatos mais próximos com elas durante as entrevistas, as dores passaram a ser nossas também. Sentimos tristeza, angústias e revoltas junto com elas. As experiências delas com a dor foram nossas por esse tempo.

D^a. Ana, assim, relata às pesquisadoras que hoje não tem mais medo de acontecer algo com ela. A violência experienciada, com a morte do marido, trouxe uma coragem que não imaginava que tinha. Mas com relação aos filhos, se diz constantemente preocupada com a violência urbana. “Minha filha não vai para canto nenhum. Só pra estudo, às vezes, ela vai para igreja e eu sempre me preocupo quando ela fica na universidade até tarde. Meu filho, quando chega tarde do serviço, lá pela meia noite, eu só me deito depois que ele chega”. O medo de Ana é perder os filhos como perdeu o marido. A violência deixou sérios traumas, isto é, a coragem com que enfrenta as lutas para punir os culpados pela morte do seu marido, não é a mesma com relação aos filhos. Teme que possa acontecer alguma coisa com eles.

Segundo ela, a religião foi fundamental na sua vida, pois ajudou a superar a dor da perda, pois é uma dor da alma. “É muito difícil superar essa dor, porque uma dor natural você toma um remédio e passa, alivia aquela dor. Essa só Deus pode ajudar”, afirma Ana.

Na sua narrativa, são enfatizados a solidão e o abandono, dela e dos filhos, com a morte do marido. Diz que não recebeu ajuda de ninguém. O filho estava desempregado e a filha na universidade. Ana relata que foi uma fase bem difícil. Ela se isolou do mundo, com uma tristeza profunda. Segundo ela, foi um ano de muitas perdas, pois também teria perdido um irmão com quem ela contava. “Tudo aconteceu ao mesmo tempo. A família ficou desestruturada”, afirma. Relata que foi um momento de revolta. Ninguém da família saía de casa, não se tinha mais vida. Lembra que não houve comemoração na formatura da filha. Não havia ânimo para nada. Hoje isso mudou, conta Ana, foi uma fase de superação da perda.

Mesmo com a desestruturação da família pela perda, Ana diz que consegue perdoar as pessoas que fizeram mal ao seu marido. “Nada do que aconteceu vai trazer meu marido de volta. Eu perdi ele. A minha filha também... o meu filho que se exalta um pouco, às vezes, mas ele já está aceitando...”.

4.3.5.2 D^a. Ana e o Movida

Ana relata que soube da existência do Movimento pela Vida no Ministério Público do Estado do Pará (MPPA) por uma pessoa que trabalhava na portaria da instituição e forneceu os contatos de D^a. Iranilde e de D^a. Andreлина. No mesmo dia, tentou entrar em contato Iranilde, mas o telefone estava ocupado. Resolveu ligar para Andreлина e as duas marcaram um encontro na casa de Andreлина. Foi assim que começou a história de Ana com o Movida.

O contato com o Movida aconteceu sete meses após a morte do marido, pois, durante esse tempo, Ana estava reclusa e não queria contato com ninguém. Somente em dezembro de 2012, após muita tristeza, resolveu procurar ajuda. Ela nos conta que desde do primeiro contato com o Movida, já foi bem acolhida. “Eles me apoiaram. São pessoas maravilhosas”, contou Ana. Observamos que Ana tem um sentimento de gratidão pelo movimento e pelas pessoas que a ajudaram, como D^a. Iranilde. Por isso, afirma que tem uma dedicação e carinho pelo movimento.

Ah, o movimento foi muito bom para mim. Me acolheram. A Iranilde e a Andreлина me acolheram de braços abertos, aquele abraço forte que ela me deu marcou muito, sabe? Encontrei aquelas mães muito sofridas. Então quando eu vi que o meu sofrimento diante das delas era pequeno. Iranilde vivia só para este movimento. Não se ligava em nada, só resolver os problemas dos outros e aí eu comecei a me acalmar. Eu me achei uma outra pessoa. Eu não estava sozinha. Ali a gente entendia a mesma linguagem uma da outra. Fui interagindo com outros grupos e lá eles nos deram apoio e nas horas precisas ela sempre me apoiava. Julgamento, audiência, elas estavam presentes e qualquer coisa, elas são sempre presentes (informação verbal)⁴⁸

Constatamos que o Movida se configura como um lugar de apoio, de escuta e de acolhimento. As integrantes se encontram na dor. É o lugar onde elas se sentem compreendidas por viverem a mesma experiência: a experiência com a violência, com a dor e com a perda. D^a. Ana percebe o Movida como um suporte emocional, ainda que não seja essa a ideia do movimento. Mas o estar junto resulta nessa sociabilidade e solidariedade, na parceria diante da dor, de umas com as outras. As pessoas vão chegando no grupo, vão relatando as suas dores e vão se apoiando.

O Movida para Ana é um movimento de respeito e reconhecido pela sociedade. Ela relata que as integrantes do Movida quando chegam no Ministério Público são logo atendidas.

⁴⁸ RODRIGUES, Ana. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 05 de julho de 2017.

“A gente tem muito respeito. A D^a. Iranilde é uma pessoa muito querida. Por causa disso, todo mundo que veste a camisa tem sempre o respeito”, contou. Os encontros na Praça da República, para Ana, são fundamentais para divulgar o trabalho do movimento. O Movida na praça:

É para as pessoas perceberem que existe esse grupo que está preocupado com a violência. Ali vai muita gente, então as pessoas veem aqueles banners e veem como é que está a violência. É para ver se alguém se sensibiliza para poder nos apoiar e conhecer a existência do Movida. Eles lutam pelo fim da violência. Já está dizendo: Movimento pela Vida (informação verbal)⁴⁹

O Movida é resultado da violência na Região Metropolitana de Belém. Do mesmo modo, um exemplo de combate à injustiça. Ana compreende a ação do Movida na Praça da República como de divulgação, de sensibilização e conscientização das pessoas sobre a violência. As integrantes que participam, na praça, são testemunhas das experiências de dor, de violência e de construção de uma cultura de paz. Suas presenças têm uma representação simbólica contra a violência, pois foram vítimas diretas de ações violentas, avalia D^a. Ana.

Ana acredita na necessidade de engajamento de outras pessoas, que sofreram ou não violência, pois a luta é de todos, não apenas daqueles que já sofreram a violência.

4.3.5.3 A experiência com a mídia

O caso do marido de D^a. Ana foi divulgado nos jornais *O Liberal*, *Amazônia*, *Diário do Pará* e nos programas televisivos. Ela narrou que, quando ela chegou ao local, toda a imprensa estava lá. As fotos do marido morto e algumas informações equivocadas foram divulgadas. Ana relata que ficou muito incomodada com a construção feita pelo jornal *Diário do Pará*, apresentando seu marido como ‘mulherengo’, assim como insinuando que ele (marido) seria responsável pela própria morte. “Essas notinhas do Diário foi que me fez ir avante, porque eu sabia tinha sido um assalto. Estava com a prova em casa de que meu marido tinha sido roubado e que ele falou que ele sabia quem era”, disse D^a. Ana. As insinuações do jornal estimularam Ana a seguir com a investigação com objetivo de identificar a verdade do que tinha acontecido. Ana relata que as informações foram colhidas pelos repórteres a partir do relato de outras

⁴⁹ RODRIGUES, Ana. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 05 de julho de 2017.

pessoas que frequentavam o local e que não conheciam seu marido, pois o filho que estava no local, ao seu lado no dia do crime, não quis falar com a imprensa.

Narra Ana que até hoje seus filhos não tiveram coragem de ler as matérias sobre o pai nos jornais, pela exposição negativa e inverídica que foi construída. Matérias que foram consideradas agressivas e chocantes. D^a. Ana também não as leu. Para D^a. Ana, aquela imagem do marido morto, ou seja, a forma como foi divulgado, foi chocante e dolorosa. Mesmo após essa repulsa na construção das notícias, perguntamos a D^a. Ana o que ela achava das matérias do caderno polícia:

Eles põem as fotos... poxa a do meu marido estava lá terrível. Todo esfaqueado. Sete facadas. Então, não era para eles fazerem isso. Isso choca muito, principalmente a família. Por pior que seja a pessoa que está ali, mas a família vai sofrer. Ele tem uma mãe, tem uma irmã, tem um filho. Uma vez eu estava passando na praça de São Brás, no ano de 2014, e eu ainda vi o jornal com a foto do meu marido lá morto (informação verbal)⁵⁰

Mesmo enfatizando os aspectos negativos dos cadernos policiais, D^a. Ana reforça a importância da mídia no sentido de bem informar à sociedade. Questiona somente o modo, pois não concorda com como as imagens das pessoas são publicadas e nem com os recursos utilizados na construção das páginas dos jornais. “Isso aí eles deveriam rever. Duas coisas aconteceram na minha vida: o crime e isso, que parece que foi uma punhalada no meu peito”, a foto do marido morto nas capas dos jornais.

Relatou que nunca teve o hábito de ler notícias sobre violência, mas que olhava as manchetes. Porém, após a morte do seu marido, passou a assistir às notícias veiculadas na televisão, em todos os jornais, inclusive notícias sobre violência. No entanto, ela não assiste aos programas específicos sobre violência. Ela reconhece que a mídia é importante para a divulgação de alguns casos, mas enfatiza que, em casos que estão sofrendo processo de investigação, a divulgação pode atrapalhar. Para ela, a divulgação na mídia pode incentivar a fuga dos criminosos e ainda pôr em risco a vida das testemunhas e da família da vítima.

Observamos na fala de D^a. Ana uma experiência negativa com a mídia. Reconhece a importância da mídia, mas desde que ela cumpra seu papel na busca da informação e respeite o uso de imagens e de informações verídicas, pois os dados equivocados podem causar tantos danos quanto uma morte física.

⁵⁰ RODRIGUES, Ana. Entrevista concedida as pesquisadoras Ana Paula Mesquita, Alda Costa e Denise Salomão. Belém: 05 jul. de 2017

D.^a Ana hoje é uma mulher que superou sua dor. Ela nos contou que se dedica ao trabalho, à igreja e ao Movida. Está feliz pela filha e tranquila com o filho. “Hoje eu estou feliz porque a minha filha está lá, espero que ela conclua, e que tenha uma vida melhor. Espero que não aconteça mais nenhuma violência”, concluiu.

Analisando as experiências vividas pelas integrantes do Movida, a partir das coletas de dados e dos resultados da nossa pesquisa, entendemos que as trocas de experiências delas ocorrem em várias situações – quando elas se relacionam entre elas, com os outros que não fazem parte do grupo e com a mídia.

Observamos que as trocas de experiências no Movida foram realizadas em vários aspectos, tais como no processo de mediação, no qual elas se mostram na Praça da República, nas caminhadas e em eventos promovidos pelo próprio grupo. Nesse momento, em que elas se tornam visíveis aos outros, elas estão em interação com o mundo da vida. Estão expondo um ponto de vista sobre a violência. Um ponto de vista de uma pessoa afetada pela violência. Buscando em Schutz (2012) essa explicação, o autor diz que o indivíduo interpreta o mundo sob um certo *prima*, sob uma determinada perspectiva. Logo, quando as integrantes do Movida estão se expondo em locais públicos, naquele momento, elas estão defendendo um ponto de vista sobre a violência.

Na medida em que elas vão tendo a reação do outro – esse outro podendo ser um indivíduo, as instituições, a mídia –, elas se comportam no mundo da vida mediante a esse outro. Schutz (2012) defende que o nosso comportamento é orientado pelo outro. “Eu ‘oriento’ minha ação, segundo esses seus contextos motivacionais, assim como você ‘orienta’ a sua ação em relação aos meus” (SCHUTZ, 2012, p. 212). Observamos que o fato de elas terem a necessidade de se tornar visíveis é uma orientação a partir de ação do outro, pois é importante que suas histórias e movimento se tornem públicas para ganhar o respeito das instituições e a força no seio social.

Constatamos que as experiências podem ser realizadas no momento em que elas se relacionam umas com as outras no grupo, quando elas dividem e partilham as dores. Para confirmar a reflexão, buscamos em Schutz (2012) a explicação sobre as reservas de experiências, pois notamos nas falas delas uma cumplicidade, um mesmo pensar quando se fala sobre a violência, a mídia e a dor. Há um mesmo modo de pensar sobre tais assuntos. Há uma certa tipificação sobre a violência e a mídia que foi construída ao longo das relações entre elas e outros indivíduos.

Ainda nesse raciocínio, notamos que todas elas são contra os direitos humanos. Sobre essa atitude delas, buscamos em Schutz (2012) a compreensão para esse agir delas no mundo da vida. Assim, entendemos que a experiência delas com a violência e a experiência com as instituições, além de outras experiências que podem interferir nesse modo de agir e pensar no mundo da vida, fizeram com elas desacreditarem os direitos humanos. Assim, os direitos humanos, a partir das relações e experiências vividas por elas, foram tipificados.

Schutz (2012) diz que as tipificações são construídas nos indivíduos a partir das relações intersubjetivas no mundo da vida adquiridas ao longo do tempo. As integrantes do Movida falam igualmente sobre a mídia. Elas reconhecem que a mídia utiliza de narrativas violentas e sensacionalistas, mas que para a divulgação do Movida, a mídia é fundamental. Buscando em Schutz (2012) a explicação para essas falas parecidas, trata-se de uma forma de perceber que o conceito sobre a mídia foi construído a partir das relações entre elas e pela experiência que tiveram com a violência.

Mas as trocas de experiências também estão presentes no que fez o Movimento pela Vida ser um grupo. Na entrevista, pudemos identificar a união e coesão nas falas, que revelam a força do grupo. Assim, buscamos em Simmel (2006) a explicação de socição para analisar a relação das integrantes do Movida. O autor diz que os indivíduos se associam uns aos outros por objetivos em comum. Percebemos no Movida essa socição, quando elas relatam a experiência com a organização. Todas narram que o movimento foi algo importante na vida delas, que no grupo elas se sentem compreendidas. A dor foi o que as uniu, mas o sentimento de justiça foi o que as fez ser o grupo.

Elas valorizam a formação em grupo. Entendem que elas em grupo ganham mais força. Simmel (2006) defende que o indivíduo sozinho não tem força, mas ele em grupo fica forte. Elas revelam isso nas próprias manifestações públicas e nas suas falas, quando dizem que o Movida ajudou muito no andamento dos processos; muitas delas afirmando que, se não estivessem no Movida, talvez não tivessem conseguido a justiça. Elas entendem que o grupo ganha notoriedade das autoridades e da sociedade quando está em associado.

Ainda no pensamento de Simmel (2006), percebemos que o conceito de sociabilidade é forte no grupo. O autor diz que a sociabilidade vem do querer estar junto. Isso é notório nos encontros na Praça da República e nas falas delas durante as entrevistas. Todas elas disseram que gostam de estar no Movida, que nele se sentem bem, ainda que, como em todo grupo, haja tensões frequentes. Isso é relevante, porque se trata de indivíduos que carregam suas bagagens culturais se confrontando com outros indivíduos.

A esse respeito, Simmel (2006) explica que o sentido do tato é importante para o grupo, pois promove a autorregulação do indivíduo. O autor explica que essa autorregulação é positiva para o grupo, pois promove a boa relação entre os indivíduos. Esse processo faz parte dos recursos da sociabilidade, defendidos por Simmel (2006), para manter o grupo forte e unido. Exemplificando a teoria de Simmel no cotidiano do Movida, vemos em D.^a Iranilde Russo o exemplo para esse tato e autorregulação. Por ser a presidente do grupo e por ter-nos relatado que já houve problemas de divergências no grupo, D.^a Iranilde tenta manter o tato e promovendo esse regulação no grupo, já que observamos nela o cuidado na hora de falar e de se relacionar com os outros integrantes do movimento.

No Movimento pela Vida, as trocas de experiências do grupo também podem ser percebidas nas narrativas de testemunho. As aparições nos locais públicos são uma forma de testemunhar a sua dor e a violência sofrida pelo ente querido. Ricoeur (2008) diz que o testemunho pode ocorrer pelas manifestações do grupo. O fato de elas se manifestarem pode ser configurado como um testemunho, segundo leitura que efetuamos do autor.

O testemunho tem como sentido a questão da memória. Consideramos que os banners são uma prova testemunhal da dor e do fato ocorrido com seus entes queridos. Elas têm esse desejo de manter a memória viva daquele que se foi, sendo uma forma de não os deixar no esquecimento. Apropriando-se de uma perspectiva hermenêutica do testemunho, trata-se ele de algo a se interpretar a partir das manifestações, que não precisam ser verbais, pois as aparições são também uma forma de testemunho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre violência não é fácil. Requer cuidado e detalhes que precisam ser refletidos para compreender o problema. Violência é o mal social que está presente no nosso cotidiano. Se estabelece por conta das trocas de experiências entre os indivíduos.

Dessa forma, pesquisar indivíduos que foram afetados pela violência foi um desafio para mim, enquanto pesquisadora e indivíduo. Primeiro, não sabíamos como iríamos encontrar essas pessoas. Muito menos de que forma iríamos nos relacionar com elas. No primeiro dia em que tivemos o contato com o grupo, na praça da República, fomos muito bem recebidos pela presidente Iranilde.

Porém, em algumas integrantes, encontramos resistência. Nem todas abraçaram a nossa chegada. Olhares desconfiados e atentos se voltavam para nós. Nesse momento, encontramos o primeiro desafio: percebemos que para o bom andamento da pesquisa, seria necessário adquirirmos a confiança de todas. Foram meses de observações e muito respeito com aquele ambiente e pessoas. Sabíamos que só o tempo permitiria formar laços.

Aos poucos, cada uma delas vinha conversar conosco. Um perguntavam: “qual é o caso de vocês?”. “Caso”, neste contexto, tem a ver com o caso de violência, como se quisessem entender nossa razão em estar ali.

Outras perguntavam quem havíamos perdido, quem nós éramos. Questões de quem tenta identificar ou se relacionar com uma pessoa estranha. Calma e didaticamente explicávamos que estávamos ali para fazer uma pesquisa. A curiosidade aumentava. Essa curiosidade foi um motivo para que algumas delas se aproximassem.

Aproveitávamos essas oportunidades de forma estratégica e empática. Estávamos ali para uma pesquisa científica. Só que era difícil não sentir empatia e comiseração, ao passo que as histórias de violência que estudávamos eram reveladas e confiadas a nós. Percebíamos as diferentes reações humanas diante de uma memória traumática: vergonha, confiança, medo, desconfiança, tristeza, revolta...

Com o tempo, a nossa presença já não era mais estranha. Recebíamos convites para participar de julgamentos relacionados aos casos acompanhados pelo Movida. Também de qualquer evento promovido pelo grupo ou no qual participaria. Tentamos comparecer à maior quantidade possível.

A conquista da confiança do Movida foi natural. Nada foi forçado ou imposto. Tivemos o cuidado de manter o respeito e a confiança.

Os momentos na praça da República deixaram de ser de distanciamento e timidez. Já nos conhecíamos. Eram momentos de longa conversa. A cada momento em que nós entrávamos no universo do Movida, mais ideias para a pesquisa surgiam.

Nos encontros, elas conversavam sobre a vida cotidiana, mas pensavam em estratégias para a divulgação do Movida. Formulavam agendas do grupo, analisavam ações, refletiam sobre casos e julgamentos. Tudo misturado a momentos de descontração. O encontro durava a manhã toda, do último domingo de cada mês. Essa manhã tinha de ser produtiva por ser mensal. Com intervalos de um mês, cada integrante tinha muito a falar.

Durante a pesquisa e a leitura sobre a fenomenologia social, pudemos identificar o processo de intersubjetividade no grupo. A primeira situação que identificamos como troca de experiência foi o processo de midiatização. Os banners e as exposições eram em locais públicos, estrategicamente pensados para a notoriedade do grupo. Esse pensamento se confirmou quando as entrevistamos. A maioria delas diz que o espaço na praça da República é um lugar de visibilidade para o Movida.

Com leituras mais intensas, identificamos a força do grupo. As integrantes têm consciência de que o grupo é forte. Elas sabem que a imagem do Movida, em alguns lugares, principalmente as instituições jurídicas, tem uma influência e força social. O grupo está unido porque houve uma sociação de indivíduos que tinham o mesmo interesse de lutar por justiça. Tudo isso foi possível identificar por observação junto a leituras executadas durante a pesquisa.

Quando fomos para o segundo momento da pesquisa, que eram as entrevistas, pudemos conhecer as integrantes do Movida mais um pouquinho. Pudemos observar seu comportamento individualmente.

Agendar as entrevistas foi uma das dificuldades. Em um dos encontros na praça, avisamos que pretendíamos fazer algumas entrevistas para a nossa pesquisa. Comunicamos a elas. Quando abordávamos as integrantes, algumas não gostavam da ideia. Ficavam meio reticentes. Outras aceitavam na hora. Mas quando ligávamos para confirmar o encontro, diziam que não poderiam comparecer. Por respeito e por também desconhecer se havia algum motivo mais íntimo para o não comparecimento, não insistíamos. Sabíamos que poderiam estar com medo, tristes ou simplesmente não confiavam o suficiente.

Quando as entrevistas começavam, era momento de adquirir confiança das entrevistadas. Só assim elas poderiam contar suas histórias, relembrar a dor da perda...

Para nos ajudar, tivemos que recorrer a D^a. Iranilde. Pedimos que ela comunicasse as integrantes que se tratava apenas de entrevistas para uma pesquisa acadêmica. Explicamos o

que seria a pesquisa. Algumas delas adquiriam confiança e aceitavam. Outras se mantiveram reticentes.

Apesar das dificuldades, conseguimos realizar as entrevistas. Foi o momento de contato mais próximo e íntimo. Foi uma troca de experiências ímpar para nós. Nos envolvemos a cada história. Nos emocionamos a todo momento em que elas se lembravam do ente querido perdido para a violência. As entrevistas foram experiências difíceis, pois lidamos com as lembranças e com as dores alheias. Elas se dispuseram a falar para nós de suas saudades e tristezas. Muitos choros, silêncios e pausas nas falas. Não foi fácil ver mulheres aguerridas se fragilizando diante de nós. Exigiu de nós muito preparo emocional. Mas somos humanas como elas. No mínimo, conseguíamos imaginar o que as entrevistadas passavam.

Nas entrevistas, identificamos suas personalidades, formas de agir e pensar. Identificamos suas revoltas, medos e anseios. Com essa experiência, conseguimos apreender que o Movida é um testemunho da dor e da violência de seus integrantes. Sobre testemunho, entendemos que é algo que deve ser dito ao outro. As integrantes do Movida vestem camisetas brancas com as fotos do ente querido perdido, expõem banners e se mostram em reuniões em locais públicos. Concluimos que isso é uma manifestação testemunhal.

A exposição delas na praça da República é uma narrativa. Assim, é como se elas quisessem que olhássemos para a dor delas. Elas querem ser vistas e ouvidas. Querem que sejamos testemunhas da dor delas. Os banners são recursos comunicacionais utilizados por elas para narrar essa dor. E “nós”, ou os outros, seremos testemunhas dessa dor. Está ali, no banner, na pessoa, na camisa, na expressão, a história e a vítima da violência.

A cada história contada em eventos, ou em quaisquer outras manifestações, somos testemunhas da dor e do fato ocorrido. Dizemos do fato ocorrido, não diretamente, mas a partir da narrativa de terceiros. Quem entra em contato, é uma testemunha, ainda que não tenha visto ou ouvido nada a respeito. Consequentemente, essa narrativa é passada adiante.

Contudo, as trocas de experiência das integrantes do Movida se realizam na esfera da sociabilidade, narrativa do testemunho, pela mediação e pelo sentimento de empatia. Tudo isso pode se configurar como um processo comunicativo entre elas e o seio social. Analisamos, portanto, as trocas de experiências do Movida sobre a violência a partir dessas perspectivas conceituais.

Tivemos dificuldades com a riqueza que é o Movimento Pela Vida. Constatamos que poderíamos refletir e discutir inúmeras teorias. Isso deixou-nos confusas, pois queríamos abordar tudo. Foram muitas informações difíceis de organizar em ideias.

Para tanto, tínhamos a convicção que para fortalecer essa pesquisa, precisaríamos ter nos aprofundado nas discussões sobre narrativas. Assim como nos conceitos das interações face a face e sobre as representações sócias. Identificamos esses conceitos presentes no grupo, porém não foi possível nos aprofundarmos neles durante essa pesquisa. Mas daremos continuidade em um doutorado e em projetos pesquisas.

Para nós, pesquisadoras, esta pesquisa não será concluída da mesma forma que a iniciamos. No início, estávamos cheias de nossas percepções particulares, das experiências que adquirimos ao longo de nossa vida, mas que depois tivemos em contato com essas pessoas, com certeza, modificou muito nosso olhar para a violência, para as vítimas, para as mães e para o mundo.

Cada momento que tivemos com elas foi um aprendizado, uma troca de experiência da dor. Dor essa que escutamos, que fomos testemunhas e que por esse tempo e convivência com elas fez parte de nós. Toda a narrativa de dor relatada a nós, nesse tempo, nos atingiu profundamente. Nos envolvemos. Nos colocamos no lugar delas. Tivemos momentos de emoção, lágrimas e choros contidos. Foi uma pesquisa para refletirmos muito sobre as queixas que fazemos da vida. As trocas de experiências que tivemos com elas foi para além da pesquisa. Nos atingiu individualmente, de forma particular e transformadora.

Estudar as trocas de experiências nos forneceu uma visão profunda do indivíduo. Somos uma construção coletiva de vários mundos e várias experiências. Essas experiências podem acarretar resultados para o bem e para o mal. Esse estudo das intersubjetividades, pautadas na fenomenologia, se tornou uma forma de tentarmos manter uma boa relação com outro. De entender o outro. Sem julgamentos. E quando chegarmos a esse patamar, talvez buscaremos a paz pela qual as integrantes do Movimento Pela Vida tanto lutam e defendem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CASTRO, F. F. **Entre o mito e a fronteira**. Belém: Labor editorial, 2011.

_____. A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 48, n. 1, p. 52-60, jan./abr. 2012.

CAPALBO, C. **Metodologia das ciências sociais**: a fenomenologia de Alfred Schutz. 2. ed. Londrina: UEL, 1998.

CORREIA, J. C. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

COSTA, A. C. **A violência como espetáculo**: um debate em torno do Programa Metendo Bronca. 2004. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

_____. Um olhar midiático sobre a violência. In: BRITO, D. C.; BARP, W. J. (Org.). **Violência e controle social**: reflexões sobre práticas de segurança pública. Belém: Numa/UFPA, 2005. p. 173-190.

_____. **O embate entre o visível e o invisível**: a construção social da violência no jornalismo e na política. 2010. 349 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

_____. A violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In: MALCHER, M. A., et al. (Org.). **Comunicação midiática na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011. p. 179-204.

COSTA, A. C.; CORRADI, A.; AMORIM, C. Movimento pela vida na Amazônia paraense: cidadania, violência e ação política, In SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA LATINA, 2., 2017, Belém. **Anais...** Belém: NAEA, 2017. p. 4341-4354.

DENIS, L. **O problema do ser e do destino**: os testemunhos, os fatos e as leis. Rio de Janeiro: CELD, 2011.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 72-82.

FELMAN, S. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **Catástrofe e representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000. p. 13-72.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

FRANÇA, V. **Jornalismo e vida social**: a história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FREITAS, J. L.; MICHEL, L. H. F A maior dor do mundo: o luto materno em perspectiva fenomenológica. **Revista Psicologia em Estudos**, Maringá, v. 19, n 2, p. 273-283, abr./jun. 2014.

GARCÍA, M. R. As contribuições do pragmatismo de William James e da fenomenologia social de Alfred Schutz à Comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 221-235, 2010.

- GOFFMAN, E. **Quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LANE, S. T. M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 78-98.
- MARTINO, L. M. S. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com alteridade. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 40-49, jan./jun. 2016.
- MORAES, E. **Aruanda / Banho de cheiro**. Belém: SECULT, 1989.
- MOTTA, L. G. Por que estudar narrativas? In: MOTA, C. L.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. J. (Org.). **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 23-32.
- _____. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.
- PERES, A. C. Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 31, p. 92-104, abr. 2016.
- PERUZZO, C. M. K. Observação participantes e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p.125-145.
- RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- _____. **Fe y filosofía: problemas del lenguaje religioso**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.
- RODRIGUES, A. D. **Estratégias da comunicação: questão comunicacional e forma sociabilidade**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- _____. **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- _____. Comunicação e experiência. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, Covilhã, p. 1-7, 1997. Disponível em: <<https://goo.gl/pmrd8t>>. Acesso em: 25 set. 2017.
- SANTIAGO, S. O narrador pós-moderno. In: SANTIAGO, S. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 44-60.
- SARTI, C. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 10, n.1, p. 3-13. jan./jul. 2001.
- SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista de Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.
- _____. “Zeugnis” e “Testemuniu”: um caso de intraduzibilidade entre os conceitos. **Revista Pandaemonium germanicum**, v. 6, p. 67-83, 2002.
- SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SGORLA, F. Discutindo o “processo de mediação”. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, p. 59-68, jan/jun, 2009.
- SICA, K. A fenomenologia e a teoria da comunicação: sob o ponto de vista de Alfred Schutz. **Revista Comtempo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-11, 2013.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e mídiatização. In: MORAES, D. (Org.). **Sociedade mídiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 21 -31.

TEDESCO, J. C. Georg Simmel e as ambiguidades da modernidade. **Revista Ciências Sociais da Unisinos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 57-67, jan./abr. 2007.

TEIXEIRA, J. S. Hermenêutica do testemunho. **Didaskália**, Lisboa, v. 21, n. 1, p. 29-61, 1991.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VAZ, P.; RONY, G. Experiência urbana e narrativa do crime. **E-Compós**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 1-22, jan./abr. 2008.

VERÓN, E. Teoria da mídiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n1, jan./jun. 2014.

APÊNDICE A - APROVAÇÃO DA PESQUISA NO SISTEMA NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

LISTA DE PROJETOS DE PESQUISA:									
Tipo	CAAE	Versão	Pesquisador Responsável	Comitê de Ética	Instituição	Origem	Última Avaliação	Situação	Ação
P	75343417.0.0000.0018	2	ANA PAULA DE MESQUITA AZEVEDO	18 - UFPA - Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará		PO	PO	Aprovado	

LEGENDA:

(*) Tipo
P = Projeto de Centro Coordenador Pp = Projeto de Centro Participante Pc = Projeto de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE

Ano de submissão do Projeto						Tipo do centro			Código do Comitê que está analisando o projeto										
n	n	n	n	n	n	a	a	.	dv	.	t	x	x	x	.	l	l	l	l
Sequencial para todos os Projetos submetidos para apreciação						Digito verificador			Sequencial, quando estudo possui Centro(s) Participante(s) e/ou Coparticipante(s)										

(*) Origem Última Avaliação

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Objetivo⁵¹:

- 1) Nome/Idade e profissão
- 2) Quem foi a vítima de violência. Conte o que aconteceu?
- 3) O que é violência?
- 4) Você se acha uma vítima de violência?
- 5) O que é a dor?
- 6) Como ficou a família após a morte do parente?
- 7) Qual o sentimento com relação à violência?
- 8) Qual sentimento com relação às instituições?
- 9) O que pensa sobre o sistema de justiça e as leis no país?
- 10) Você acha que as pessoas são solidárias com as vítimas de violência?
- 11) Você acha que a sociedade está preparada para acolher as vítimas de violência?
- 12) O que a aproximou do MOVIDA?
- 13) O que acha do MOVIDA?
- 14) É importante a organização em grupos?
- 15) Você participa ativamente do Movida?
- 16) O que acha que falta para fortalecer ainda mais o Movida?
- 17) Qual o papel hoje do MOVIDA na sua experiência com a violência?
- 18) Você acha importante o encontro com outras vítimas de violência? Por quê?
- 19) Qual a importância dos encontros na Praça da República?
- 20) Sente solidariedade das pessoas que estão na praça para com a ação de vocês na Praça?
- 21) O Movida tem um banner em que expõe um pouco a narrativa das vítimas de violência. Por que você acha que ele é importante?
- 22) Como a relação com os outros integrantes?
- 23) O Caso de seu parente foi noticiado nos jornais ou emissoras de tevê?
- 24) Como você se sentiu com a publicação da matéria sobre o caso?
- 25) Como enxerga o papel da mídia na divulgação de casos de violência?
- 26) Qual o sentimento experimentado ao ver a imagem estampada nas capas dos jornais?
- 27) Antes de acontecer a morte de seu parente, você costumava efetuar leitura dos cadernos de polícia?
- 28) Hoje você ler esses cadernos? Por quê?
- 29) Você assiste programas televisivos que tratam sobre violência ou ações policiais? Quais?
- 30) Qual a sua experiência com a publicação de matérias sobre homicídios no Pará ou outras regiões?
- 31) Você acha importante o papel da mídia? Por quê?

⁵¹ O presente roteiro é apenas um indicativo de perguntas que podem ser formuladas para os integrantes do Movimento pela Vida – MOVIDA, mas a finalidade é deixar os ouvintes à vontade para falar da experiência no movimento e como o problema violência.

- 32) Como você acha que os jornais ou emissoras de tevê de cunho policial deveriam falar sobre a violência?
- 33) Como é sua vida hoje?